



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO
LETRAS – TRADUÇÃO – ESPANHOL – NOTURNO

HEBERTT DE ALMEIDA VASCONCELOS VALE

**MEMÓRIA DE TRADUÇÃO. É POSSÍVEL CONSTRUIR UMA
MEMÓRIA ELETRÔNICA PARA A PSICANÁLISE LACANIANA?**

BRASÍLIA

2016

HEBERTT DE ALMEIDA VASCONCELOS VALE

**MEMÓRIA DE TRADUÇÃO. É POSSÍVEL CONSTRUIR UMA
MEMÓRIA ELETRÔNICA PARA A PSICANÁLISE LACANIANA?**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Tradução-Espanhol do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Instituto de Letras, da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Alba Elena Escalante Alvarez

BRASÍLIA

2016

HEBERTT DE ALMEIDA VASCONCELOS VALE

**MEMÓRIA DE TRADUÇÃO. É POSSÍVEL CONSTRUIR UMA
MEMÓRIA ELETRÔNICA PARA A PSICANÁLISE LACANIANA?**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Tradução-Espanhol do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Instituto de Letras, da Universidade de Brasília.

Projeto Final aprovado em: _____ / _____ / _____

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^ª. Dr.^a Alba Elena Escalante Alvarez
Universidade de Brasília

Prof. Jean-Claude Lucien Miroir
Universidade de Brasília

Dr. Claudio Barra de Castro
Psicanalista

RESUMO

A finalidade deste trabalho é verificar a possibilidade de se construir uma memória de tradução para a psicanálise lacaniana. Para essa atividade, será utilizada a ferramenta computacional Wordfast. Os textos que irão compor a memória de tradução serão dois capítulos da obra de Alfredo Eidetzstein, o livro *El Grafo del Deseo*. Será apresentado o que são ferramentas computacionais de auxílio ao tradutor, as *Cat tools*. Deste universo, é destacado o Wordfast, que servirá de modelo para explicar o funcionamento desses *softwares*. O Wordfast será o instrumento que dará vida à memória de tradução, que é desenvolvida a partir de unidades de tradução que serão retiradas do referido livro. Nessa oportunidade, apresento as impressões de um tradutor leigo em psicanálise. Durante a execução desse trabalho, uma questão é levantada: será possível um tradutor leigo na ciência psicanalítica operar em uma área que desconhece? Para ajudar a compreender essa pergunta é utilizado o modelo, de 2005, de Christiane Nord. Com esse modelo, será feita uma análise exaustiva da obra para mostrar porque a construção de uma memória eletrônica poderia ser uma tarefa difícil.

Palavras-chave: Memória de tradução. Wordfast. Psicanálise Lacaniana. *El Grafo del Deseo*.

RESÚMEN

La finalidad de este trabajo es comprobar la posibilidad de construirse una memoria de traducción para el psicoanálisis lacaniano Sin embargo, para esa actividad será utilizado la herramienta computacional Wordfast. El texto que va componer la memoria de traducción serán dos capítulos de la obra de Alfredo Eidelzstein, el libro El Grafo del Deseo. Será presentado lo que son herramientas computacionales de ayuda al traductor las *Cat tools* en inglés o Traducción asistida por computadora (TAC) en castellano. De ese universo, es separado el Wordfast que servirá de modelo para explicar el funcionamiento de esos softwares. El Wordfast será el instrumento que dará vida a la memoria de traducción, que es desarrollada a a partir de unidades de traducción que serán sacados del libro El Grafo del Deseo. Em este momento, presento las impresiones de un traductor lego em psicoanálisis Durante la ejecución de ese trabajo, una cuestión se presenta: ¿Será posible un traductor lego en la ciencia psicoanalítica operar en un área que desconoce? Para ayudar a comprender esa pregunta es utilizado el modelo de 2005 de Christiane Nord. Con ese modelo, será echo un análisis en la obra para mostrar porque la construcción de una memoria electrónica podría ser una tarea difícil.

Palabras-clave: Memoria de traducción. Wordfast. Psicoanálisis Lacaniana. El Grafo del Deseo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO 01	03
Ferramentas de tradução (CAT).....	03
WordFast.....	03
Memória de Tradução - MT.....	07
O tradutor leigo	08
CAPÍTULO 02	11
Metodologia	11
Estágio - Como tudo começou.....	11
TCC – O próximo passo	12
Tradução do livro.....	13
CAPÍTULO 03	14
Tradução do capítulo 03 do livro <i>El Grafo del Deseo</i>	14
Tradução do capítulo 04 do livro <i>El Grafo del Deseo</i>	51
CAPÍTULO 04	79
Critérios para construção da memória	79
Emissor	79
Receptor	80
Intenção.....	82
Meio	82
Lugar	83
Tempo	83
Motivo.....	83
Tema	83
Conteúdo.....	83
Pressuposições	84
Composição textual.....	85
Elementos não verbais	85

Léxico	86
Estrutura da oração	89
Marcas suprasegmentais	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS	91

INTRODUÇÃO

Desde a década de 1980, com o advento do microcomputador, novas tecnologias vêm tornando o processo tradutório mais dinâmico e instantâneo. O mercado tornou-se mais exigente e outros formatos foram inseridos para a consecução de suas traduções. Dicionários *onlines*, glossários virtuais, memórias de tradução e pesquisas dinâmicas na internet são alguns dos recursos que dinamizaram a produção tradutória.

Entre outras coisas, novas mídias e variações de textos geram o desenvolvimento das ciências e a criação de novas ciências, as especialidades tornam-se mais plurais e específicas, exigindo do tradutor um conhecimento não engessado e mais flexível para a utilização de novas estratégias para o fazer tradutório.

O trabalho a seguir visa analisar a possibilidade de criação de uma memória eletrônica no Wordfast para um texto psicanalítico, especificamente, lacaniano. Para isso, foi utilizada a obra do autor argentino Alfredo Eidelsztein, *El Grafo del Deseo*. Essa obra é uma produção ligada à Psicanálise e foi escolhida para análise após ter sido objeto de trabalho em uma disciplina do curso de Letras Tradução – Espanhol, da Universidade de Brasília (UnB).

Na disciplina em questão, a saber, Estágio Supervisionado de Tradução - Espanhol, o objetivo era a tradução e revisão de capítulos do livro supracitado por uma equipe de alunos, formada para desempenhar tal atividade.

Devido à falta de domínio desta área do conhecimento, a Psicanálise, e ao fato de no curso não serem trabalhados isoladamente textos psicanalíticos, a tarefa de tradução se mostrou um procedimento complexo, levantando a algumas questões, como: será possível um tradutor, leigo em textos psicanalíticos, traduzir em uma área que não domina?

Para ajudar a tentar responder essa pergunta, soma-se a esse processo a ferramenta computacional, ou *Cat tool*, Wordfast, da qual apenas tomei conhecimento em curso introdutório voltado para esse software, realizado na UnB, em que conheci a ferramenta e seu modo de uso de forma superficial, porém, suficiente para despertar a curiosidade do seu potencial.

Para essa tarefa, foi utilizada a versão gratuita do Wordfast Pro que possui algumas limitações em relação à versão paga, a mais significativa é a disponibilização de apenas 500 unidades de tradução ou aproximadamente 2500 palavras. Porém, como um dos objetivos era conhecer um pouco mais o programa e ver como ele se comporta no processo de tradução, foi

possível ter uma ideia do potencial da ferramenta, bem como conhecer um pouco sobre a psicanálise.

Apenas dois capítulos do livro *El Grafo del Deseo* foram utilizados para a realização da tradução. Este trabalho foi dividido em quatro capítulos, sendo: o primeiro, para conhecer um pouco sobre as ferramentas de tradução e, de forma mais específica, o Wordfast, suas principais características, funcionamento e aplicabilidade; o segundo, para análise do livro e sua natureza psicanalítica, bem como, observar as impressões de um tradutor leigo nessa área do conhecimento, o desconforto e os desafios que foram gerados conforme a produção do trabalho; o terceiro, para a tradução dos capítulos escolhidos, que reflete o resultado da complexidade da tradução da ciência psicanalítica representada na obra de Alfredo Eidelsztein e a utilização do lacanismo para explicar seu posicionamento, considerando que as traduções seguem no meio do trabalho porque também são, em si, a possível memória de tradução; e o quarto capítulo apresentará uma análise exaustiva do texto fonte e do texto meta, a partir do modelo, de 2005, de Christiane Nord, do qual foram retirados os critérios para a elaboração da memória de tradução.

Esse trabalho coaduna com o projeto de tradução de todo o livro que segue sendo feito para uma publicação futura no Brasil, já que a obra ainda não conta com uma versão nacional.

CAPÍTULO 01

Ferramentas de tradução (CAT)

A tecnologia sempre esteve presente no auxílio da prática da tradução, não apenas com a introdução do computador na década de 1990 e suas primeiras memórias de tradução desenvolvidas em escala comercial. No decorrer dos tempos, as tecnologias foram apresentadas em diversos formatos, como dicionários monolíngues e bilíngues que sempre foram considerados indispensáveis para o fazer tradutório. Com o surgimento de novas necessidades e a prontidão exigida do material a se traduzir, as formas de prática tradutória vão se adequando às exigências do mundo.

As expectativas sustentadas para o desenvolvimento de uma determinada tarefa em um tempo específico determinam a tecnologia a ser empregada, sobretudo de forma a reduzir o esforço exigido para a consecução de um trabalho especializado, como a tradução. (STUPIELLO, 2015, p. 303-304)

O dicionário *online* Priberam (2016) traz a seguinte definição da palavra tecnologia: 1. Ciência cujo objeto é a aplicação do conhecimento técnico e científico para fins industriais e comerciais.

No cenário geral da tradução, várias ferramentas foram criadas para otimizar o trabalho do profissional tradutor, podendo também ser utilizadas para fins pessoais e de lazer, elas são conhecidas como CAT, sigla do inglês para *Computer Aided Translation* ou, em uma tradução livre, Tradução Auxiliada por Computador. Vários debates procederam a inserção das CATs no campo da tradução, refletindo questões como: se a interferência produzida seria positiva, produzindo a aceleração do desenvolvimento de traduções em uma visão mais comercial, ou negativa, possibilitando o engessamento de terminologias ou a produção de obras muito repetitivas geradas por processos automatizados. Ferramentas como o *Trados*, *MemoQ*, *Wordfast*, *Déjà Vu*, *Star Transit*, entre outros, são exemplos de CATs, sendo que um dos maiores editores de tradução na atualidade é o WordFast.

WordFast

O WordFast é uma ferramenta computacional (*software*) que auxilia na tradução de arquivos textuais, uma CAT *tool* – *Computer Aided Translation*, além de auxiliar linguistas

em edições, gerenciamento e armazenagem de traduções, e foi desenvolvido pelo francês Yves A. Champollion, em 1999, na França, como uma alternativa a outro editor de tradução, o *Trados*, dado o alto custo. Atualmente, Champollion é consultor governamental e empresarial na área de tradução e localização.

O Wordfast Pro utiliza uma plataforma própria para executar suas tarefas. O programa é definido basicamente por dois bancos de dados que se complementam na execução da atividade e que constituem a memória de tradução.

O primeiro banco de dados é o da Memória de Tradução ou TM (*Translation Memory*) que funciona da seguinte forma: após o texto fonte ser inserido no programa e se iniciar a tradução, sem alterar as configurações básicas, o par linguístico – texto fonte e texto meta (bi-texto) – é automaticamente inscrito no banco de dados da TM e salvo, no local indicado pelo tradutor, em formato TXML. Sempre que o tradutor quiser, ele poderá pedir para o editor ler a TM para verificar em outros textos fontes se há paridade entre o que está na memória e o novo texto fonte, caso algum segmento corresponda total ou parcialmente, o editor oferece como solução a tradução previamente inscrita em sua memória.

O outro banco de dados é o Terminológico, a diferença básica dele para o banco de dados da TM é que apenas as unidades de tradução escolhidas pelo tradutor é que serão inscritas no banco de dados terminológico, no entanto, sua execução será similar ao da TM, ou seja, todas as unidades de tradução e suas traduções previamente inscritas em seu banco de dados também serão lidas pelo editor e retornarão como sugestão quando se repetirem em novos textos fonte.

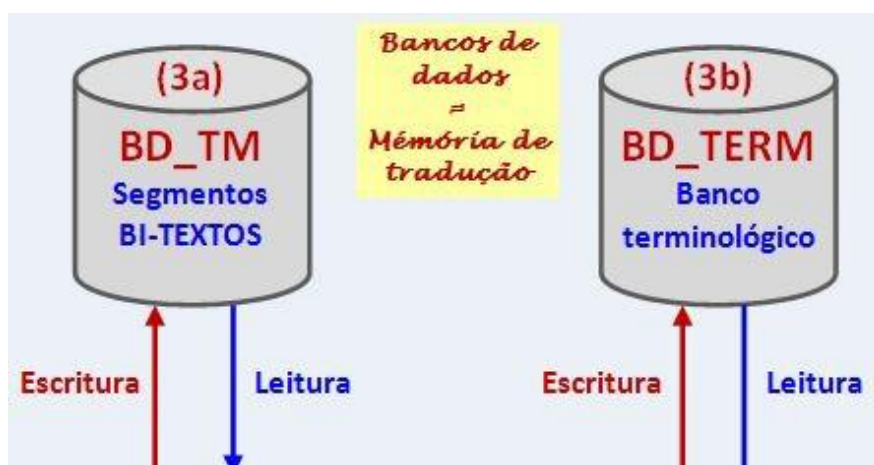


Figura 1 - Esquema sobre a escrita e leitura dos bancos de dados.

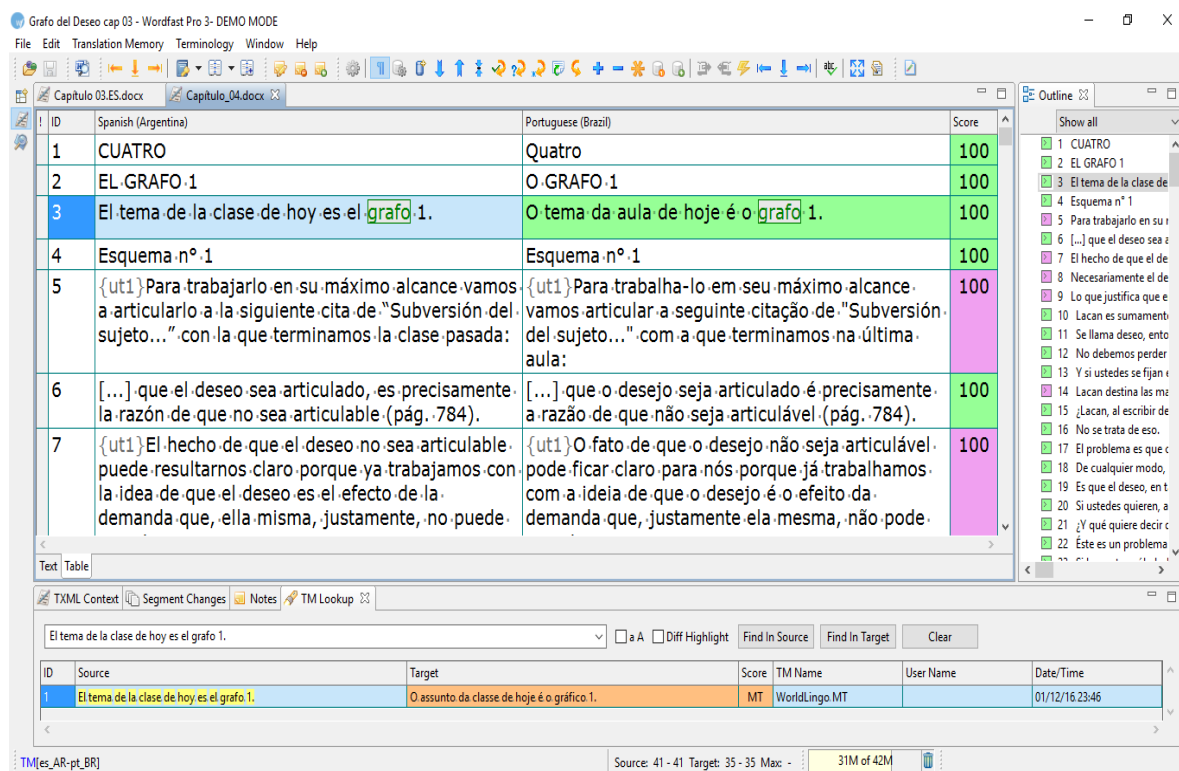


Figura 2 - Imagem do layout do Wordfast, TF e TM e as ferramentas de edição.

O programa funciona a partir da segmentação do texto. Para o software, o texto é um conjunto de segmentos agrupados, o programa segmenta esses conjuntos em cada pontuação final de frase (como ponto final, interrogação, exclamação e etc.). Essas pontuações podem ser modificadas na configuração do programa, oferecendo ao usuário recursos para a tradução desses segmentos que automaticamente alimentam a memória de tradução pré-programada (TM – *Translation Memory*). As TMs são produzidas inicialmente pelo usuário nas configurações iniciais e são preenchidas por segmentos que são constituídos por unidades de tradução (TU – *Translation Units*). Para a tradução, de maneira geral, a unidade de tradução é entendida como:

Unidade de tradução é um segmento do texto de partida, independente de tamanho e forma específicos, para o qual, em um dado momento, se dirige o foco de atenção do tradutor. Trata-se de um segmento em constante transformação que se modifica segundo as necessidades cognitivas e processuais do tradutor. (...) (ALVES, 2013, p.38).

Já para o Wordfast, de acordo com o glossário de seu manual, a unidade de tradução é definida simplesmente como “um conjunto de segmentos fonte e de destino. Uma TU também grava a data de criação, mais atributos opcionais”.

Segundo o manual do programa Wordfast, esse modelo de segmentação possui vantagens em relação à tradução de um modelo impresso, algumas delas são:

- Diminui o cansaço visual, pois o tradutor não tem que ficar trocando o foco durante a execução da atividade;
- Reduz cansaço mental, por não ter a necessidade de ficar voltando na local exato da folha para revisar a tradução do segmento, no software na tela do computador o usuário tem espelhado o material com que estará trabalhando com um *layout* que destaca o segmento, ele também elimina a necessidade, em computadores, de se ficar trocando de telas;
- O *layout* e a interatividade do programa também ajudam o tradutor de duas maneiras: em casos de textos que possuem uma característica repetitiva entre seus segmentos – característica de textos técnicos –, primeiramente, ele separa cada segmento para tradução individual deles e, em seguida, faz a armazenagem no banco de dados da TM das traduções propostas pelo tradutor, sugerindo ao usuário essa tradução nos segmentos que se repetirem à frente ou em segmentos que se aproximem do segmento primário.

Consistência de terminologia. Em um grande projeto (digamos que você receba 50 páginas por mês, de modo que você trabalhe para esse cliente 5 dias por mês, durante 12 meses), a cada vez que você trabalhe para esse cliente, terá de se lembrar do glossário do cliente. Com o Wordfast, você cria e salva uma configuração específica para cada cliente, que se lembra da TM e dos glossários. O Wordfast o avisará a cada vez que a terminologia de tradução estiver em conflito com o glossário do cliente. (YVES CHAMPOLLION, Versão 6, 1999-2011, pág. 124)

O programa beneficia também a formatação do arquivo a ser traduzido, pois ele mantém a mesma formatação do arquivo fonte, oferecendo apenas os segmentos traduzíveis, conservando imagens, tabelas e outras particularidades, mantendo o espelhamento perfeito do documento fonte com o documento traduzido.

As memórias de tradução produzidas pelo Wordfast possuem a característica de terem o formato aberto, ou seja, podem ser editadas com outros editores de texto.

Memória de Tradução - MT

Algumas definições da palavra memória, de acordo com o dicionário *online* Priberam, são: 1. Faculdade pela qual o espírito conserva ideias ou imagens, ou as readquire sem grande esforço. 2. Lembrança. 5. Recordação, presente. 7. Anel (que se dá como lembrança). 11. [Informática] Dispositivo de um computador ou sistema informático que permite o registro, a conservação e a restituição dos dados.

Na representação do dicionário já existe esta conversa entre o ser humano e a máquina para o que venha a ser memória. Destaco, para diferenciar os conceitos, o termo existente na primeira definição, a palavra ‘espírito’, que por sua vez tem como definição, pela mesma fonte, coisa incognoscível que anima o ser vivo. Logo, a diferença entre a memória humana e a da máquina está presente na questão da cognoscibilidade, que estrutura suas memórias, pois a memória da máquina é cognoscível, ou seja, sabemos como ela é construída e onde e como são armazenadas suas ideias, e, fazendo um comparativo com a primeira definição de memória, percebemos que o propósito é o mesmo: readquirir essas ideias e imagens sem grande esforço.

A memória de tradução (TM) é um agrupado terminológico e fraseológico que o tradutor alimenta para auxiliá-lo na execução de traduções futuras, cada tradução de um segmento é automaticamente incorporado à TM. O sistema recupera a tradução no banco de dados de acordo com a porcentagem pré-determinada, podendo ser total (*full match*) ou apenas parcial (*fuzzy match*). Para tornar o uso da ferramenta mais satisfatória, deve-se criar uma memória de acordo com a área do conhecimento que se pretende trabalhar (textos técnicos, científicos, literários, filosóficos, psicanalíticos e etc.).

Dadas as especificidades que cada texto possui, destaco o texto psicanalítico, por ser a essência do material com o qual trabalhei e por possuir uma característica interdisciplinar peculiar, rica em neologismos e coloquialismos, pois incorpora uma linguagem muito próxima da popular, atribuindo novos significados a termos conhecidos, o que pode tornar a utilização de ferramentas computacionais no processo de tradução um desafio, principalmente para o tradutor leigo no universo da psicanálise. Uma CAT *tool* como o Wordfast trabalha com correspondência de signos e fraseologias, em especial no texto psicanalítico, o tradutor leigo tem que estar sempre atento ao se deparar com segmentos que gerem dúvidas na coesão

do texto, se traduzido de forma aleatória, possivelmente, o resultado final será uma tradução ilegível para o receptor da obra.

O tradutor leigo

Como leigo, inicialmente, tinha a visão da psicanálise como um simples tratamento de pessoas com doenças mentais ou meros distúrbios psicológicos, porém, no decorrer de pesquisas elaboradas para a execução da tarefa de traduzir capítulos do livro *El grafo del Deseo*, de Alfredo Eidelsztein, pude mergulhar mais no universo da psicanálise em geral e particularmente na Lacaniana e construir uma noção do que vem a ser a psicanálise e da real tarefa do psicanalista. Assim como o tradutor, o psicanalista encontra-se em constante processo de modelagem sem atingir uma forma definitiva, pois prejudicaria a real noção de seus campos.

Logo, ao tentar explicar o que é tradução, me deparo com o texto de Antoine Berman (2007, p.19), que define o ato de traduzir, a tradutologia, como “a reflexão da tradução sobre si mesma a partir da sua natureza de experiência”, no mesmo momento em que, motivado pela execução desta atividade, procuro uma definição para o que venha a ser a psicanálise e me deparo com a visão de seu criador, Freud, que não a define conclusivamente, apenas a coloca como nada mais do que tudo aquilo que se produz para falar da psicanálise.

Seguindo essa linha de raciocínio, entendo que, assim como a tradução, a psicanálise é outra ciência de produção e reflexão. Ambas são objetos de estudo que atuam de forma similar e até mesmo interdisciplinar: a tradução, segundo Berman, opera na deformação enquanto que a Psicanálise atua no ato falho. As duas disciplinas atuam numa manifestação de “estranheza” em seus procedimentos de execução. O ato de traduzir vem a ser somente um processo, uma prática que Walter Benjamin define com sendo uma forma.

Pode-se salientar que as interpretações feitas por psicanalistas são, antes de tudo, traduções de um método estranho de expressão para outro que nos é familiar. Quando interpretamos um sonho estamos apenas traduzindo um determinado conteúdo de pensamento (os pensamentos oníricos latentes) da “linguagem de sonhos” para nossa fala de vigília. (Freud, 1996a, p.179)

Os capítulos 03 e 04 do livro *El grafo del Deseo*, do psicanalista argentino Alfredo Eidelsztein, publicado pela editora Letra Viva, em 2005, são objetos deste trabalho. O livro é

de natureza coloquial, pois foi elaborado a partir de reuniões das aulas do curso de pós-graduação “*El grafo del deseo y la clinica psicoanalítica*”, realizado em 1993. Até a formulação deste trabalho, existiam apenas as versões da obra em inglês, intitulada *The Graph of Desire. Using the work of Jacques Lacan*, pela editora Karnac, de 2009, e em italiano, *Il Grafo del Desiderio. Formalizzazioni in Psicoanalisi*, da editora Milano, de 2015.

Sendo assim, esvaziar, na tradução, os conceitos dos termos psicanalíticos “(...) eleva à categoria estanque e invariável de conceito a mais corriqueira das palavras e pretende disseminar a ideia de que Freud teria desenvolvido uma linguagem muito peculiar para a psicanálise: o ‘idioma freudiano’”. (Tavares, 2011, p.24). Logo, a tarefa do tradutor nesse campo se torna uma batalha cautelosa para não cair nas associações internalizadas ou pré-definidas sugeridas por seu conhecimento prévio. O que me leva a indagar: pode o leigo, que é definido por Freud como “*no medicos*”, traduzir em uma área desconhecida e da qual não domina o léxico?

A questão lançada é muito curiosa, pois Freud também lança a pergunta voltada agora para a Psicanálise, mas defendendo que a análise psicanalítica é para todos.

Quais seriam os critérios para a elaboração de uma MT de um texto psicanalítico considerando as tantas especificidades que o texto possui? Como fazer a máquina ajudar o tradutor num momento em que ele provavelmente mais precisaria dela? Uma coisa é certa, no meu caso, para a utilização do Wordfast como auxiliar na tradução da obra de Eidelsztein, considerando que eu não tinha conhecimento prévio do assunto, foram necessárias pesquisas pontuais acerca de termos que causavam desconforto ou estranheza, na tentativa de uma compreensão.

O “freudianismo” ou “lacanismo” presente em todo o texto e, principalmente, a questão da oralidade fazem com que expressões simples, como *sujeto, Otro, inconsciente, objeto*, entre outros termos, adquiram outros conceitos próprios do léxico de especialidades da psicanálise.

E o que dizer dos neologismos que complementam o desafio de traduzir? Faz-se necessário, procurar uma aproximação com algo que seja parecido, mesmo correndo o risco de distanciar o paralelismo dos significados ou exercitar o poder de criatividade do tradutor e propor a criação de uma nova palavra. Criar uma memória nesses casos não é simplesmente preencher um arquivo com definições, pois, sempre que houver dualidade ao se apresentar esses termos, será necessária a presença do tradutor e não da máquina para definir o ira ali. Esse é mais um ponto positivo do Wordfast, pois, uma vez alimentado com a memória, as

pesquisas do tradutor saltariam aos olhos, de forma destacada pelo programa, restando ao tradutor verificar se convém ou não a substituição ou explicação do segmento, seja na própria tradução ou em notas explicativas, enfim, seja lá qual for a solução adotada pelo tradutor, ele não terá a desculpa de dizer que passou despercebido.

CAPÍTULO 02

Metodologia

Estágio - Como tudo começou

Este trabalho de conclusão de curso iniciou-se no segundo semestre de 2015, ao me matricular na disciplina de estágio supervisionado, lecionada pela professora Alba Escalante, que apresentou uma proposta diferenciada para a matéria e com uma carga de responsabilidade muito grande, a de elaborar a primeira tradução da obra psicanalítica do autor argentino Alfredo Eidelsztein, o livro foi *El grafo del Deseo*.

Uma equipe de tradutores foi montada, formada por mim e outros alunos, a citar, Nayara Farias e Adriele Mangabeira, (em um primeiro momento contávamos, também, com a participação da Layane Carvalho que, logo no início das atividades, nos deixou, restando apenas três alunos) contando com a orientação, supervisão e participação prática da professora Escalante no desenvolvimento deste projeto. Nessa oportunidade, também contamos com a supervisão técnica do Dr. Cláudio Barra, psicanalista membro da Escola Lacaniana de Psicanálise – Brasília (ELP-B), que nos acompanhou durante todo o processo de elaboração do trabalho, participando de alguns encontros e atendendo como supervisor externo, realizando também revisões das traduções.

Cada integrante ficou com uma responsabilidade particular, além da execução da tradução de um capítulo da obra, sendo que eu, oportunamente, após a saída da Layane, que se deu após a separação das atividades, acumulei a tradução do capítulo que cabia a ela. A particularidade que me foi atribuída era a revisão geral das traduções elaboradas pelos alunos, ou seja, além das traduções dos capítulos 02 e 03, incorporou-se a minha atividade a tarefa de revisão dos capítulos 01 e 04. Esse, então, foi o primeiro contato com o livro e com a Psicanálise.

Elaborei as traduções com as ferramentas e habilidades que havia desenvolvido no decorrer da graduação, conhecimentos prévios, dicionários *online* e blogs de discussões, porém, no decorrer do tempo e com a imersão no universo psicanalítico, através de textos e

livros recomendados pela orientadora, bem como vídeos e artigos, vi a real complexidade dessa ciência.

Vários encontros foram marcados com a equipe de tradutores para discussão e acompanhamento das atividades, nessas ocasiões a professora disponibilizava materiais de auxílio para compreender a psicanálise. No final do semestre, entregamos nossos trabalhos e o resultado não foi o pretendido, dado o curto prazo e o conflito com atividades paralelas da graduação e particulares. Uma dessas atividades de graduação da qual me propus participar foi uma oficina de tradução ministrada pelo professor Jean-Claude Miroir sobre a ferramenta de tradução Wordfast, que despertou bastante interesse pelo manuseio e interação com o tradutor principalmente pela construção de sua memória a partir do usuário.

Antes do fim desse semestre, a professora Escalante me convidou para dar continuidade à atividade de tradução do livro em meu trabalho de conclusão de curso, inserindo como tema algo que mostrasse a tarefa do tradutor em textos psicanalíticos. Ainda intrigado e interessado no uso da ferramenta computacional de auxílio à tradução, o Wordfast, e juntamente com a dificuldade que tive de trabalhar com a tradução do texto psicanalítico, surgiu a seguinte dúvida: seria possível montar uma memória eletrônica confiável para a psicanálise, considerando suas características epistemológicas, para auxiliar na tradução da obra em questão?

TCC – O próximo passo

Ao término do semestre, com o incentivo da professora, introduzi o Wordfast no meu trabalho final, dando continuidade ao projeto da tradução do livro do Alfredo Eidelsztein. Optei por iniciar novamente todo o processo de tradução para montar a memória no *software*, agora com os capítulos 03 e 04. Tentei explorar todas as funcionalidades do programa que a versão gratuita disponibilizava, contando ainda com um conhecimento prévio e com a ajuda de *sites*. O processo consistia em seguir com a tradução até encontrar alguma dificuldade em algum segmento ou expressão. Ao deparar com um obstáculo, consultava primeiramente o Google Tradutor para casos mais simples, conferência para sanar pequenas dúvidas, logo depois partia para o *site* da *Real Academia Española*, que geralmente elucidava casos de termos mais coloquiais que não estavam inseridos no contexto psicanalítico, e, caso restassem dúvidas, consultava o correspondente no português no dicionário *online* Priberam. Essas

ações foram mantidas por questão de vício ou costume, por serem metodologias já adotadas, pois o Wordfast disponibiliza a inserção de dicionários como parte da ferramenta, assim como já contava com alguns pré-disponíveis, ficando a cargo do tradutor apenas ativá-los para contar com alternativas apresentadas no decorrer da tradução.

Tradução do livro

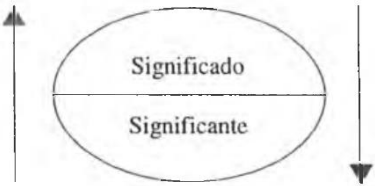
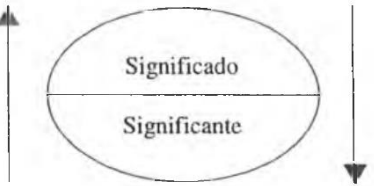
Como adotar essa metodologia em línguas de especialidade nas quais seus sentidos se confundem com as terminologias comuns? Tais terminologias não despertam muitas suspeitas de uso para o leitor leigo ou até mesmo para um profissional descuidado. Essa era, realmente, a dificuldade da tarefa, fazer o programa diferenciar a linguagem coloquial da epistemologia psicanalítica, diferenciar '*Otro*' (conceito da psicanálise) de '*otro*' (determinante e pronome indefinido) ou 'Eu' (conceito da psicanálise) de 'eu' (pronome pessoal grafado com letra minúscula) ou até mesmo 'Eu' (pronome pessoal grafado com letra maiúscula) e etc. Além dessa problemática, outras soluções tiveram que ser adotadas, como as opções para neologismos, que também são uma característica da psicanálise lacaniana, bem como da psicanálise freudiana; trabalhar, também, com a oralidade que estrutura o texto é um desafio, pois em muitos momentos se confundiam a oralidade da obra com o coloquialismo da epistemologia.

CAPÍTULO 03

Tradução do capítulo 03 do livro *El Grafo del Deseo*

TRES	Três
LA ESTRUCTURA DEL LENGUAJE.	A ESTRUTURA DA LINGUAGEM.
NECESIDAD, DEMANDA Y DESEO	NECESSIDADE, DEMANDA E DESEJO
El tema de hoy será la articulación entre lingüística y psicoanálisis. Para elaborar esa articulación citaré profusamente “Subversión del sujeto y dialéctica del deseo en el inconsciente freudiano”. Este escrito de Lacan será, de aquí en más, nuestro principal texto de referencia.	O assunto de hoje será a articulação entre linguística e psicanálise. Para elaborar essa articulação citarei profusamente “ <i>Subversión del sujeto y dialéctica del deseo en el inconsciente freudiano</i> ”. Este escrito de Lacan será, daqui para frente, nosso principal texto de referência.
Hay dos afirmaciones categóricas de Lacan sobre las que voy a hacer girar el trabajo de hoy; nos servirán como progreso respecto del lugar donde quedamos con la vez pasada. La primera cita dice que “el inconsciente está estructurado como un lenguaje” y la segunda, que “El inconsciente, a partir de Freud, es una cadena significantes que en alguna parte (en otro escenario, escribe él) se repite e insiste para interferir en los cortes que le ofrece el discurso efectivo y la cogitación que él informa”.	Existem duas afirmações categóricas de Lacan, sobre as quais irei fazer girar o trabalho de hoje, servirão como continuação de onde paramos da última vez. A primeira citação diz que “o inconsciente está estruturado como uma linguagem” e a segunda, que “O inconsciente, a partir de Freud, é uma cadeia de significantes que em alguma parte (em outra cena, escreve ele) se repete e insiste para interferir nos cortes que o discurso real oferece e a cogitação que ele informa”.
Como sobre estas dos frases se apoya la estructura del “grafo del deseo”, hoy podremos avanzar considerablemente en su indagación. A partir de la próxima clase, comenzaremos con articulaciones clínicas. Todo el trabajo hecho hasta	Como sobre essas duas frases se apoia a estrutura do “grafo do desejo”, hoje podemos avançar consideravelmente em sua indagação. A partir da próxima aula, começaremos com articulações clínicas. Todo o trabalho feito até agora, como o

<p>ahora, como el que haremos hoy, es sobre los fundamentos estructurales, lo que nos permitirá que las articulaciones clínicas que prometo sean tales, y no meras descripciones clínicas.</p>	<p>que faremos hoje, é sobre os fundamentos estruturais, o que nos permitirá que as articulações clínicas que prometo sejam fato e não meras descrições clínicas.</p>
<p>En ambas citas Lacan afirma que el significante es una noción fundamental. En “Subversión del sujeto...” dice que “significante” es un término que la lingüística moderna tomó de la retórica antigua, y a esa lingüística moderna Lacan propone acotarla: a la cota inferior la llama “la aurora de la lingüística moderna”, y le pone como nombre el de Ferdinand de Saussure, y a la cota superior la llama “punto de culminación de la lingüística moderna”, y el nombre que pone allí es el de Roman Jakobson. Aunque lo que nosotros no sabemos es si el punto de culminación seguirá siendo Jakobson o habrá que cambiarlo cuando el tiempo pase; ustedes saben que cuando uno cambia la cota superior, por razones intrínsecas a la teoría del significante, quizá se haga necesario cambiar la inferior también. Pero bueno, al menos en la época de Lacan, para Lacan era así.</p>	<p>Em ambas as citações, Lacan afirma que o significante é uma noção fundamental. Em “<i>Subversión del sujeto...</i>” diz que “significante” é um termo que a linguística moderna pegou da retórica antiga, e essa linguística moderna Lacan propõe delimita-la: a cota inferior chama “A aurora da linguística moderna” e coloca Ferdinand de Saussure como autor e chama a cota superior de “ponto de culminação da linguística moderna” associado ao nome de Roman Jakobson. Ainda que o que não sabemos é se o ponto de culminação seguirá sendo Jakobson ou terá que ser mudado com o passar do tempo; vocês sabem que quando alguém muda a cota superior, por motivos intrínsecos à teoria do significante, talvez seja necessário mudar a inferior também. Pois bem, pelo menos na época de Lacan para ele era assim.</p>
<p>Primera pregunta: ¿por qué necesitamos la teoría del significante -tal como la trabaja la lingüística moderna partiendo de Saussure- para dar cuenta de la estructura del inconsciente?</p>	<p>Primeira pergunta: por que precisamos da teoria do significante – tal como trabalha a linguística moderna partindo de Saussure – para dar conta da estrutura do inconsciente?</p>
<p>Tomemos una cita de Saussure, de su</p>	<p>Destaquemos uma citação de Saussure do</p>

<p><i>Curso de lingüística general</i> (que es una versión establecida por los alumnos de Saussure, ya que él no lo escribió ni lo publicó), que dice lo siguiente:</p>	<p>seu <i>Curso de linguística geral</i> (que é uma versão estabelecida pelos alunos de Saussure, já que ele não a escreveu nem a publicou), que diz o seguinte:</p>
<p>El signo lingüístico es una entidad psíquica de dos caras. [...] Estos dos elementos están íntimamente unidos y se reclaman recíprocamente (pág. 129).</p>	<p>O signo linguístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces. [...] Estes dois elementos estão intimamente unidos e um reclama o outro (pág. 129).</p>
<p>Entonces, son dos que hacen uno; son dos que están íntimamente unidos. Si ustedes conocen algunas elaboraciones de Saussure, ésta es la problemática representada en su signo por la elipse y las dos flechas.</p>	<p>Então, são dois que fazem um, são dois que estão intimamente unidos. Se vocês conhecem alguma elaboração de Saussure, esta é a problemática representada em seu signo pela elipse e as duas setas.</p>
	
<p><i>Esquema nº 1</i></p>	<p><i>Esquema nº 1</i></p>
<p>Las vinculaciones consagradas por la lengua son las únicas que nos aparecen conformes con la realidad, y descartamos cualquier otra que se pudiera imaginar (pág. 129).</p>	<p>[...] somente as vinculações consagradas pela língua nos parecem conforme à realidade, e abandonamos toda e qualquer outra que se possa imaginar (pág. 129).</p>
<p>La unidad que constituyen los dos elementos de la lengua es lo que, según Saussure, constituye la realidad, y la realidad se basa en esas relaciones; cualquier otra nos va a resultar necesariamente por fuera de la realidad. ¿Se dan cuenta de que no es exclusiva de Freud la noción de “realidad psíquica”? No olviden que, para Saussure, la unión</p>	<p>A unidade que constitui os dois elementos da língua é o que, segundo Saussure, constitui a realidade, e a realidade se baseia nessas relações, qualquer outra vai resultar necessariamente fora da realidade. Percebem que a noção de “realidade psíquica” não é exclusiva de Freud? Não esqueçam que, para Saussure, a união do significante e do significado constitui uma</p>



del significante y del significado constituye una unidad psíquica. Seguimos con la cita:	unidade psíquica. Seguimos com a citação:
Llamamos signo a la combinación del concepto y de la imagen acústica: pero en el uso corriente este término designa generalmente la imagen acústica sola, por ejemplo una palabra (pág. 129).	Chamamos signo a combinação do conceito e da imagem acústica: mas, no uso corrente, este termo designa geralmente a imagem acústica apenas, por exemplo uma palavra (pág. 129).
El hablante cree que se trata de un solo elemento, pero siempre serán dos.	O falante acredita que se trata de apenas um elemento, mas sempre serão dois.
Se olvida que si llamamos signo a arbor no es más que gracias a que conlleva el concepto “árbol”, de tal manera que la idea de la parte sensorial implica la del conjunto (pág. 129).	Esquece-se que se chamamos a <i>arbor</i> signo, é somente porque exprime o conceito de “árvore”, de tal maneira que a ideia da parte sensorial implica a do total (pág. 129).
El error, precisamente, es que una sola parte, la sensorial, implique el conjunto; se olvida que está quedando oculto un elemento y su asociación con el otro.	O erro, precisamente, é que só uma parte, a sensorial, implique o conjunto, esquece-se que está ficando oculto um elemento e sua associação com o outro.
La ambigüedad desaparecería si designáramos las tres nociones aquí presentes por medio de nombres que se relacionen recíprocamente al mismo tiempo que se opongan. Y proponemos conservar la palabra signo para designar el conjunto, y reemplazar concepto e imagen acústica respectivamente con significado y significante; estos dos últimos términos tienen la ventaja de señalar la oposición que los separa, sea entre ellos dos, sea del total del que forman parte (pág. 129).	A ambigüidade desaparecería se designássemos as três noções aqui presentes por nomes que se relacionem entre si e ao mesmo tempo se opõem. Propomos-nos a conservar o termo <i>signo</i> para designar o total, e substituir <i>conceito</i> e <i>imagem acústica</i> , respectivamente, por <i>significado</i> e <i>significante</i> ; Estes dois últimos termos têm a vantagem de assinalar a oposição que os separa, quer entre si, quer do total de que fazem parte (pág. 129).
La segunda referencia es que los signos, nos dice Saussure, son elementos	A segunda referência é que os signos, diz Saussure, são elementos discretos,

discretos, unidades que se distinguen, que se separan de otras unidades. Entonces, si el inconsciente está estructurado como un lenguaje, para nosotros eso significará partir de estas enseñanzas de Saussure.	unidades que se distinguen que se separan de otras unidades. Logo, se o inconsciente está estruturado como uma linguagem, para nós isso terá significado a partir da proposta de Saussure.
Ésta es la tesis, y voy a tomar ahora una cita de Lacan que me parece que la confirma; es de “Subversión del sujeto...”, y dice:	Esta é a tese, e agora vou usar uma citação de Lacan que creio que a confirma, é de “ <i>Subversión del sujeto...</i> ”, e diz:
Para que no sea vana nuestra caza, la de los analistas [se está refiriendo a la caza del sujeto], necesitamos reducirlo todo a la función de corte en el discurso; el más fuerte es el que forma una barra entre el significante y el significado (pág. 780).	Para que não seja vã nossa caçada, a dos analistas, [está se referindo à caçada do sujeito] necessitamos reduzir tudo à função de corte no discurso, o mais forte é o que forma uma barreira entre o significante e o significado (pág.780).
Noten que para el sujeto de la experiencia analítica, Lacan dice que hay que reducir todo a la función de corte, y el más fuerte de los cortes es la barra entre significante y significado.	Notem que para o sujeito da experiência analítica, Lacan diz que tem que reduzir tudo a função de corte e o mais forte dos cortes é a barreira entre significante e significado.
Aquí se sorprende al sujeto que nos interesa.	Aqui se surpreende ao sujeito que nos interessa.
No pierdan de vista la modulación de términos por parte de Lacan; no dice “aquí se caza al sujeto”, dice “aquí se sorprende al sujeto”. Es decir, el sujeto efectivamente está ahí, pero él mismo no lo sabe -porque si no, no se sorprendería.	Não percam de vista a modulação de termos feita por Lacan, não diz “aqui se caça o sujeito”, diz “aqui se surpreende o sujeito”. Ou seja, o sujeito efetivamente está ali, mas ele mesmo não sabe, porque senão, não se surpreenderia.
Ahora vamos a lo que Lacan considera el punto culminante de la lingüística moderna, a R. Jakobson, quien dice en “Los conmutadores, las categorías verbales y el verbo ruso”, en <i>Ensayos de</i>	Agora vamos ao que Lacan considera o ponto culminante da linguística moderna, a Roman Jakobson, quem diz em “ <i>Los conmutadores, las categorías verbales y el verbo ruso</i> ”, em <i>Ensayos de linguística</i>

<i>lingüística general</i> (Seix Barral, 1981):	<i>general</i> (Seix Barral, 1981):
Lo mismo el mensaje (M) que su código subyacente (C) son vehículos de comunicación lingüística, pero los dos funcionan de manera doble (pág. 307).	Mesmo a mensagem (M) e seu código subjacente (C) são veículos de comunicação lingüística, mas os dois funcionam de maneira dupla (pág. 307).
Otra vez son dos, como lo decía Saussure; pero ahora son dos que funcionan de manera doble; código y mensaje funcionan de manera doble: a la vez que pueden ser utilizados, pueden también ser referidos. Les propongo, para hacer más elocuente la oposición, utilizarla tal como se la denomina en lógica: uso y mención. Es decir, se puede hacer uso del código y uso del mensaje, como se puede hacer mención del código y mención del mensaje.	Novamente são dois – como dizia Saussure, mas agora são dois que funcionam de maneira dupla, código e mensagem funcionam de maneira dupla. Uma vez que podem ser utilizados podem também ser referidos. Proponho-lhes, para fazer mais eloquente a oposição, utilizá-la tal como é denominada na lógica: uso e menção. Ou seja, pode ser feito uso do código e uso da mensagem, como pode ser feito menção do código e menção da mensagem.
Así, el mensaje puede referirse al código o a otro mensaje, del mismo modo que, por otra parte, el significado general de una unidad del código implicará una referencia al código o al mensaje. Por consiguiente se impone distinguir cuatro tipos dobles: (1) dos tipos de circularidad -el mensaje remite al mensaje (M/M) y el código remite al código (C/C)-; (2) dos tipos de recubrimiento (<i>overlapping</i>) -el mensaje remite al código (M/C), y el código remite al mensaje (C/M) (pág. 307).	Assim, a mensagem pode referir-se ao código ou a outra mensagem, do mesmo modo que, por outro lado, o significado geral de uma unidade do código implicará uma referência ao código ou a mensagem. Consequentemente impõe-se distinguir quatro tipos duplos: (1) dois tipos de circularidade – a mensagem remete a mensagem (M/M) e o código remete ao código (C/C) –; (2) dois tipos de sobreposição (<i>overlapping</i>) – a mensagem remete ao código (M/C), e o código remete a mensagem (C/M) (pág. 307).
“ <i>Overlapping</i> ” se traduce como “traslapar” o “solapar”, que son sinónimos. Ambas palabras provienen del	“ <i>Overlapping</i> ” é traduzido no castelhano como “ <i>traslapar</i> ” ou “ <i>solapar</i> ”, que são sinónimos. Ambas as palavras provêm do

termino latín que indica el piso e implica una forma peculiar de recubrir total o parcialmente una superficie.	termo em latim que indica o chão e implica uma forma peculiar de recobrir total ou parcialmente uma superfície.
Sucintamente vamos a trabajar una definición de cada uno de estos cuatro tipos.	Sucintamente, vamos trabalhar uma definição de cada um desses quatro tipos.
(M/M) Un discurso citado es un discurso en el interior de un discurso, un mensaje en el interior de un mensaje y, al mismo tiempo, un discurso acerca del discurso, un mensaje acerca del mensaje (pág. 308).	(M/M) Um discurso citado é um discurso no interior de um discurso, uma mensagem no interior de uma mensagem e, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma mensagem sobre a mensagem (pág. 308).
Después tenemos:	Depois temos:
(C/C) Los nombres propios [...] ocupan un lugar particular en nuestro código lingüístico: la significación general de un nombre propio no puede definirse sin referencia al código (pág. 308).	(C/C) Os nomes próprios [...] ocupam um lugar particular em nosso código linguístico: a significação geral de um nome próprio não pode se definir sem referência ao código (pág. 308).
Es por eso que los nombres propios son intraducibles, precisamente porque indican un lugar en el interior de su código/lengua.	É por isso que os nomes próprios são intraduzíveis, precisamente porque indicam um lugar no interior do seu código/língua.
En el código del inglés, Jerry significa una persona llamada Jerry. La circularidad es patente: el nombre significa cualquier persona a la que se haya atribuido este nombre. El apelativo perrito significa un perro joven; perdiguero, un perro destinado a la caza de perdices; sabueso, un perro destinado a la caza del conejo, mientras que Fido significa, ni más ni menos, un perro cuyo nombre es Fido.	No código do inglês, Jerry significa uma pessoa chamada Jerry. A circularidade é patente, o nome significa qualquer pessoa a que se tenha atribuído esse nome. O apelativo cachorrinho significa um cão novo; perdigueiro, um cão destinado à caça de perdizes; cão de caça, um cão destinado à caça de coelho, enquanto que Fido significa nada mais que um cão cujo nome é Fido.
(M/C) Cuando decimos el perrito es un animal simpático, o el perrito lloriquea, la	(M/C) Quando dizemos o cachorrinho é um animal simpático, ou o cachorrinho

<p>palabra “perrito” designa a un perro joven, mientras que en oraciones como “perrito” es un sustantivo que significa un perro joven, o más sencillamente, “perrito” significa un perro joven o “perrito” es un trisílabo, la palabra perrito [...] se usa como su propia designación (pág. 309).</p>	<p>choringa, a palavra "cachorrinho" designa um cão novo, enquanto que em orações, "cachorrinho" é um substantivo que significa um cão novo, ou, simplesmente, “cachorrinho” significa um cão jovem ou “cachorrinho” é um polissílabo, a palavra cachorrinho [...] é utilizado como sua própria designação (pág. 309).</p>
<p>En el mensaje, “perrito” indica a perrito como término del código; ahí se lo está mencionando. No se está usando la palabra para designar a un perro; en todo caso se la está usando para designar justamente esa misma palabra.</p>	<p>Na mensagem, “cachorrinho” indica um cachorrinho como termo do código, ali está mencionado. A palavra não está sendo usada para designar um cão, em todo caso está sendo usada para designar justamente essa mesma palavra.</p>
<p>Toda interpretación explicativa de palabras y oraciones -ya sean intralingüísticas (circunlocuciones, sinónimos) o interlingüísticas (traducción)- es un mensaje que remite al código.</p>	<p>Toda interpretação explicativa de palavras e orações – sejam intralingüísticas (circunloções, sinónimos) ou interlingüísticas (tradução) – é uma mensagem que remete ao código.</p>
<p>(C/M) Todo código lingüístico contiene una clase especial de unidades gramaticales que Jespersen bautizó con el nombre de conmutadores (<i>shifters</i>) [...] (pág. 309).</p>	<p>(C/M) Todo código lingüístico contém uma classe especial de unidades gramaticais que Jespersen batizou com o nome de <i>shifters</i> [...] (pág. 309).</p>
<p>En telefonía, la telefonista opera un “conmutador”, que es lo que toma un estímulo (cierta electricidad) que viene por una línea, y la pasa a otra línea. Se trata de un dispositivo que, al decir de Freud, sirve para “cambiar de vía”.</p>	<p>Em telefonia, a telefonista opera um <i>shifter</i>, que é o que recebe um estímulo (certa eletricidade) que vem por uma linha e a transfere a outra linha. Trata-se de um dispositivo que, como disse Freud, serve para “mudar de caminho”.</p>
<p>[...] la significación general de un</p>	<p>[...] a significação geral de um <i>shifter</i> não</p>

<p>conmutador no puede definirse sin hacer referencia o remitir al mensaje. [...] El signo yo no puede representar a su objeto sin “estar en relación existencial” con el mismo: la palabra yo, designando al locutor está existencialmente relacionada con su elocución. [...] Cada conmutador, empero, posee su propio significado general. Asi yo significa el destinador (y tú el destinatario) del mensaje del que forma parte. [...] En realidad, los conmutadores se distinguen de todos los demás constitutivos del código lingüístico únicamente por su referencia obligatoria al mensaje en cuestión (pág. 310).</p>	<p>se pode definir sem fazer referência ou remeter à mensagem. [...] O signo “eu” não pode representar seu objeto sem “estar em relação existencial” com o mesmo: a palavra “eu”, designada ao locutor, está existencialmente relacionada com sua elocução. [...] Contudo, cada <i>shifter</i> possui seu próprio significado geral. Assim “eu” significa o destinador (e tu o destinatário) da mensagem de que faz parte. [...] Na realidade, os <i>shifters</i> se distinguem de todos os demais constitutivos do código lingüístico unicamente por sua referencia obrigatória à mensagem em questão (pág. 310).</p>
<p>Me parece que en este punto convendría hacer cierto uso de la teoría de los grafos. Propongo que hagamos algo que Jakobson no hace, y es confeccionar un grafo de lo que su teoría afirma. Tenemos cuatro casos; los primeros dos casos son de <i>overlapping</i> (traslapo) y los otros dos son de circularidad.</p>	<p>Acho que neste ponto convêm fazer certo uso da teoria dos grafos. Proponho que façamos algo que Jakobson não faz, que é confeccionar um grafo do que sua teoria afirma. Temos quatro casos, os primeiros dois casos são de <i>overlapping</i> e os outros dois são de circularidade.</p>
	
<p><i>Esquema n° 2</i></p>	<p><i>Esquema n° 2</i></p>
<p>Éste es un grafo que se caracteriza por tener cuatro aristas y dos vértices, y por que dos de las cuatro aristas son rizos o bucles.</p>	<p>Este é um grafo que se caracteriza por ter quatro arestas e dois vértices e porque duas das quatro arestas são ondas ou bucles.</p>

<p>Tonín me ha dicho que criadilla significa patata.</p>	<p>Tonín me falou que semilha significa batata.</p>
<p>Esta frase que propone Jakobson contiene los cuatro casos. “Tonín me ha dicho que”: ahí tenemos el caso de un mensaje en un mensaje; estamos citando un mensaje. “Criadilla significa patata”: este es un caso en el que una partícula del código es referida a otra partícula del código; a su vez, en esta frase estoy trabajando un mensaje referido a una partícula del código -quiere decir que es también un caso (M/C). Y finalmente es un caso de código/código (C/C). El <i>shifter</i> estaría en “me ha dicho” (a mí); pero, ¿Quién soy yo? El que está hablando. Es decir, esas partículas del código en el mensaje que tienen al propio mensaje como único medio para establecer su valor.</p>	<p>Esta frase que propõe Jakobson contém os quatro casos. “Tonín me falou que”: aqui temos o caso de uma mensagem em uma mensagem, estamos citando uma mensagem. “semilha significa batata”, esse é um caso em que uma partícula do código é referida a outra partícula do código, por sua vez, nesta frase estou trabalhando uma mensagem referindo a uma partícula do código – quer dizer que é também um caso (M/C). E finalmente é um caso de código/código (C/C). O <i>shifter</i> estaria em “me falou” (a mim); mas, quem sou eu? Aquele que está falando. Ou seja, essas partículas do código na mensagem que tem na própria mensagem o único meio para estabelecer seu valor.</p>
<p>Este último caso es importantísimo porque responde a un problema que vamos a trabajar hoy; es un problema importante porque nos ubica respecto de una mala interpretación de la enseñanza de Lacan en cuanto a la función que este le asignaría al “je ” como siendo el sujeto en el inconsciente.</p>	<p>Este último caso é importantíssimo porque responde um problema que vamos trabalhar hoje. É um problema importante porque nos localiza a respeito de uma má interpretação do ensino de Lacan no que diz respeito à função que ele atribuiria ao "je" como sendo o sujeito no inconsciente.</p>
<p>Habrán notado que el ejemplo de Jakobson es bastante sutil: allí el <i>shifter</i> está indicado por partículas que no son ni el “yo” ni el “tú”.</p>	<p>Notarão que o exemplo de Jakobson é muito sutil, ali o <i>shifter</i> está indicado por partículas que não são nem o “eu” nem o “tu”.</p>
<p>Esta simple elocución incluye los cuatro tipos de estructura doble: discurso citado</p>	<p>Esta simples elocução inclui os quatro tipos de estrutura dupla, discurso citado</p>

<p>(M/M), forma autónoma de discurso (M/C), nombre propio (C/C), y conmutadores (C/M), eso es, el pronombre de primera persona y el tiempo perfecto, que señala un acaecimiento anterior a la transmisión del mensaje. En el lenguaje y su uso, la duplicidad desempeña una función básica (pág. 312).</p>	<p>(M/M), forma autônoma de discurso (M/C), nome próprio (C/C), e <i>shifters</i> (C/M), ou seja, o pronome em primeira pessoa e o tempo perfeito, que demonstram uma ocorrência anterior à transmissão da mensagem. A duplicidade desempenha uma função básica na linguagem e no seu uso (pág. 312).</p>
<p>En el grafo que hice podría parecerles que sólo hay dos casos dobles y dos casos simples, pero no pierdan de vista que el bucle implica una relación C/C, que es doble, y que el otro bucle implica una relación M/M, que también lo es.</p>	<p>No grafo que fiz podia parecer que só tem dois casos duplos e dois casos simples, mas não percam de vista que o bucle implica uma relação C/C, que é dupla, e que o outro bucle implica uma relação M/M, que também é.</p>
<p>En particular, la clasificación de las categorías gramaticales, las verbales especialmente, requiere una coherente discriminación de los conmutadores (pág. 312).</p>	<p>Em particular, a classificação das categorias gramaticais, especialmente as verbais, requer uma coherente discriminação dos <i>shifters</i> (pág. 312).</p>
<p>No quiero que pierdan de vista que el grafo, que implica la estructura básica doble del lenguaje, nos indica también, claramente, que si el inconsciente está estructurado como un lenguaje y ésta es la estructura del lenguaje, la división del sujeto no es la que criticábamos la vez pasada. Si el grafo no tuviese los rizos o bucles aparecería como un yo dentro del yo. Pero aquí empiezan a duplicarse las duplicidades.</p>	<p>Não quero que percam de vista, que o grafo que implica a estrutura básica dupla da linguagem, nos indica também, claramente, que se o inconsciente está estruturado como uma linguagem, e esta é a estrutura da linguagem, a divisão do sujeito não é a que criticávamos na última vez. Se o grafo não tivesse as ondas ou bucles, apareceria com um eu dentro do eu. Mas aqui as duplicidades começam a se duplicar.</p>
<p>Y luego Jakobson continúa con:</p>	<p>Jakobson continua com:</p>
<p><i>“Tentativa de clasificación de las categorías verbales”</i> (pág. 312).</p>	<p><i>“Tentativa de classificação de las categorías verbales”</i> (pág. 312).</p>

(Les advierto que esta es una clasificación de las categorías verbales válida para toda lengua.)	(Advirto que essa é uma classificação das categorias verbais válida para toda língua).
Para clasificar las categorías verbales en dos grupos hay que tener en cuenta dos distinciones básicas: (I) el discurso en sí (d), y su temática, la materia relatada (r).	Para classificar as categorias verbais em dois grupos tem que levar em conta duas distinções básicas: (I) o discurso em si (d) e sua temática, a matéria relatada, (r).
La primera duplicidad, entonces, el discurso - el hecho de decirlo- y el contenido de lo que se dice -la materia relatada.	A primeira duplicidade, o discurso – o fato de dizê-lo – e o conteúdo do que se diz – a matéria relatada.
(II) el hecho en sí (H), y cualquiera y cada uno de los participantes (P), ya sea activo, ya pasivo.	(II) o fato em si (F) e qualquer e cada um dos participantes (P), seja ativo ou passivo.
“Por consiguiente se impone distinguir cuatro elementos: un hecho relatado (Hr), un hecho de discurso (Hd) [...]	“Consequentemente impõe-se distinguir quatro elementos: um fato relatado (Fr), um fato do discurso (Fd) [...]
Por ejemplo: “Yo ayer fui al cine”. Si yo digo que ayer fui al cine, en el hecho relatado el tiempo es pasado, mientras que en el hecho de decirlo el tiempo es presente. Se plantea una discordancia temporal.	Por exemplo? “Eu fui ontem ao cinema”. Se eu digo que ontem fui ao cinema, no fato relatado o tempo é passado, enquanto que o fato de dizê-lo o tempo é presente. Estabelece-se uma discordância temporal.
[...] un participante del hecho relatado (Pr) y un participante en el hecho discursivo (Pd).	[...] um participante do fato relatado (Pr) e um participante no fato discursivo (Pd).
Puede ser que coincidan o que no coincidan. En el caso del cine el participante coincidía, pero podría ser que no -como en el caso de Tonin. En el caso: “No es que lo piense yo, pero Tonin me ha dicho que tú eres un ...”. Esta posición en la enunciación siempre es complicada,	Pode ser que coincidam ou que não. No caso do cinema, o participante coincidia, mas poderia ser que não, como no caso de Tonin. No caso: “Não que eu pense, mas Tonin me falou que você é um...”. Esta posição na enunciação sempre é complicada, porque não se distingue bem

<p>porque no se distingue bien entre el sujeto del relato del sujeto del discurso. Los emisarios en la época antigua, y clásica pagaban con su cabeza las malas noticias que transmitían. Esto, por ejemplo, es patente en <i>Antígona</i>.</p>	<p>entre o sujeito do relato do sujeito do discurso. Os emissários, nas épocas antiga e clássica, pagavam com sua cabeça as más noticias que transmitiam. Isto, por exemplo, é patente em <i>Antígona</i>.</p>
<p>Una cita más:</p>	<p>Mais uma citação:</p>
<p>Todo verbo se refiere a un hecho relatado. [...] Así los designadores como los conectadores pueden caracterizar al hecho relatado (enunciado) y/o a sus participantes remitiendo o no al hecho discursivo (enunciación) o a sus participantes. Las categorías que impliquen una tal referencia se llamarán conmutadores; los que carezcan de ella, no-conmutadores (pág. 313).</p>	<p>Todo verbo se refere a um fato relatado. [...] Assim como os conectores, os designadores podem caracterizar o fato relatado (enunciado) e/ou seus participantes remitindo ou não ao fato discursivo (enunciação) ou a seus participantes. As categorias que implicarem tal referência são chamadas de SHIFTERS e os que carecerem dela, NONSHIFTERS (pág. 313).</p>
<p>En esta cita queda claro que conmutador es lo que hace pasar del enunciado a la enunciación, lo que funciona como llave que permite cambiar de enunciado a enunciación y viceversa.</p>	<p>Nesta citação fica claro que <i>shifter</i> é o que faz passar do enunciado para a enunciação, o que funciona como chave que permite mudar de enunciado a enunciação e vice-versa.</p>
<p>Última cita de Jakobson:</p>	<p>Última citação de Jakobson:</p>
<p>Teniendo en cuenta estas dicotomías básicas podrá definirse cualquier categoría verbal genérica (pág. 313).</p>	<p>Tendo em conta essas dicotomias básicas, poderá se definir qualquer categoria verbal genérica (pág. 313).</p>
<p>Jakobson propone que cualquier categoría verbal (genéricamente hablando) tendrá esta dicotomía básica, y también estas formas de construirse las relaciones entre enunciado y enunciación.</p>	<p>Jakobson propõe que qualquer categoria verbal (genericamente falando) terá esta dicotomia básica e também estas formas de construir as relações entre enunciado e enunciação.</p>
<p>Ésta es, entonces, la estructura del lenguaje. Después de haber pasado por la</p>	<p>Esta é, então, a estrutura da linguagem. Depois de ter passado pela topologia, pela</p>

<p>topología, por la teoría de los grafos, hemos llegado por fin a la lingüística, que es la última referencia al contexto de nuestro trabajo sobre el grafo del deseo.</p>	<p>teoria dos grafos, chegamos enfim na linguística que é a última referência ao contexto do nosso trabalho sobre o grafo do desejo.</p>
<p>Y ahora, si ésta es la estructura del lenguaje (una dicotomía fundamental entre código y mensaje, entre enunciado y enunciación, entre significante y significado), y sostenemos -con Lacan- que el inconsciente está estructurado como un lenguaje, ¿qué tipo de sujeto podemos concebirle entonces? (en esta pregunta estoy parafraseando a Lacan).</p>	<p>E agora, se esta é a estrutura da linguagem (uma dicotomia fundamental entre o código e mensagem, entre enunciado e enunciação, entre significante e significado), e sustentamos – com Lacan – que o inconsciente está estruturado como uma linguagem, que tipo de sujeito podemos conceber então? (nesta pergunta estou parafraseando Lacan).</p>
<p>En “Subversión del sujeto...”, Lacan contesta su pregunta así:</p>	<p>Em “<i>Subversión del sujeto...</i>”, Lacan responde sua pergunta assim:</p>
<p>Puede intentarse aquí, por un prurito de método, partir de la definición estrictamente lingüística del yo [<i>je</i>] como significante: en la que no es nada sino el <i>shifter</i> o indicativo que en el sujeto del enunciado designa al sujeto en cuanto que habla actualmente (pág. 779).</p>	<p>Pode tentar-se aqui, por um zelo de método, partir da definição estritamente lingüística do Eu [<i>je</i>] como significante: onde ele não é nada além do <i>shifter</i> ou indicativo que, no sujeito da enunciado, designa o sujeito enquanto que ele fala naquele momento (pág. 779).</p>
<p>Vale decir -para nosotros-, en la enunciación. Lacan sostiene que si el inconsciente está estructurado como un lenguaje, y nos preguntamos por el sujeto del inconsciente, por “prurito de método” lo primero que tendríamos que pensar es si no será el mismo sujeto que el sujeto de la estructura del lenguaje, el “<i>je</i>” para el caso del francés.</p>	<p>Vale dizer, para nós, na enunciação. Lacan sustenta que se o inconsciente está estruturado como uma linguagem e nos perguntamos pelo sujeito do inconsciente por “zelo de método”, a primeira coisa que teríamos que pensar é se não será o mesmo sujeito que o sujeito da estrutura da linguagem, o “<i>je</i>” para o caso do francês.</p>
<p>La vez pasada uno de ustedes se acercó al final para preguntarme por qué no había</p>	<p>Da última vez, um de vocês se aproximou de mim no final do encontro para me</p>

<p>utilizado la oposición <i>moi-je</i> para hablar de la división del sujeto, ya que, justamente, era la forma en que Lacan lo trabajaba - y que consideraba entonces que se me había escapado una buena herramienta de trabajo-. Yo le contesté que aunque justamente tenía previsto trabajarla hoy, no lo había hecho porque, básicamente, ése es un error: la división del sujeto no es la oposición <i>moi-je</i>; eso sería quedarse en psicoanálisis absolutamente pegados a la lingüística.</p>	<p>perguntar por que não tinha utilizado a oposição <i>moi-je</i> para falar da divisão do sujeito, já que, justamente, essa era a forma como Lacan trabalhava isso – considerava ter perdido uma boa ferramenta de trabalho –. Eu lhe respondi que embora tivesse previsto justamente trabalha-la hoje, não o fiz porque, basicamente, isso é um erro: a divisão do sujeito não é a oposição <i>moi-je</i>, isso seria ficar, em psicanálise, absolutamente colados na linguística.</p>
<p>Lacan distingue “<i>je</i>”, el conmutador, del sujeto del inconsciente, diciendo:</p>	<p>Lacan distingue “<i>je</i>”, o <i>shifter</i>, do sujeito do inconsciente, dizendo:</p>
<p>Es decir que designa al sujeto de la enunciación, pero que no lo significa (pág. 779).</p>	<p>O que quer dizer que designa o sujeito da enunciação, mas que não o significa (pág. 779).</p>
<p>El <i>shifter</i> designa al sujeto de la enunciación, pero no lo significa; y ahí está el problema: que, aunque la partícula “<i>je</i>” designe al sujeto de la enunciación, no nos dice qué es. Para decirlo de una manera más intuitiva: localizarnos en una partícula de lo que decimos, por ejemplo en el lugar del “<i>je</i>” - no nos contesta la pregunta ¿que soy?</p>	<p>O <i>shifter</i> designa o sujeito da enunciação, mas não o significa; e aí esta o problema: que ainda que a partícula “<i>je</i>” designe o sujeito da enunciação, não nos diz o que é. Para falar de uma forma mais intuitiva: localizar-nos em uma partícula do que dizemos, por exemplo, no lugar do “<i>je</i>” - não responde a pergunta: o que sou?</p>
<p>Como resulta evidente por el hecho de que todo significativo del sujeto de la enunciación puede faltar en el enunciado, aparte de que los hay que difieren del yo [<i>je</i>], [...] (pág. 779).</p>	<p>Como fica evidente pelo fato de que todo significativo do sujeito da enunciação pode faltar no enunciado além de haver os que diferem do Eu [<i>je</i>], [...] (pág. 779).</p>
<p>Es claro que el sujeto que habla en el inconsciente no puede ser localizado en el</p>	<p>É claro que o sujeito que diz no inconsciente não pode ser localizado no <i>je</i>;</p>

<p><i>je</i>; hay infinidad de frases en las que el <i>je</i> ni siquiera está. Es, por ejemplo, el caso de “Tonín me ha dicho...”. <i>Moi-je</i> no es una oposición que nos permite oponer yo(moi)-sujeto del inconsciente (\$). Quienes no poseemos el francés como lengua materna tendemos a tomar la oposición <i>moi-sujeto</i> del inconsciente, con los dos términos del francés <i>moi-je</i>, pero esto es incorrecto. Designarlo mediante la letra S tachada, indica con claridad la incorrección de elegir al “<i>je</i>” como la partícula para el sujeto del inconsciente.</p>	<p>tem infinidad de frases nas quais o <i>je</i> nem sequer está. É o caso de “Tonín me falou...”, por exemplo. <i>Moi-je</i> não é uma oposição que nos permite opor eu (moi) – sujeito do inconsciente (\$). Nós, que não temos o francês como língua materna, podemos pensar que é possível fazer a oposição <i>moi-sujeito</i> do inconsciente, com os dois termos do francês <i>moi-je</i>, mas isso é incorreto. Designá-lo mediante a letra S tachada, indica claramente a incorreção de escolher o “<i>je</i>” como a partícula para o sujeito do inconsciente.</p>
<p>Lacan avanza y, dado que no es el “<i>je</i>”, va a proponer cual podría ser la partícula que, en el código que es el francés, indicaría la marca del sujeto del inconsciente.</p>	<p>Lacan avança e, uma vez que não é o “<i>je</i>”, irá propor qual poderia ser a partícula que, no código que é o francês, indicaria a marca do sujeito inconsciente.</p>
<p>Pensamos por ejemplo haber reconocido al sujeto de la enunciación en el significante que es el <i>ne</i> francés que los gramáticos llaman <i>ne</i> expletivo, término en el que se anuncia ya la opinión increíble de algunos entre los mejores que consideran su forma como entregada al capricho (pág. 779).</p>	<p>Pensamos, por exemplo, ter reconhecido o sujeito da enunciação no significante que é o <i>ne</i> francês que os gramáticos chamam de <i>ne</i> expletivo, término no qual se anuncia a incrível opinião de alguns entre os melhores que consideram sua forma como entregue ao capricho (pág. 779).</p>
<p>En francés la negación tiene estructura doble, por ejemplo “<i>ne pas</i>”, “<i>ne guere</i>”, “<i>ne rien</i>”. La partícula negativa - a diferencia de lo que creería un hablante del castellano- no es el “<i>ne</i>”, tan próximo al “<i>no</i>”, sino la segunda: <i>pas</i>, <i>guere</i>, <i>rien</i>. Existe toda una serie de expresiones que, conteniendo el “<i>ne</i>”, son afirmativas; es el</p>	<p>Em francês a negação tem estrutura dupla, por exemplo, “<i>ne pas</i>”, “<i>ne guere</i>”, “<i>ne rien</i>”. A partícula negativa – diferentemente do que acredita um falante do castelhano e do português – não é o “<i>ne</i>”, tão próximo ao “<i>no</i>” em castelhano ou “<i>não</i>” em português, mas a segunda: <i>pas</i>, <i>guere</i>, <i>rien</i>. Existe toda uma série de</p>

<p>caso que nos interesa. Para decir correctamente algunas frases afirmativas en francés se debe introducir en ella el "ne". Un ejemplo es: "<i>Il craint que je ne sois trop jeune</i>", quiere decir: "Él teme que yo sea demasiado joven". Ahí está el <i>ne</i> expletivo funcionando. Se trata de una categoría gramatical cuya definición es: función gramaticalmente necesaria a la frase pero semánticamente innecesaria. Ni niega ni cambia el sentido; no hace del afirmativo un negativo ni del negativo un afirmativo.</p>	<p>expressões contendo o "ne" que são afirmativas, é o caso que nos interessa. Para dizer corretamente algumas frases afirmativas em francês deve-se introduzir nelas o "ne". Exemplo: "<i>Il craint que je ne sois trop jeune</i>", quer dizer: "Él teme que yo sea demasiado joven" em castelhano e "Ele teme que eu seja muito jovem" em português. Ai está o <i>ne</i> expletivo funcionando. Trata-se de uma categoria gramatical cuja definição é: função gramaticalmente necessária à frase, mas semanticamente desnecessária. Nem nega, nem muda o sentido, não faz do afirmativo um negativo, nem do negativo um afirmativo.</p>
<p>Entonces, si es que hay una partícula en el código francés que designa al su jeto del inconsciente, Lacan dice que es por ejemplo el <i>ne</i> expletivo.</p>	<p>Então, se tem uma partícula no código francês que designa o sujeito do inconsciente, Lacan diz que é, por exemplo, o <i>ne</i> expletivo.</p>
<p>El problema es que en castellano no tenemos la función de esa partícula; por lo tanto no podremos dar el mismo ejemplo.</p>	<p>O problema é que em castelhano e em português não existe essa função para essa partícula, portanto, não se pode dar o mesmo exemplo.</p>
<p>Vamos a hacer ahora una distinción que es clave. Nosotros, con el <i>ne</i>, estamos localizando al sujeto del inconsciente en el código, estamos detectando la marca del sujeto del inconsciente en el lenguaje. Pero lenguaje no es lo mismo que discurso; y en la clínica, el sujeto que nos importa es el del discurso, el sujeto particular. Clínicamente hablando, entonces, esta</p>	<p>Vamos fazer uma distinção que é chave. Nós, com o <i>ne</i>, estamos localizando o sujeito do inconsciente no código, estamos detectando a marca do sujeito do inconsciente na linguagem. Mas linguagem não é o mesmo que discurso, e na clínica o sujeito que nos importa é o do discurso, o sujeito particular. Então, clinicamente falando, este sinal do sujeito</p>

<p>señal del sujeto del inconsciente no es la que buscamos en un análisis. En un análisis se trata del sujeto localizado en un discurso particular. Para decirlo en términos de Jakobson: el sujeto del inconsciente en la experiencia analítica se localiza en el mensaje, no en el código.</p>	<p>do inconsciente não é o que procuramos numa análise. Numa análise trata-se do sujeito localizado em um discurso particular. Para dizê-lo em termos de Jakobson: o sujeito do inconsciente, na experiência analítica, localiza-se na mensagem e não no código.</p>
<p>Pero Lacan cree que se puede localizar una huella, un rastro del sujeto del inconsciente en la estructura del lenguaje. Para el castellano la cuestión es compleja. Aunque tenemos esas frases de doble negación en las que nunca queda claro si es sí o si es no. Ésas son las marcas que hay en nuestro código, en el idioma castellano, en el saber de una lengua, del sujeto del inconsciente, las dobles negaciones.</p>	<p>Mas Lacan crê que se pode localizar um sinal, um rastro do sujeito do inconsciente na estrutura da linguagem. Para o castelhano a questão é complexa. Ainda que tenhamos essas frases de dupla negação nas quais nunca fica claro se é sim ou se é não. Essas são as marcas que há no código, no idioma castelhano, no saber de uma língua, do sujeito do inconsciente, as duplas negações.</p>
<p>Una cita más de Lacan:</p>	<p>Mais uma citação de Lacan:</p>
<p>A saber, la manera justa de contestar a la pregunta: ¿Quién habla? Cuando se trata del sujeto del inconsciente. Pues esta respuesta no podría venir de él, si él no sabe lo que dice, ni siquiera que habla, como la experiencia del análisis entera nos lo enseña (pág. 780).</p>	<p>Isto é, a maneira justa de responder à pergunta: Quem diz? Quando se trata do sujeito do inconsciente. Pois esta resposta não poderia vir dele, se ele não sabe o que diz, nem sequer que fala, como a experiência de toda a análise nos ensina (pág. 780).</p>
<p>Más interesante que el hecho de que el sujeto dice otra cosa que lo que dice, es el hecho de que, a veces, lo que el sujeto dice y su verdad no le parecen a él mismo ser un dicho. Éste es el descubrimiento freudiano. Por ejemplo, un síntoma, un dolor; ahí es donde se dice: donde</p>	<p>Mais interessante que o fato de que sujeito diz algo diferente do que disse, é o fato de que, às vezes, o que o sujeito diz e sua verdade não parecem a ele mesmo ser um dizer. Este é o descobrimento freudiano. Por exemplo: um sintoma, uma dor; aí é onde se diz, onde justamente não acredita</p>

<p>justamente no se cree que se está diciendo. No es el otro yo, un “Te digo que te quiero pero hay algo en mí que te odia”, sino que el mensaje, el mío, se produce en aquello donde yo ni siquiera registro que es un mensaje.</p>	<p>que está dizendo. Não é o outro eu, um “Digo que te amo, mas tem algo em mim que te odeia”, e sim que a mensagem, a minha, se produz naquilo onde eu nem sequer registro que é uma mensagem.</p>
<p>¿Quién habla?, entonces, no es algo que se le pueda preguntar al sujeto, porque a veces aun cuando habla, ni siquiera sabe que está hablando.</p>	<p>Quem fala? Então, não é algo que se possa perguntar ao sujeito, porque às vezes ainda quando fala, nem sequer sabe que está falando.</p>
<p>Por lo cual el lugar del inter-dicto, que es lo intra-dicho de un entre-dos-sujetos, es el mismo donde se divide la transparencia del sujeto clásico para pasar a los efectos de <i>fading</i> que especifican al sujeto freudiano con su ocultación por un significante cada vez más puro: que estos efectos nos llevan a los confines donde lapsus y chiste en su colusión se confunden, o incluso donde la elisión es hasta tal punto la más alusiva para reducir a su reducto a la presencia que se asombra uno de que la caza del <i>Dasein</i> no la haya aprovechado más (pág. 780).</p>	<p>Portanto, o lugar do inter-dito, que é o intra-dito de um entre-dois-sujeitos, é o mesmo onde se divide a transparência do sujeito clássico para passar aos efeitos de <i>fading</i> que especificam o sujeito freudiano com sua ocultação por um significante cada vez mais puro: que esses efeitos nos levam aos confins, onde lapso e chiste em seu conluio se confundem ou mesmo onde a elisão é até tal ponto a mais alusiva para reduzir a seu reducto a presença que surpreende alguém do que a caça do <i>Dasein</i> não a tenha aproveitado mais (pág. 780).</p>
<p>No quisiera que pierdan de vista la función que Lacan le asigna al “entre”, al “inter”: “lo inter-dicto es lo intra-dicho de un entre-dos-sujetos”.</p>	<p>Não gostaria que vocês perdessem de vista a função que Lacan atribui ao “entre” e ao “inter”: “o inter-dito é o intra-dito de um entre-dois-sujeitos”.</p>
<p>Ahora, lo que es necesario aceptar es que el sujeto no sabe que está hablando; no tan sólo que dice otra cosa que lo que quiere decir. Sino que, a partir de algún otro, se puede establecer la existencia de un</p>	<p>Agora, o que é necessário aceitar é que o sujeito não sabe que esta falando, não apenas que diz outra coisa daquilo que queria dizer, mas que, a partir de outra pessoa, pode-se estabelecer a existência de</p>

<p>mensaje que el sujeto no sabe que existe como tal. Empieza a aparecer un problema que no está previsto por el lingüista, que es el problema que introduce Lacan: que hay que tomar en cuenta la duplicidad de “entre-dos-sujetos”; ni de uno ni de otro, el problema es entre ambos. No se puede afirmar ya que el emisor emite el mensaje que el receptor recibe. ¿De quien es el mensaje?</p>	<p>uma mensagem que o sujeito não sabe que existe como tal. Começa a aparecer um problema que não está previsto pelo linguista, que é o problema que introduz Lacan: tem que levar em conta a duplicidade de “entre-dois-sujeitos”, nem de um nem de outro, o problema é entre ambos. Já não se pode afirmar, já que o emissor emite a mensagem que o receptor recebe. De quem é a mensagem?</p>
<p>Si no es de uno ni del otro, queda en el medio, en el entre, en el inter; no hay que perder de vista, entonces, que queda oculto, “<i>fading</i>” (desvanecimiento, eclipse), ya que solamente se lo vería si estuviese de un lado o del otro. “Que especifican al sujeto freudiano con su ocultación por un significante cada vez más puro” dice Lacan; queriendo decir que cuanto más claro se hace, cuanto más puro es el significante que lo determina, más oscura se hace la determinación misma, porque el sujeto caerá entre ese significante y otro significante.</p>	<p>Se não é de um nem de outro, fica no meio, no entre, no inter, não tem que perder de vista o que fica oculto, "<i>fading</i>" (desvanecimento, eclipse), já que somente o veria se estivesse de um lado ou do outro. “Que especificam o sujeito freudiano com sua ocultação por um significante cada vez mais puro” disse Lacan, querendo dizer que quanto mais claro se faz, quanto mais puro é o significante que o determina, mais escura se faz a determinação porque o sujeito cairá entre esse e outro significante.</p>
<p>...que estos efectos nos llevan a los confines donde lapsus y chiste en su colusión se confunden o incluso donde [este es un caso interesantísimo] la elisión es hasta tal punto la más alusiva para reducir a su reducto a la presencia (pág. 780).</p>	<p>... que esses efeitos nos levem aos confins onde lapso e chiste em seu conluio se confundem ou mesmo onde [este é um caso interessantíssimo] a elisão é até tal ponto a mais alusiva para reduzir a seu reducto à presença (pág. 780).</p>
<p>Es la elisión, un término ausente, la forma más alusiva de la presencia. Si captamos</p>	<p>É a elisão, a forma mais alusiva da presença, um termo ausente. Se captarmos</p>

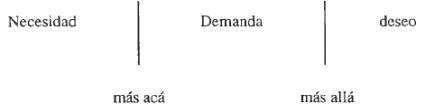

<p>lo que Lacan nos está diciendo, tendremos ya aquí la respuesta al ejemplo freudiano de <i>Más allá del principio del placer</i>. Freud se equivocó; el “<i>Fort-da</i>” no contradice al principio del placer, sino que el niño reproducía este caso, precisamente: la presencia de la madre era indicada vía la elisión. Es un efecto de la estructura, no un más allá del principio del placer. Lo que pasa es que Freud no contaba con esta teoría del lenguaje. Freud se pregunta: ¿cómo puede ser que con el término “ausencia” (<i>fort</i>), y “tirar el objeto”, alguien juegue a recuperar a su madre ausente? Si tirar el objeto produce displacer, entonces quiere decir que es algo que está en contra del principio del placer. Nosotros, hoy, deberíamos advertir que no, que es placentero; pero lo que pasa es que es paradójico: la mejor forma de tener la presencia a nivel simbólico es mediante, la elisión, la ausencia.</p>	<p>o que Lacan está nos dizendo, teremos a resposta ao exemplo freudiano de <i>Além do princípio do prazer</i>. Freud equivocou-se, o “<i>Fort-da</i>” não contradiz o princípio do prazer e sim que, precisamente, a criança reproduzia esse caso. A presença da mãe era indicada via elisão. É um efeito da estrutura, não um além do princípio do prazer. O que acontece é que Freud não contava com esta teoria da linguagem. Freud se pergunta: Como pode ser que com o termo “ausência” (<i>fort</i>), e “jogar o objeto”, alguém brinque de recuperar a sua mãe ausente? Se jogar o objeto produz desprazer, então quer dizer que é algo que está contra o princípio do prazer. Hoje, deveríamos advertir que não, que é agradável, mas o que acontece é que é paradoxal. A melhor forma de ter a presença a nível simbólico é mediante a elisão, a ausência.</p>
<p>Para que no sea vana nuestra caza, la de los analistas, necesitamos reducirlo todo a la función de corte en el discurso; el más fuerte es el que forma una barra entre el significante y el significado. Aquí se sorprende al sujeto que nos interesa, puesto que al anudarse en la significación, lo tenemos ya alojado bajo la égida del preconsciente. [...] Este corte en la cadena significante es lo único que verifica la estructura del sujeto como discontinuidad</p>	<p>Para que não seja vã nossa caçada, a dos analistas, necessitamos reduzi tudo à função de corte no discurso, o mais forte é o que forma uma barreira entre o significante e o significado. Aqui, o sujeito que nos interessa é surpreendido, sendo que ao se amarrar na significação o teremos situado sob a égide do pré-consciente. [...] Este corte na cadeia significante é o único que verifica a estrutura do sujeito como descontinuidade</p>

en lo real (pág. 780).	no real (pág. 780).
Si el sujeto tiene una localización real, ésta será la discontinuidad. Todo aquello que de lo real sea homologable al corte, se constituirá como oferta para la localización del sujeto, como por ejemplo los agujeros del cuerpo. Si algo hace discontinuidad en lo real, es ahí que se localizará el sujeto. ¿Cuál será la discontinuidad fundamental que como real será la localización del sujeto? Es el corte en la cadena significativa, que es la forma fundamental que adquiere el “inter”, el “entre”.	Se o sujeito tem uma localização real esta será a descontinuidade. Tudo aquilo que do real seja homologável ao corte, se constituirá como oferta para a localização do sujeito, como por exemplo, os orifícios do corpo. Se algo faz descontinuidade no real, é aí que se localizará o sujeito. Qual será a descontinuidade fundamental que como real será a localização do sujeito? É o corte na cadeia significativa que é a forma fundamental que adquire o “inter” e o “entre”.
Les propongo denominar a este sujeto del “entre”, “sujeto intervalar”, un Sujeto localizado en el intervalo. Para poder responder respecto de la estructura del sujeto como sujeto intervalar vamos a trabajar con otra oposición, que consiste en una tríada: necesidad- demanda-deseo. Para saber cómo debemos concebir al sujeto -si es que se localiza en el intervalo-, el dispositivo conceptual que hay que manejar es la oposición triádica <i>necesidad-demanda-deseo</i> .	Proponho a vocês denominar este sujeito do “entre”, “sujeito intervalar”, um sujeito localizado no intervalo. Para poder responder a respeito da estrutura do sujeito como sujeito intervalar, vamos trabalhar com outra oposição que consiste em uma tríade: necessidade-demanda-desejo. Para saber como devemos conceber o sujeito – se é que se localiza no intervalo – o dispositivo conceitual que devemos manejar é a oposição triádica <i>necessidade-demanda-desejo</i> .
Si la localización del sujeto es tercera (ni aquí ni allá sino en el medio), necesitamos, entonces, un dispositivo que nos rescate de las duplicidades de la lengua -y este dispositivo será necesidad-demanda-deseo.	Se a localização do sujeito é terceira (nem aqui nem ali e sim no meio), precisamos então de um dispositivo que nos resgate das duplicidades da língua, e este dispositivo será: <i>necessidade-demanda-desejo</i> .
Tomemos el escrito de Lacan “La	Veamos o escrito de Lacan “La

<p>significación del falo” (Escritos 2, 1987). Recordemos que habíamos dicho ya que de las dos fórmulas que teníamos sobre la relación estructural entre lenguaje-inconsciente, Lacan planteaba que el significante era la noción fundamental. Empiezo por el párrafo donde Lacan anuncia que va a examinar los efectos de la presencia del significante. Dice:</p>	<p><i>significação del falo”</i> (Escritos 2, 1987). Lembremos que já havíamos falado que, das duas fórmulas que tínhamos sobre a relação estrutural entre linguagem-inconsciente, Lacan argumentava que o significante era a noção fundamental. Começo pelo parágrafo onde Lacan anuncia que vai examinar os efeitos da presença do significante. Ele diz:</p>
<p>Son en primer lugar, los de una desviación de las necesidades del hombre, por el hecho de que habla, en el sentido de que en la medida en que sus necesidades están sujetas a la demanda, retornan a él alienadas. Esto no es el efecto su dependencia real [...] sino de la conformación significativa como tal, del hecho de que su mensaje es emitido desde el lugar del Otro (pág. 670).</p>	<p>São em primeiro lugar, os de um desvio das necessidades do homem, pelo fato de que diz, no sentido de que na medida em que suas necessidades estão sujeitas à demanda, retornam a ele alienadas. Isso não é o efeito da sua dependência real [...] e sim da conformação significativa como tal, do fato de que sua mensagem é emitida desde o lugar do Outro (pág. 670).</p>
<p>Noten que he corregido la palabra “enajenado” que se usa en la traducción castellana por “alienado”. Es que, en este punto, a Lacan le importa especialmente la alusión al “Otro”, y esa alusión está en la palabra “alienado” y no en “enajenado” - que es “fuera de sí” más que “en el Otro”. Lo que Lacan nos propone aquí es que hay un efecto de desviación de las necesidades del hombre a causa de que el sujeto habla, que es un sujeto hablante.</p>	<p>Notem que corrigi a palavra “<i>enajenado</i>” que se usa na tradução castelhana por “<i>alienado</i>”. É que, neste ponto, para Lacan importa especialmente a alusão ao “Otro”, e essa alusão esta na palavra “alienado” e não em “enajenado” que é “fora de si” mais do que “no Outro”. O que Lacan nos propõe é que tem um efeito de desvio das necessidades do homem pelo fato de que o sujeito fala; por ser um sujeito falante.</p>
<p>Vamos a poner en relación, entonces, la noción de demanda con la noción de necesidad. Es a consecuencia de la</p>	<p>Vamos colocar em relação à noção de demanda com a noção de necessidade. É a consequência da demanda que se produz</p>

<p>demanda que se produce una desviación de la necesidad; es decir, la necesidad se aliena. Producir una inversión es un efecto estructural de toda demanda. Para nosotros, la noción de demanda implica que uno recibe su propio mensaje desde el Otro -y no que el emisor codifica y emite el mensaje que el receptor recibe y descodifica.</p>	<p>um desvio da necessidade, ou seja, a necessidade se aliena. Produzir uma inversão é um efeito estrutural de toda demanda. Para nós, a noção de demanda implica que alguém recebe sua própria mensagem através do Outro e não que o emissor codifica e emite a mensagem que o receptor recebe e descodifica.</p>
<p>En rigor son dos las inversiones: una, el sujeto recibe su propio mensaje desde el Otro (vale decir, que el emisor es el receptor y también que el verdadero receptor es el emisor); y otra (que el grafo del deseo permite estudiar), que el sujeto recibe su propio mensaje desde el Otro en forma invertida. Hoy nosotros estamos trabajando solo con una de esas inversiones. Esto conviene distinguirlo bien para, en la clase próxima (capítulo 4) poder trabajar la oposición neurosis-psicosis.</p>	<p>A rigor são duas as inversões: uma, o sujeito recebe sua própria mensagem a partir do Outro (vale dizer que o emissor é o receptor e também que o verdadeiro receptor é o emissor), e outra (que o grafo do desejo permite estudar), que o sujeito recebe sua própria mensagem a partir do Outro em forma invertida. Hoje nós estamos trabalhando só com uma dessas inversões. Isto convém diferenciar bem, para na próxima aula (capítulo 4) podermos trabalhar a oposição neurose-psicose.</p>
<p>Justamente Lacan dice que si la necesidad es determinada por la demanda, la consecuencia es que la necesidad le terminará por venir al sujeto del Otro; se aliena. La necesidad no es más del sujeto, es del Otro, lo que obviamente la desnaturaliza en forma absoluta. Dice además que esto no es efecto de una dependencia real, sino de la presencia, en el mundo humano, de la función signifiante; es decir, esta dialéctica no</p>	<p>Lacan afirma justamente que, se a necessidade é determinada pela demanda, a consequência é que a necessidade vai acabar vindo ao sujeito do Outro, se aliena. A necessidade não é mais do sujeito, é do Outro, o que obviamente a desnaturaliza em forma absoluta. Diz ainda que isto não é efeito de uma dependência real e sim da presença da função signifiante no mundo humano, ou seja, essa dialética não está causada pela</p>

está causada por la pre maturación del nacimiento.	prematuração do nascimento.
Lo que así se encuentra alienado (lo que deja de ser del sujeto y pasa a ser del Otro), constituye una “ <i>Urverdrangung</i> ” [represión originaria] por no poder, por hipótesis, articularse en la demanda; pero que reaparece, en retoño, en lo que en el hombre se presenta como deseo (pág. 670).	O que assim se torna alienado [o que deixa de ser do sujeito e passa a ser do Outro], constitui uma “ <i>Urverdrangung</i> ” [recalque originário] por não poder, hipoteticamente, articular-se na demanda, mas que reaparece, num rebento, no que no homem se apresenta como desejo (pág. 670).
Ya iremos viendo que Lacan localiza en varios lugares distintos a la noción freudiana de represión originaria; éste es uno de esos lugares, pero no es el único.	Vamos ver que Lacan localiza em vários lugares diferentes a noção freudiana de recalque originário, esse é um desses lugares, mas não é o único.
La represión originaria es la forma psicoanalítica de hablar de una pérdida sin retorno; en este caso una pura pérdida que se coherentiza con un retoño de deseo. Si fuese “represión propiamente dicha” el retorno de la falta en la necesidad, retornaría como otra necesidad. Aquí no retorna, sino que tiene un retoño: el deseo.	O recalque originário é a forma psicanalítica de falar de uma perda sem retorno, nesse caso uma perda que se torna coerente com um rebento do desejo. Se fosse “recalque propiamente dito” o retorno da falta na necessidade, retornaria como outra necessidade. Aqui não retorna e sim tem um rebento: o desejo.
Lacan nos propone sustituir, en psicoanálisis, la noción de frustración por la de demanda; porque si reducimos la demanda a la frustración perderemos características que son estructurantes de la demanda. En cambio, nos invita a pensar la frustración como un efecto de la demanda.	Lacan nos propõe, na psicanálise, substituir a noção de frustração por demanda, porque se reduzirmos a demanda à frustração perderemos características que são estruturantes da demanda. Em troca, nos convida a pensar a frustração como um efeito da demanda.
La demanda en sí se refiere a otra cosa que a las satisfacciones que reclama. Es demanda de una presencia o de una	A demanda em si se refere à outra coisa que às satisfações que reivindica. É demanda de uma presença ou de uma

<p>ausencia. Cosa que manifiesta la relación primordial con la madre, por estar preñada de ese Otro que ha de situarse <i>más acá</i> de las necesidades que puede colmar (pág. 670).</p>	<p>ausência. Coisa que manifesta a relação primordial com a mãe por estar prenhe desse Outro que há de se situar <i>aquém</i> das necessidades que pode suprir (pág. 670).</p>
<p>La función de la madre no radica en estar preñada del niño, eso es una hembra; una madre es quien está preñada del Otro para un determinado niño. El niño percibe que el lenguaje todo está “en” la madre. Es por este motivo que a ese lenguaje se lo llama “lengua materna”, ya que se la supone “de la madre”. Lo que el niño demanda al Otro, en relación con sus necesidades, no es la satisfacción sino la presencia de ese Otro que ha de situarse más acá de las necesidades que puede colmar.</p>	<p>A função da mãe não consiste em estar prenhe da criança, isso é uma fêmea, uma mãe é quem está prenhe do Outro para uma determinada criança. A criança percebe que toda a linguagem está “na” mãe. É por esse motivo que essa linguagem é chamada de “língua materna”, já que a supõe “da mãe”. O que a criança demanda ao Outro, em relação a suas necessidades, não é a satisfação e sim a presença desse Outro que há de se situar <i>aquém</i> das necessidades que pode suprir.</p>
<p>Consideren este esquema:</p>	<p>Considerem este esquema:</p>
	
<p><i>Esquema n° 3</i></p>	<p><i>Esquema n° 3</i></p>
<p>Les propongo localizar en un borde el “más acá” de la relación necesidad-demanda y en el otro el “más allá” de la relación demanda-deseo. En el sector de la demanda quisiera ahora agregar la palabra “poder”; porque Lacan dice claramente que esta demanda del niño a la madre -en tanto Otro- es pedido de presencia y no de satisfacciones de la necesidad, dado que ella encarna el lugar desde el que se pueden colmar las necesidades, aunque no</p>	<p>Proponho localizar numa borda “aquém” da relação necessidade-demanda e na outra o “além” da relação demanda-desejo. No setor da demanda, queiram agora acrescentar a palavra “poder”, porque Lacan diz claramente que esta demanda da criança à mãe – como Outro – é pedido de presença, e não de satisfações da necessidade, dado que ela encarna o lugar a partir do qual se possam preencher as necessidades, ainda que não mediante o</p>

mediante el objeto de la necesidad.	objeto da necessidade.
El Otro cuenta con el privilegio de satisfacer las necesidades; es decir, cuenta con el poder de privar a las necesidades de lo único con que se satisfacen, con la presencia y no con el objeto. En la represión originaria, entonces, es donde Lacan va a localizar la función de la privación; y nos dirá entonces que aquel que ocupe ese lugar de la demanda - el lugar del Otro- va a tener el privilegio de poder privar a la necesidad de lo único con que se satisface. ¿Qué satisface las necesidades del hombre, entonces, si es que ya está presente la función de la demanda? La presencia de aquel que encarna el lugar del poder, el Otro (A).	O Outro conta com o privilégio de satisfazer às necessidades, ou seja, conta com o poder de privar às necessidades do único com que se satisfaz, com a presença e não com o objeto. Lacan vai localizar a função da privação no recalque originário, e nos dirá que aquele que ocupe esse lugar da demanda – o lugar do Outro – vai ter o privilégio de poder privar a necessidade do único com que se satisfazem. Então, o que satisfaz as necessidades do homem se já esta presente a função da demanda? A presença daquele que encarna o lugar do poder, o Outro (A).
Vamos a intercalar, para hacer más claro el argumento, una cita de “Subversión del sujeto...”, conocidísima, que dice:	Para ficar mais claro o argumento, vamos intercalar uma citação conhecidíssima de “ <i>Subversión del sujeto...</i> ” que diz:
El dicho primero decreta, legisla, “aforiza”, es oráculo, confiere al otro real su oscura autoridad (pág. 787).	O dito primeiro decreta, legisla, “aforiza”, é oráculo, confere ao outro real sua obscura autoridade (pág. 787).
La madre, otro real, tiene esa oscura autoridad, ese poder tan sólo a causa de haber enunciado el dicho primero. ¿Por qué para la madre -dado que encarna el lugar del Otro del lenguaje- enunciar tan sólo el dicho primero le posibilita encarnar el lugar del poder? Se trata del problema de la lengua llamada materna.	A mãe, outro real, tem essa autoridade obscura, esse poder, somente por ter enunciado o dito primeiro. Por que para a mãe – sendo que encarna o lugar do Outro da linguagem – apenas enunciar o dito primeiro lhe possibilita encarnar o lugar do poder? Trata-se do problema da língua chamada materna.
¿Qué es la lengua materna? Es una lengua que se aprende antes de las letras; una	O que é a língua materna? É uma língua que se aprende antes das letras, uma língua

<p>lengua que se aprende exclusivamente por palabras. Y, justamente, queda claro que para el niño enfrentado al dicho primero, el orden simbólico está dentro de ése que habla. ¿Hay alguna limitación concebible a ese poder del Otro que posee el lenguaje? Desde esta perspectiva no. Se trata de su omnipotencia.</p>	<p>que se aprende exclusivamente por palabras. E fica claro que para a criança enfrentada ao dito primeiro, a ordem simbólica estará dentro desse que fala. Há alguma limitação concebível a esse poder do Outro que possui a linguagem? A partir dessa perspectiva não. Trata-se de sua onipotência.</p>
<p>Un ejemplo: las mamás aquí presentes recordarán los ataques de furia de sus hijos, entre los dos y tres años, porque ellas no entendían a sus niños cuando ellos les contaban o decían algo. Ellos no dan chance: si no se les entendió de inmediato sobreviene un ataque de furia o de angustia. ¿Y qué es esa furia? No es el hecho de que se sienten incomprendidos, sino que empiezan a reconocer que la lengua no es de la madre, que -digamos- la madre no entiende la lengua materna. Eso es lo que los desespera. La incomprensión de la madre ataca para el niño la omnipotencia, la omnipotencia cuyo ataque más lo angustia, la omnipotencia del otro, no la suya.</p>	<p>Um exemplo: as mães aqui presentes recordam os ataques de fúria de seus filhos, entre os dois e três anos, porque elas não entendiam seus filhos quando eles falavam ou diziam algo. Eles não dão chance, se vocês não os entendem de imediato logo vem um ataque de fúria ou de angustia. E o que é essa fúria? Não é o fato de que se sentem incomprendidos e sim que começam a reconhecer que a língua não é da mãe, que – digamos – a mãe não entende a língua materna. É isso o que os desespera. Para a criança, a incompreensão da mãe ataca a onipotência, a onipotência cujo ataque mais o angustia, a onipotência do outro, não a sua.</p>
<p>Sin embargo, los casos de hospitalismo en los que habiendo alguien que tiene la lengua, la <i>nurse</i> por ejemplo, el niño igualmente se deja morir, nos dicen que no alcanza con que haya alguien que encarne el lugar del Otro; esta lógica dual: necesidad - demanda no alcanza. De modo que nuestro recorrido es aún parcial; estoy</p>	<p>Contudo, os casos de hospitalismo nos que havendo alguém que tenha a língua, a <i>nurse</i>, por exemplo, a criança igualmente se deixa morrer, nos dizem que não alcança com que haja alguém que encarne o lugar do Outro, não alcança essa lógica dual necessidade-demanda. De modo que o nosso percurso ainda é parcial, estou</p>

abriendo camino para la introducción del deseo del Otro.	abrindo caminho para a introdução do desejo do Outro.
Entonces, ¿qué poder tiene el Otro? El poder de privar a la necesidad de lo único con que se satisface, que es la presencia de ese mismo Otro.	Então, que poder tem o Outro? O poder de privar à necessidade do único com que se satisfaz, que é a presença desse mesmo Outro.
Ese privilegio del Otro dibuja la forma radical del don, de lo que no tiene – lo que se llama “su amor” .	Esse privilégio do Outro, desenha a forma radical do dom, do que não tem - o que se chama “seu amor”.
Es así como la demanda anula (<i>aufhebt</i>) la particularidad de todo lo que puede ser concedido transmutándolo en prueba de amor (pág. 670).	É assim como a demanda anula (<i>aufhebt</i>) a particularidade de tudo o que pode ser concedido transmutando-o em prova de amor (pág. 670).
Lacan sostiene que la demanda anula - y propone la palabra alemana " <i>aufhebt</i> ". Ésta es la palabra de la dialéctica hegeliana y es también la palabra que utiliza Freud para el levantamiento de la represión. Es aquí -dice Lacan-, en esta relación, en este punto, donde se produce la dialéctica hegeliana del <i>aufhebt</i> . Significa “conservación con cambio” y “cambio con conservación” .	Lacan sustenta que a demanda anula - e propõe a palavra alemã " <i>aufhebt</i> ". Está é a palavra da dialética hegeliana e é também a palavra que Freud utiliza para o levantamento do recalque. É aqui – disse Lacan –, nesta relação, neste ponto, onde se produz a dialética hegeliana do <i>aufhebt</i> . Significa “conservação com mudança” e “mudança com conservação”.
Con la demanda, por lo tanto, se produce esta función de levantamiento-anulación de lo que se da a nivel de la necesidad -y que Lacan llama particularidad- y la sustitución por una prueba de amor. Pero también dice que la particularidad además de ser anulada es conservada.	Portanto, com a demanda se produz esta função de levantamento-anulação do que se dá no nível da necessidade – e que Lacan chama particularidade – e a substituição por uma prova de amor. Mas também diz que a particularidade além de ser anulada é conservada.
¿Cuál es esa particularidad a nivel de la especie? El objeto específico que satisface la necesidad para esa especie. Para el bebé	Qual é essa particularidade no nível da espécie? O objeto específico que satisfaz a necessidade para essa espécie. Para o

<p>recién nacido la leche de vaca no satisface su necesidad; por eso un bebé recién nacido así alimentado acaba por morir.</p>	<p>bebê recém-nascido o leite de vaca não satisfaz sua necessidade, por isso um bebê recém-nascido assim alimentado acaba morrendo.</p>
<p>Lo que Lacan plantea es que por la presencia de la demanda, esta particularidad se anula, y en su lugar el sujeto pasa a demandar una prueba de amor. Y esa prueba de amor será la presencia del Otro.</p>	<p>O que Lacan coloca é que pela presença da demanda esta particularidade se anula e em seu lugar o sujeito passa a demandar uma prova de amor. Esta prova de amor será a presença do Outro.</p>
<p>Hay pues una necesidad [lógica] de que la particularidad así abolida [por la demanda] reaparezca <i>más allá</i> de la demanda (pág. 671).</p>	<p>Há, pois uma necessidade [lógica] de que a particularidade assim abolida [pela demanda] reapareça <i>além</i> da demanda (pág. 671).</p>
<p>Noten el tipo de uso que hace Lacan del término de necesidad: lo que reaparece es un necesario lógico. Lacan se pregunta: ¿pero cuál es ese necesario lógico? Es que lo que el significante produjo como pérdida al nivel de la particularidad de la especie, reaparezca como particularidad del sujeto. El campo del deseo es una recuperación, más allá de la demanda, de lo que la demanda -el significante articulado- produce como pérdida en el campo de la necesidad. Gracias a que el significante hace perder algo en el mundo de la especie humana, en el famoso “ser dado natural” , es que se produce ese retoño que es el deseo.</p>	<p>Notem o tipo de uso que faz Lacan do termo de necessidade: o que reaparece é um necessário lógico. Lacan se pergunta: Mas qual é esse necessário lógico? É que, o que o significante produziu como perda ao nível da particularidade da espécie, reapareça como particularidade do sujeito. O campo do desejo é uma recuperação, além da demanda, do que a demanda – o significante articulado – produz como perda no campo da necessidade. Graças ao significante, que faz perder algo no mundo da espécie humana – no famoso “ser dado natural” – é que se produz esse rebento que é o desejo.</p>
<p>Lacan destaca que la particularidad perdida a nivel de la especie se recupera como particularidad al nivel del sujeto</p>	<p>Lacan destaca que a particularidade perdida ao nível da espécie se recupera como particularidade no nível do sujeito</p>

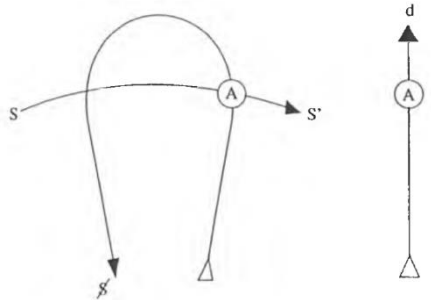
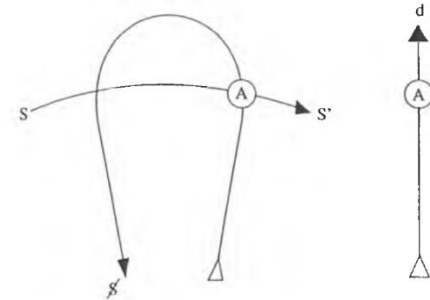
como deseo.	como desejo.
Reaparece efectivamente allá, pero conservando la estructura que esconde lo incondicionado de la demanda de amor (pág. 671).	Reaparece efetivamente lá, mas conservado a estrutura que esconde o incondicionado da demanda de amor (pág. 671).
Lo incondicionado de la prueba de amor es, precisamente, la huella del efecto de la demanda sobre la particularidad de la necesidad, dado que no hay, por estructura, ninguna necesidad que por sí misma sea condición para la prueba de amor; ni siquiera la “necesidad de vivir” es necesariamente una condición, un límite al amor. Es por esto que toda demanda es demanda de amor, más allá de lo que en tanto contenido se pide. Así la particularidad de la necesidad reaparecerá con la propiedad de condición absoluta del deseo.	O incondicionado da prova de amor é, precisamente, o traço do efeito da demanda sobre a particularidade da necessidade, dado que não tem, por estrutura, nenhuma necessidade que por si mesma seja condição para a prova de amor, nem mesmo a “necessidade de viver” é necessariamente uma condição, um limite ao amor. É por isso que toda demanda é demanda de amor, além do que em todo conteúdo se pede. Assim, a particularidade da necessidade reaparecerá com a propriedade de condição absoluta do desejo.
<i>Renversement</i> que no es una simple negación de la negación [aquí ya se separa de Hegel], el poder de la pura pérdida surge del residuo de una obliteración. A lo incondicionado de la demanda, el deseo sustituye la condición Absoluta (pág. 671).	<i>Renversement</i> que não é uma simples negação da negação [aqui já se separa de Hegel], o poder da pura perda surge do resíduo de uma obliteração. Ao incondicionado da demanda, o desejo substitui a condição Absoluta (pág. 671).
Por efecto del significante y su funcionamiento en la demanda se produce una pérdida radical (abolición, dice Lacan) a nivel de las necesidades.	Pelo efeito do significante e seu funcionamento na demanda se produz uma perda radical (abolição, disse Lacan) no nível das necessidades.
¿Qué es aquello que de la necesidad es abolido? Lacan lo caracteriza como el objeto particular. Para la especie humana, la leche materna. Y en lugar de eso el	O que é aquilo que é abolido da necessidade? Lacan o caracteriza como objeto particular. Para a espécie humana, o leite materno. E no lugar disso o sujeito

<p>sujeto demanda la presencia de la madre, pero la necesidad, ya ahora lógica, de la particularidad, reaparece, pero conservando las huellas de la demanda. ¿Y cuáles son esas huellas? Precisamente, la marca que deja la demanda, y ¿qué es lo más propio de la demanda? Su incondicionalidad. Ningún hambre, entonces, será límite al amor. Y, a su vez, la posición del sujeto respecto de este Otro es incondicional. La demanda es incondicional respecto de la necesidad y el Sujeto respecto del Otro.</p>	<p>demanda a presença da mãe, mas a necessidade da particularidade, agora lógica, reaparece, mas conservando os traços da demanda. Quais são esses traços? Precisamente, é a marca que deixa a demanda. E o que é o mais próprio da demanda? Sua incondicionalidade. Nenhuma fome será limite ao amor. E, por sua vez, a posição do sujeito a respeito deste Outro é incondicional. A demanda é incondicional a respeito da necessidade e o Sujeito a respeito do Outro.</p>
<p>Pero el deseo, como retoño del objeto de la necesidad perdido, no recibe condiciones del lado de la demanda. Si la demanda implica lo incondicionado respecto de la necesidad, el deseo será condición absoluta respecto de la de manda, por las huellas que la incondicionalidad dejan en el retoño del objeto abolido de la necesidad.</p>	<p>Mas o desejo, como rebento do objeto da necessidade perdida, não recebe condições do lado da demanda. Se a demanda implica o incondicionado respeito da necessidade, o desejo será condição absoluta a respeito da demanda, pelos traços deixados pela incondicionalidade nos rebentos do objeto abolido da necessidade.</p>
<p>La figura del Otro que aquí se esboza es onnipotente; es que el Otro de la demanda es onnipotente justamente por la estructura misma de la demanda. Es un Otro totalmente incondicionado respecto de la necesidad.</p>	<p>A figura do Outro que aqui se esboça é onipotente, é que o Outro da demanda é onipotente justamente pela mesma estrutura da demanda. É um Outro totalmente diferente incondicionado a respeito da necessidade.</p>
<p>Avanzamos un poco más. Tomemos ahora esta cita:</p>	<p>Avancemos um pouco mais. Tomemos agora esta citação:</p>
<p>A lo incondicionado de la demanda, el deseo sustituye la condición “absoluta”: esa condición desanuda en efecto, lo que</p>	<p>No incondicionado da demanda o desejo substitui a condição “absoluta”: Essa condição desata, efetivamente, o que a</p>

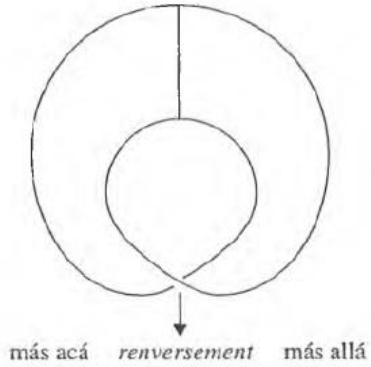
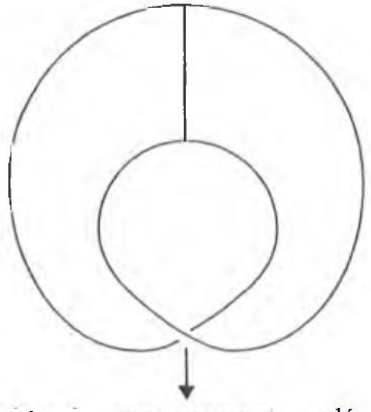
<p>la prueba de amor tiene de rebelde a la satisfacción de una necesidad. Así el deseo no es el apetito de la satisfacción, ni la demanda de amor, sino la diferencia que resulta de la sustracción del primero a la segunda, el fenómeno mismo de su escisión (<i>Spaltung</i>) (pág. 671).</p>	<p>prova do amor tem de rebelde à satisfação de uma necessidade. Assim o desejo não é mais o apetite da satisfação nem a demanda do amor, mas a diferença que resulta da subtração do primeiro à segunda, o fenômeno de sua fenda (<i>Spaltung</i>) (pág. 671).</p>
<p>El deseo, como tal, implica el residuo que queda de la diferencia estructural entre necesidad y demanda. La necesidad menos la demanda deja un resto. Obviamente, estamos sosteniendo que hay algo de la necesidad que no puede pasar a la demanda; y ese resto es lo que llamamos deseo.</p>	<p>O desejo, como tal, implica o resíduo que sobra da diferença estrutural entre necessidade e demanda. A necessidade menos a demanda deixa um resto. Obviamente, estamos sustentando que tem algo da necessidade que não pode passar à demanda e esse resto é o que chamamos de desejo.</p>
<p>Podemos extraer una gran ventaja de concebir al deseo como resto: vernos llevados a la teoría del objeto <i>a</i> cómo resto.</p>	<p>Podemos extrair uma grande vantagem concebendo o desejo como resto: ser levados à teoria do objeto <i>a</i> como resto.</p>
<p>¿Qué es aquello de la necesidad que no pasa al deseo? La particularidad. Para nosotros, los seres humanos, no importa lo particular de lo requerido para la satisfacción de la necesidad, lo sustituimos por pruebas de amor. Pero este “no importa”, que es lo que se pierde, implicará un resto al que llamaremos deseo.</p>	<p>O que é aquilo da necessidade que não passa ao desejo? A particularidade. Para nós, os seres humanos, não importa a particularidade do requerido para a satisfação da necessidade, o substituímos por provas de amor. Mas este “não importa”, que é o que se perde, implicará um resto ao que chamaremos de desejo.</p>
<p>¿Cuáles son, entonces, en función de esta relación, las propiedades que le asignamos al deseo? Particularidad y condición absoluta. La particularidad abolida a nivel del “todos” de la especie se recupera,</p>	<p>Então, em função dessa relação, quais são as propriedades que associamos ao desejo? Particularidade e condição absoluta. A particularidade abolida no nível do “todos” da espécie se recupera, justamente, na</p>

<p>justamente, en la diferencia de cada uno (lo particular del sujeto). Noten que son particularidades distintas, bien distintas; ambas son particularidades, pero no son la misma particularidad; hay una transformación fundamental.</p>	<p>diferença de cada um (o particular do sujeito). Notem que são particularidades distintas, bem distintas, ambas são particularidades, mas não são a mesma particularidade, tem uma transformação fundamental.</p>
<p>La definición de incondicional del diccionario francés (Lacan piensa en francés, por eso busco las referencias en francés) es: absoluto e imperativo. Así se puede decir entonces que el superyó es un efecto de la estructura. Es el poder del Otro de la demanda el que luego, con el “envés”, se pasa del lado del sujeto y se vuelve contra él vía el superyó.</p>	<p>A definição de incondicional no dicionário francês (Lacan pensa em francês, por isso busco as referências no francês) é: absoluto e imperativo. Assim pode-se dizer então que o supereu é um efeito da estrutura. É o poder do Outro da demanda o que logo, no “avesso”, passa do lado do sujeito e se volta contra ele via supereu.</p>
<p>¿Y que es condición? Definámosla en relación con causa. .Como diferenciar una de otra? Se tiende a pensar que la causa es un término positivo y la condición un término negativo; pero el asunto es más complejo. Veamos:</p>	<p>E o que é condição? Vamos defini-la em relação à causa. Como diferenciar uma da outra? Tende-se a pensar que a causa é um termo positivo e a condição um termo negativo, mas o assunto é mais complexo. Vejamos:</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Condición necesaria: Que A sea condición necesaria de B quiere decir que no puede haber B si no hay antes A, y que puede haber A sin que haya B. 	<ul style="list-style-type: none"> • Condição necessária: Que A seja condição necessária de B quer dizer que não pode haver B se não houver antes A, e que pode haver A sem que haja B.
<ul style="list-style-type: none"> • Condición suficiente: Siempre que haya A habrá B. Es un caso distinto. Y dentro de las condiciones suficientes están la condición absoluta y la condición relativa. 	<ul style="list-style-type: none"> • Condição suficiente: Sempre que houver A haverá B. É um caso diferente. E dentro das condições suficientes estão a condição absoluta e a condição relativa.
<ul style="list-style-type: none"> • Condición suficiente relativa (es cuando el primer término implica el segundo, una vez presupuestas las otras condiciones): Para que haya B debe, siempre, haber 	<ul style="list-style-type: none"> • Condição suficiente relativa (é quando o primeiro termo implica o segundo, uma vez presupostas as outras condições): Para que tenha B deve, sempre, haver

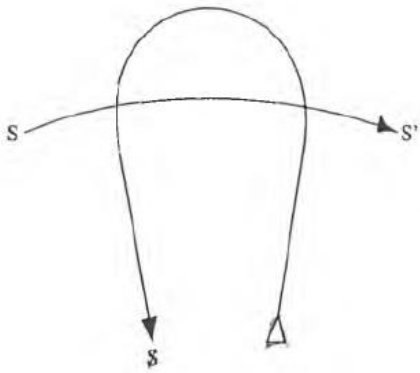
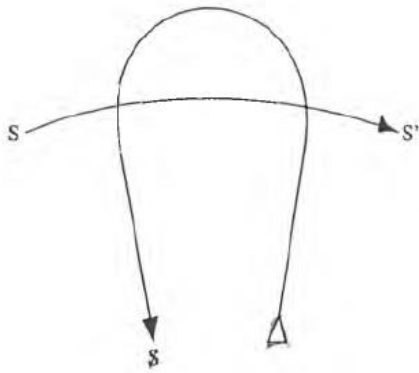
habido antes A y las otras condiciones requeridas.	antes A e as outras condições requeridas.
• Condición suficiente absoluta (es cuando un primer término implica por sí solo al segundo): Para que haya B basta con que haya habido antes A.	• Condição suficiente absoluta (é quando um primeiro termo implica por si só o segundo): Para que haja B basta que antes haja A.
Entonces, sostener que la posición particular del sujeto es una condición absoluta quiere decir que es una condición suficiente no relativa; esto es: no es relativa a la demanda. ¿Por qué Lacan no utilizó el mismo término, “incondicionalidad”, para demanda y para deseo? Porque mientras que la incondicionalidad lleva a la omnipotencia, la condición absoluta no.	Então, sustentar que a posição particular do sujeito é uma condição absoluta quer dizer que é uma condição suficiente não relativa, isto é: não é relativa à demanda. Porque Lacan não utilizou o mesmo termo, "incondicionalidade", para demanda e para desejo? Porque enquanto a incondicionalidade leva à onipotência, a condição absoluta não.
Para la posición de un sujeto, en tanto que sujeto deseante, el resto entre la necesidad y la demanda será un resto particular; ésa es su forma peculiar de recuperar la particularidad abolida a nivel de la necesidad. Y a su vez, todo lo que le suceda como sujeto deseante -a nivel de la causa- tendrá la forma de la condición absoluta respecto de la demanda.	Para a posição de um sujeito, enquanto sujeito desejante, o resto entre a necessidade e a demanda será um resto particular. Essa é a sua forma peculiar de recuperar a particularidade abolida no nível da necessidade. Por sua vez, tudo o que acontecer a ele como sujeito desejante – no nível da causa – terá a forma da condição absoluta a respeito da demanda.
Para terminar les propongo que pensemos a la relación necesidad-demanda-deseo como una estructura de banda de Möbius - que es equivalente al ocho interior que yo proponía como la estructura fundamental del grafo.	Para terminar proponho a vocês que pensemos na relação necessidade-demanda-desejo como uma estrutura de banda de Möbius – que é equivalente ao oito interior que eu propunha como a estrutura fundamental do grafo.
Lo que estoy tratando de mostrarles es que el grafo del deseo es del deseo, justamente,	O que estou tratando de mostrar a vocês é que o grafo do desejo é do desejo,

<p>porque se funda en la oposición necesidad-demanda-deseo. Decir “estructura del sujeto intervalar” es lo mismo que decir “sujeto del deseo”.</p>	<p>justamente, porque se fundamenta na oposição necessidade-demanda-desejo. Dizer “estrutura do sujeito intervalar” é o mesmo que dizer “sujeito do desejo”.</p>
<p>Vamos a plantear mediante secciones del grafo, las relaciones descritas: sujeto mítico de la necesidad, atravesamiento de la demanda, del Otro (A) de la demanda, su más allá, el deseo. Escribo demanda como cadena significativa; el punto de intersección será el del Otro de la demanda; y, por último, nos queda el más allá de la demanda, eso que de la necesidad no va a entrar en la demanda, el campo del deseo.</p>	<p>Vamos colocar mediante secções do grafo, as relações descritas: sujeito mítico da necessidade, atravessamento da demanda, do Outro (A) da demanda, seu além, o desejo. Escrevo demanda como cadeia significativa, o ponto de intersecção será o do Outro da demanda e, por último, resta o além da demanda, isso que da necessidade não vai entrar na demanda, o campo do desejo.</p>
	
<p><i>Esquema nº 4</i></p>	<p><i>Esquema nº 4</i></p>
<p>Si Lacan afirma que “el deseo esta articulado, pero no es articularle”, lo hace sobre la base de este cuadro de relaciones entre necesidad-demanda-deseo. El resto entre la necesidad y la demanda implica ya la articulación de una cadena del Otro, por ejemplo, el dicho primero; pero no será articulable porque, justamente, es aquello que de la necesidad no entra en la demanda. Y aquello que de la necesidad no entre en la demanda es el objeto</p>	<p>Se Lacan afirma que “o desejo esta articulado, mas não é articulável”, o faz baseado neste quadro de relações entre necessidade-demanda-desejo. O resto entre a necessidade e a demanda implica já na articulação de uma cadeia do Outro, por exemplo, o dito primeiro, mas não será articulável justamente porque é aquilo que da necessidade não entre na demanda. E aquilo que da necessidade não entre na demanda é o objeto particular, ou seja, que</p>

<p>particular, o sea que el resto articulado pero no articulable será el objeto, el objeto <i>a</i> causa del deseo, abolido de la necesidad por el atravesamiento de la demanda pero siendo siempre un más allá de ella.</p>	<p>o resto articulado, mas não articulável, será o objeto, o objeto <i>a</i> causa do desejo, abolido da necessidade pelo atravessamento da demanda, mas sendo sempre um além dela.</p>																				
<p>Bueno, precisamente el deseo, como más allá de la demanda, es lo que nos va a permitir pensar, en la próxima clase, la oposición neurosis-psicosis.</p>	<p>Bom, precisamente o desejo, como além da demanda, é o que vai nos permitir pensar na próxima aula, a oposição neurose-psicose.</p>																				
<p>En el esquema siguiente propongo volcar las principales articulaciones trabajadas sobre la base de la tripartición: necesidad-demanda-deseo.</p>	<p>No esquema seguinte proponho colocar as principais articulações trabalhadas na base da tripartição: necessidade-demanda-desejo.</p>																				
<table style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="text-align: center; width: 33%;">NECESIDAD</td> <td style="width: 10%;"></td> <td style="text-align: center; width: 33%;">DEMANDA</td> <td style="width: 10%;"></td> <td style="text-align: center; width: 33%;">DESEO</td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">Objeto particular (especie)</td> <td style="text-align: center;">} más acá</td> <td style="text-align: center;">} OTRO Prueba de amor Incondicionalidad</td> <td style="text-align: center;">} más allá</td> <td style="text-align: center;">} Objeto <i>a</i> (particular) Condición absoluta</td> </tr> </table>	NECESIDAD		DEMANDA		DESEO	Objeto particular (especie)	} más acá	} OTRO Prueba de amor Incondicionalidad	} más allá	} Objeto <i>a</i> (particular) Condición absoluta	<table style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="text-align: center; width: 33%;">NECESSIDADE</td> <td style="width: 10%;"></td> <td style="text-align: center; width: 33%;">DEMANDA</td> <td style="width: 10%;"></td> <td style="text-align: center; width: 33%;">DESEJO</td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">Objeto particular (espécie)</td> <td style="text-align: center;">} aquém</td> <td style="text-align: center;">} OUTRO Prova de amor Incondicionalidade</td> <td style="text-align: center;">} além</td> <td style="text-align: center;">} Objeto <i>a</i> (particular) Condição absoluta</td> </tr> </table>	NECESSIDADE		DEMANDA		DESEJO	Objeto particular (espécie)	} aquém	} OUTRO Prova de amor Incondicionalidade	} além	} Objeto <i>a</i> (particular) Condição absoluta
NECESIDAD		DEMANDA		DESEO																	
Objeto particular (especie)	} más acá	} OTRO Prueba de amor Incondicionalidad	} más allá	} Objeto <i>a</i> (particular) Condición absoluta																	
NECESSIDADE		DEMANDA		DESEJO																	
Objeto particular (espécie)	} aquém	} OUTRO Prova de amor Incondicionalidade	} além	} Objeto <i>a</i> (particular) Condição absoluta																	
<p><i>Esquema n° 5</i></p>	<p><i>Esquema n° 5</i></p>																				
<p>Dada la relación abolición-retoño, de un lado y del otro de la demanda, se hace evidente que la relación tiene una estructura de banda de Möbius, en la que cobra su debido alcance la noción de “<i>renversement</i>”. Tomaremos a la demanda como la torsión misma, y en relación con ella localizaremos el más acá y el más allá.</p>	<p>Dada à relação abolição-rebento, de um lado e do outro da demanda, se faz evidente que a relação tem uma estrutura de banda de Möbius, na qual cobra seu devido alcance a noção de “<i>renversement</i>”. Tomaremos a demanda como a própria torção, e em relação a ela localizaremos o aquém e o além.</p>																				

	
<i>Esquema n° 6</i>	<i>Esquema n° 6</i>
<p>En próximas clases haremos el trabajo de sustituir en el trío: necesidad-demanda-deseo, el término “necesidad” por ser mítico, por el de “goce” del cual la clínica psicoanalítica da perfecta cuenta de que no tiene nada de mítico.</p>	<p>Em aulas futuras faremos o trabalho de substituir no trio necessidade-demanda-desejo, o termo “necessidade”, por ser mítico, pelo termo “gozo” do qual a clínica psicanalítica entende perfeitamente que não possui nada de mítico.</p>

Tradução do capítulo 04 do livro *El Grafo del Deseo*

CUATRO	Quatro
EL GRAFO 1	O GRAFO 1
El tema de la clase de hoy es el grafo 1.	O tema da aula de hoje é o grafo 1.
<i>Esquema n° 1</i>	<i>Esquema n° 1</i>
	
<p>Para trabajarlo en su máximo alcance vamos a articularlo a la siguiente cita de</p>	<p>Para trabalha-lo em seu máximo alcance vamos articular a seguinte citação de</p>

<p>“Subversión del sujeto...” con la que terminamos la clase pasada:</p>	<p>"<i>Subversión del sujeto...</i>" com a que terminamos na última aula:</p>
<p>[...] que el deseo sea articulado, es precisamente la razón de que no sea articulable (pág. 784).</p>	<p>[...] que o desejo seja articulado é precisamente a razão de que não seja articulável (pág. 784).</p>
<p>El hecho de que el deseo no sea articulable puede resultarnos claro porque ya trabajamos con la idea de que el deseo es el efecto de la demanda que, ella misma, justamente, no puede recapturar. Necesariamente el deseo implicará siempre un campo más allá de cualquier demanda. Lo que justifica que en la práctica analítica con neuróticos no puede no haber deseo. Lacan es sumamente sutil cuando plantea que en materia de rechazo del deseo, lo más lejos que un sujeto neurótico puede llegar es a “desear no desear”. Se llama deseo, entonces, al efecto estructural de la demanda sobre la necesidad, que resulta no ser recuperable por la demanda, pero que ya conviene distinguirlo de cualquier “yo deseo x objeto”.</p>	<p>O fato de que o desejo não seja articulável pode ficar claro para nós porque já trabalhamos com a ideia de que o desejo é o efeito da demanda que, justamente ela mesma, não pode recapturar. Necessariamente, o desejo implicará sempre um campo além de qualquer demanda. O que justifica que na prática analítica com neuróticos não podem não ter desejo. Lacan é sumamente sutil quando coloca que em matéria de rechaço do desejo, o mais longe que um sujeito neurótico pode chegar é a "desejar não desejar". Chama-se desejo, então, ao efeito estrutural da demanda sobre a necessidade, que resulta não ser recuperável pela demanda, mas que já convém distingui-lo de qualquer "eu desejo x objeto".</p>
<p>No debemos perder de vista que en el álgebra lacaniana, “demanda” se escribe con una D mayúscula, y “deseo” con una <i>d</i> minúscula. Y si ustedes se fijan en la lógica con la que Lacan distribuye mayúsculas y minúsculas (al menos al comienzo de su enseñanza), se encontrarán con una sorpresa. Lacan destina las mayúsculas para lo simbólico y las</p>	<p>Não devemos perder de vista que na álgebra lacaniana, "demanda" se escreve com um D maiúsculo, e "desejo" com um <i>d</i> minúsculo. E se vocês se fixarem na lógica com a que Lacan distribui maiúsculas e minúsculas (ao menos no começo de seu ensino), irão se deparar com uma surpresa. Lacan destina as maiúsculas para o símbolo e as minúsculas</p>

<p>minúsculas para lo imaginario (cf. el esquema Lambda del <i>Seminario 2</i>).</p>	<p>para o imaginário (cf. o esquema Lambda do <i>Seminário 2</i>).</p>
<p>¿Lacan, al escribir deseo con <i>d</i>, nos quiere decir que es imaginario? No se trata de eso. El problema es que con un sistema de dos elementos (mayúsculas- minúsculas) no se puede dar cuenta, uno a uno, de uno de tres (imaginario-real- simbólico). De cualquier modo, es muy interesante que a pesar de eso Lacan haya elegido una <i>D</i> para la demanda y <i>d</i> para deseo. Es que el deseo, en tanto deseo, si bien es un efecto de lo simbólico, no puede ser reabsorbido en lo simbólico. Si ustedes quieren, a esta <i>d</i> del deseo hay que leerla así: ya no se reintroducirá en el seno de la demanda -de lo simbólico-.</p>	<p>Lacan, ao escrever desejo com <i>d</i>, que nos dizer que é imaginário? Não se trata disso. O problema é que com um sistema de dois elementos (maiúsculas - minúsculas) não se pode dar conta, um a um, de um de três (imaginário-real-simbólico). De qualquer modo, é muito interessante que apesar disso Lacan tenha elegido um <i>D</i> para a demanda e um <i>d</i> para desejo. É que o desejo, em quanto desejo, se bem é um efeito do simbólico, não pode ser reabsorvido no simbólico. Se vocês querem a esta <i>d</i> do desejo tem que lê-la assim: já não se reintroduzirá no seio da demanda - do simbólico -.</p>
<p>¿Y qué quiere decir que el deseo esté articulado? Éste es un problema que atañe directamente a la estructura de la práctica analítica. Si Lacan tan sólo hubiese afirmado que el deseo no es articuable, deberíamos concluir, automáticamente, que el deseo, siendo lo infame, es igual para todos. El deseo, entonces, sería lo infame aquello que nadie puede decir. Pero el deseo no es eso. El deseo está articulado para cada sujeto en particular, lo que implica vía la diferencia particular, volver a encontrar la función del significante en la demanda.</p>	<p>É o que quer dizer que o desejo esteja articulado? Este é um problema que corresponde diretamente à estrutura da prática analítica. Se Lacan somente tivesse afirmado que o desejo não é articulável, deveríamos concluir, automaticamente, que o desejo, sendo ele infame, é igual para todos. O desejo, então, seria o infame aquele que ninguém pode dizer. Mas o desejo não é isso. O desejo está articulado para cada sujeito em particular, o que implica via a diferença particular, voltar a encontrar a função do significante na demanda.</p>
<p>Aquí me parece que conviene plantear las cosas de este modo: el deseo está</p>	<p>Aqui me parece que convém colocar as coisas deste modo: o desejo está articulado</p>

<p>articulado en el discurso del Otro (que es lo que aparece en el Seminario 9. “La Identificación”, donde Lacan trabaja la cuestión con la estructura de los dos toros abrazados). Que el deseo esté articulado en el discurso del Otro, indica claramente que el deseo de cada sujeto está determinado por la demanda del Otro. Una versión un poco más intuitiva de este mismo problema es la frase: “Esto es lo que me dices, pero ¿qué es lo que quieres?”. Donde “¿qué es lo que quieres?” no deja de estar determinado por “lo que dices”. Presten atención a que digo “determinado” y no “causado”.</p>	<p>no discurso do Outro (que é o que aparece no Seminário 9. "A identificação", onde Lacan trabalha a questão com a estrutura dos dois touros abraçados). Que o desejo esteja articulado no discurso do Outro, indica claramente que o desejo de cada sujeito está determinado pela demanda do Outro. Uma versão um pouco mais intuitiva deste mesmo problema é a frase: "Isto é o que me diz, mas o que é que você quer?". Onde "o que é que você quer?" não deixa de estar determinado por "o que me diz". Prestem atenção ao que digo "determinado" e não "causado".</p>
<p>Todo sujeto se plantea, respecto del Otro, una disyunción entre lo que le dice y ese margen que no entra en lo que el Otro dice -que es la pregunta por su deseo-. Pero no duden de que la pregunta particular (es decir, articulada) que, cada uno de nosotros tiene respecto del deseo del Otro depende de la determinación recibida de la demanda del Otro.</p>	<p>Todo sujeito se coloca, a respeito do Outro, uma disjunção entre o que lhe diz e essa margem que não entra no que o Outro diz - que é a pergunta por seu desejo -. Mas não duvidem de que a pergunta particular (ou seja, articulada) que, cada um de nós tem a respeito do desejo do Outro depende da determinação recebida da demanda do Outro.</p>
<p>Con esto no quiero decir que no exista una relación profunda entre el deseo del sujeto y el deseo del Otro (que sería de causación), pero sí quiero decir que entre el deseo del sujeto y la demanda del Otro existe una relación bien íntima (que es de determinación).</p>	<p>Com isto não quero dizer que não exista uma relação profunda entre o desejo do sujeito e o desejo do Outro (que seria de causação), mas sim quero dizer que entre o desejo do sujeito e a demanda do Outro existe uma relação bem íntima (que é de determinação).</p>
<p>Analicemos esta cita de “Subversión del sujeto...” que antecede en el escrito al</p>	<p>Analisemos esta citação de "<i>Subversión del sujeto...</i>" que antecede no escrito ao</p>

grafo I:	grafo I:
Pues lejos de ceder a una reducción logicizante, allí donde se trata del deseo, encontramos en su irreductibilidad a la demanda el resorte mismo de lo que impide reducirlo a la necesidad. Para decirlo elípticamente: que el deseo sea articulado es precisamente la razón de que no sea articulable. Entendemos: en el discurso que le conviene, ético y no psicológico (pág. 784).	Pois longe de ceder a uma redução logicizante, ali onde se trata do desejo, encontramos em sua irreductibilidade à demanda a mola que impede reduzi-lo à necessidade. Para dizer-lo elípticamente: que o desejo seja articulado é precisamente a razão de que não seja articulável. Entendemos: no discurso que lhe convém, ético e não psicológico (pág. 784).
Que el deseo sea articulado quiere decir, justamente, que no es articulable -y no pierdan de vista que todo esto está dicho elípticamente por Lacan-. El decir elíptico es una de las figuras del arte de la retórica, del arte, del bien decir: es un decir que busca el énfasis y que se basa en un cierto no decir. El sujeto, entonces, en la dirección de la cura, se aproxima a la vía de su deseo, por ejemplo, mediante una vía elíptica (que es una de las vías por las que se puede resolver parcialmente lo articulado pero no articulable).	Que o desejo seja articulado quer dizer, justamente, que não é articulável - e não percam de vista que tudo isso está dito elípticamente por Lacan -. O dizer elíptico é uma das figuras da arte da retórica, da arte do bem dizer; é um dizer que busca a ênfase e que se baseia em um certo dizer. O sujeito, então, na direção da cura, se aproxima à via de seu desejo, por exemplo, mediante uma via elíptica (que é uma das vias pelas quais se podem resolver parcialmente o articulado mas não o articulável).
El grafo 1 nos servirá aquí para presentar el punto donde se sitúa el deseo en relación con un sujeto definido en su articulación significativa. Noten que en el grafo 1 (que Lacan mismo define como topológico) el deseo no está. Ahora, ¿por qué Lacan dice que ese grafo va a servirnos para localizar el deseo?	O grafo 1 nos servirá aqui para apresentar o ponto onde se situa o desejo em relação com um sujeito definido em sua articulação significativa. Notem que o grafo 1 (que Lacan mesmo define como topológico) o desejo não está. Agora, por que Lacan diz que esse grafo vai nos servir para localizar o desejo?
En rigor, ni el grafo 1, ni el grafo 2, ni el	Em rigor, nem o grafo 1, nem o grafo 2,

<p>grafo 3 existen como tales: son partes de la argumentación para dar cuenta del grafo completo. Clínicamente hablando, entonces, los grafos 1, 2 y 3 no existen: son sólo artificios de la transmisión. Hasta lo podríamos decir un poco más radicalmente: son artificios didácticos que Lacan inventa para, discursivamente, dar cuenta de la estructura del grafo del deseo.</p>	<p>nem o grafo 3 existem como tais: são partes da argumentação para dar conta do grafo completo. Clinicamente falando, então, os grafos 1, 2 e 3 não existem: são apenas artificios da transmissão. Até o poderíamos dizer um pouco mais radicalmente: são artificios didáticos que Lacan inventa para, discursivamente, dar conta da estrutura do grafo do desejo.</p>
<p>Recuerden que dijimos ya que la virtud de un grafo es decir todo lo que dice en sincronía: y que si uno quisiese dar cuenta de todo lo que el grafo dice en su sincronía ocuparía horas y horas (ésa es la diacronía). Pero para ir anclando lo que se va diciendo, hacemos, cortes parciales en el grafo completo, que son los grafos 1, 2 y 3. Del mismo modo que decimos -si pensamos la estructuración edípica desde el grafo del deseo- que en ella tampoco nos encontramos con el Edipo 1, el Edipo 2 y el Edipo 3: que siempre, si hay Edipo, es decir, si hay metáfora paterna, hay Edipo / metáfora completa. Entonces, este grafo es el comienzo de una argumentación que será la vía de acceso al grafo completo en el que Lacan recién podrá localizar al deseo, al sujeto como deseo.</p>	<p>Recordem que já falamos que a virtude de um grafo é dizer tudo o que diz em sincronia: e que se alguém quisesse dar conta de tudo o que o grafo diz em sua sincronia ocuparia horas e horas (essa é a diacronia). Mas para ir ancorado o que vai se dizendo, fazemos cortes parciais no grafo completo, que são os grafos 1, 2 e 3. Do mesmo modo que dizemos - se pensamos a estruturação edípica a partir do grafo do desejo - que nela tampouco nos encontramos com o Édipo 1, o Édipo 2 e o Édipo 3: que sempre, se tem Édipo, ou seja, se tem metáfora paterna, tem Édipo / metáfora completa. Então, este grafo é o começo de uma argumentação que será a via de acesso ao grafo completo no que Lacan recém poderá localizar ao desejo, ao sujeito como desejo.</p>
<p>Este grafo 1 Lacan lo llama “célula elemental”.</p>	<p>Este grafo 1 Lacan o chama "célula elementar"</p>
<p>He aquí lo que podría decirse que es su célula elemental. [...] Se articula allí lo que</p>	<p>Aqui está o que poderia dizer que é sua célula elementar. [...] Se articula ali o que</p>

<p>hemos llamado el punto de basta por el cual el significante detiene el deslizamiento, de otra manera indefinido, de la significación (pág. 784).</p>	<p>chamamos o ponto de basta pelo qual o significante detém o deslizamento, de outra maneira indefinido, da significação (pág. 784).</p>
<p>El grafo 1 es el que nos sirve para plantear la función del punto de capitón o de basta.</p>	<p>O grafo 1 é o que nos serve para colocar a função do ponto de basta ou de estofo.</p>
<p>No se si conocen la estructura de lo que, en tapicería, se llama punto de capitón. Es un tipo de nudo que, a su vez, se llama punto. Esto es altamente indicativo de la función que tiene el punto en la frase: por ejemplo: detener el deslizamiento -si no indefinido- de la significación, dado que la significación se caracteriza por remitir siempre a otra significación. Lo que Lacan dice, entonces, es eso: que la significación remite a otra significación. No es que diga que el significante remite a otro significante; no siempre el significante remite a otro significante, sólo a veces (en las holofrases, por ejemplo, no lo hace). Lo que sí pasa siempre es que la significación remite a otra significación. Y, precisamente, lo que detiene ese deslizamiento es la función del punto. Pero este punto, el punto final en la frase, en rigor no alcanza para dar cuenta de esa noción; es necesario apelar a la estructura del punto del capitón, que es un punto pero que tiene la estructura de un nudo muy particular.</p>	<p>... Não sei se conhecem a estrutura do que, em tapeçaria, se chama ponto de ponto de capitonê. É um tipo de nó que, por sua vez, se chama ponto. Isto é altamente indicativo da função que tem o ponto na frase, por exemplo: deter o deslizamento - se não indefinido - da significação, dado que a significação se caracteriza por remeter sempre a outra significação. O que Lacan diz, então, é isso: que a significação remete a outra significação. Não é que diga que o significante refere-se a outro significante; não é sempre que outro significante remete a outro significante, só às vezes (nas holófrases, por exemplo, não o faz). O que acontece sempre é que a significação remete a outra significação. E, precisamente, o que detém esse deslizamento é a função do ponto. Mas este ponto, é o ponto final na frase, a rigor não alcança para dar conta dessa noção; é necessário apelar à estrutura do ponto de basta, que é um ponto, mas que tem a estrutura de um nó muito particular.</p>
<p>Qué es el punto de capitón -o punto de</p>	<p>O que é o ponto de basta - ou ponto de</p>

<p>capitoné o basta de acolchado? Es el punto que permite que un almohadón, de una dimensión importante, no pierda su forma. Para evitar que pierda la buena forma, entonces, se le ponen botones de cada lado, cosidos entre sí. El punto de capitón une los nudos que unen los botones de cada lado, haciendo un lazo continuo. No se anudan sólo uno de un lado con otro del otro lado, sino que se toman de a dos y, sin cerrar el lazo que los une, se sigue hasta otros dos, así hasta recorrer todos los pares. Y esto porque si, por ejemplo, los botones de abajo requieren más hilo (por concentración del relleno del almohadón, que tiende a engrosarlo), el hilo que sobra arriba cede y la forma se sigue conservando. Es un sistema que se utiliza para anudar varios niveles, y esto ya nos remite a la estructura que tiene el grafo del deseo. Se trata de una estructura de nudo que al menos implica la relación continua de dos con dos. Su relación con la estructura del lenguaje, tal como la consideramos en la clase pasada, es evidente.</p>	<p>capitonê ou ponto de estofo? É o ponto que permite que uma almofada, de uma dimensão importante, não perca sua forma. Para evitar que perca a boa forma, então, é colocado botões de cada lado, costurados entre si. O ponto de basta une os nós que unem os botões de cada lado, fazendo um laço contínuo. Não se amarram só um de um lado com outro do outro lado e sim que se tomam de dois e, sem fechar o laço que os une, segue até outros dois, assim até percorrer todos os pares. E isto porque se, por exemplo, os botões de baixo requererem mais fio (por concentração do recheio da almofada, que tende a engrossá-lo), o fio que sobra acima cede e a forma segue conservando. É um sistema que se utiliza para amarrar vários níveis, e isto já nos remete à estrutura que tem o grafo do desejo. Trata-se de uma estrutura de nó que ao menos implica a relação contínua de dois com dois. Sua relação com a estrutura da linguagem, tal como a consideramos na classe passada, é evidente.</p>
<p>En el contexto de la enseñanza de Lacan, entonces, cuando está implicada la función del punto, se trata del que tiene la estructura de un punto de capitón. Digo esto porque, habitualmente, se entiende de una manera muy ingenua el cierre de la sesión como un punto final. ¿Qué analista</p>	<p>No contexto do ensino de Lacan, então, quando está implicada a função do ponto, se trata do que tem a estrutura de um ponto de basta. Digo isso porque, habitualmente, se entende de uma maneira muito ingênua o fechamento da sessão como um ponto final. Que analista não sabe e mais ainda,</p>

<p>no sabe y más aún, qué paciente no sabe que la mayor parte de los puntos finales de la mayoría de las sesiones, en realidad no son verdaderos puntos finales? Sólo algunos producen el efecto de que las cosas no sigan igual, sólo algunos son verdaderos cortes.</p>	<p>que paciente não sabe que a maior parte dos pontos finais da maioria das sessões, na realidade não são verdadeiros pontos finais? Só alguns produzem o efeito de que as coisas não sigam igual, só alguns são verdadeiros cortes.</p>
<p>Lacan le asignó siempre al Otro la función de puntuar el discurso; es decir, que no lo hace el propio sujeto que emite su mensaje sino el Otro que lo recibe. Es lo que Lacan llama, precisamente, “poder discrecional del oyente”. Es por eso que decimos que uno recibe su mensaje desde el Otro; no porque uno no emita las palabras, sino porque es Otro el que las puntúa. (Y huelgan los ejemplos que muestran que depende de cómo se puntúe una frase para que su significación sea ésta o aquélla). Pero, como recién decíamos, no cualquier punto que el otro ponga a lo que yo digo será necesariamente “una interpretación”.</p>	<p>Lacan atribuiu sempre ao Outro a função de pontuar o discurso; ou seja, que não o faz o próprio sujeito que emite sua mensagem mas o Outro que a recebe. É o que Lacan chama, precisamente, "poder discricional do ouvinte". É por isso que dizemos que alguém recebe sua mensagem a partir do Outro, não porque alguém não emita as palavras, mas porque é o Outro o que as pontua. (E sobram os exemplos que mostram que depende de como se pontue uma frase para que sua significação seja esta ou aquela). Mas, como recém dizíamos, não é qualquer ponto que o outro coloque ao que eu digo que será necessariamente "uma interpretação".</p>
<p>En la célula elemental, Lacan nos propone trabajar las nociones de diacronía y sincronía. Diacronía:</p>	<p>Na célula elementar, Lacan nos propõe trabalhar as noções de diacronia e sincronia. Diacronia:</p>
<p>La función diacrónica de este punto de basta debe encontrarse en la frase, en la medida en que no cierra su significación sino con su último término, ya que cada término está anticipado en la construcción de los otros, e inversamente sella su sentido por su efecto retroactivo (pág.</p>	<p>A função diacrônica deste ponto de basta deve encontrar-se na frase, na medida em que não fecha sua significação, mas com seu último termo, já que cada termo está anticipado na construção dos outros, e inversamente sela seu sentido por seu efeito retroativo (pág. 787).</p>

787).	
<p>Acá hay un problema en la traducción de los <i>Écrits</i> al castellano. En el original no dice “en la medida en que no ‘cierra’ su significación”; el término que usa Lacan es “boucle”, y si bien el diccionario sostiene que el verbo “boucler” tan es “cerrar”, no debemos perder de vista que es “cerrar en forma de bucle”. Por ejemplo, jamás se podría decir “cerrar una puerta” mediante el empleo de este verbo. Y para el vocablo “boucle” el diccionario nos reserva: “dícese de los objetos en forma de anillo, y por analogía, todo aquello que se enrula en forma de ‘anillo’”. Lo que Lacan nos propone aquí, entonces, es que la significación, en la célula elemental, se cierra tal como se cierra un anillo.</p>	<p>Aqui tem um problema na tradução dos <i>Écrits</i> ao espanhol. No original não diz "na medida em que não 'fecha' sua significação"; o termo que usa Lacan é "boucle" e se bem o dicionário sustenta que o verbo "boucler" tão é "fechar", não devemos perder de vista que é "fechar em forma de bucle". Por exemplo, jamais se poderia dizer "fechar uma porta" mediante o emprego deste verbo. E para o vocábulo "boucle" o dicionário nos reserva: "disse dos objetos em forma de anel, e por analogia, tudo aquilo que se enrola em forma de anel" O que Lacan nos propõe aqui, então, é que a significação, na célula elemental, se fecha tal como se fecha um anel.</p>
<p>Lo otro que Lacan nos propone es que la temporalidad en juego es la de la anticipación y la de la retroacción. Es la retroacción, precisamente, la que cierra en forma de un círculo. Toda la estructura es la de un bucle. Aunque no hay que perder de vista que la temporalidad en juego aquí no es solamente la retroactiva (esa que situamos en la función del punto en el sentido de punto de capitón -que cierra el deslizamiento de la significación-), sino que está además el tiempo de la anticipación.</p>	<p>O outro que Lacan nos propõe é que a temporalidade em jogo é a da antecipação e a da retração. É a retroação, precisamente, a que fecha em forma de um círculo. Toda a estrutura é a de um bucle. Ainda que não tenha que perder de vista que a temporalidade em jogo aqui não é somente a retroativa (essa que situamos na função do ponto no sentido do ponto de basta - que fecha o deslizamento da significação-), mas que está também o tempo da antecipação.</p>
<p>En primer lugar debemos poder distinguir</p>	<p>Em primeiro lugar devemos poder</p>

<p>esta anticipación de la anticipación planteada, por ejemplo, en la lógica del modelo óptico: la anticipación imaginaria.</p>	<p>distinguir esta antecipação da antecipação colocada, por exemplo, na lógica do modelo óptico: a antecipação imaginária.</p>
<p>La anticipación imaginaria es la totalidad, la unidad que uno es capaz de ver en el cuerpo del otro, pero que aún no es, como tal, una unidad real en el cuerpo propio (y es por eso que la imagen del otro es seductora, cautivante). Es una anticipación que nunca va a poder ser rectificada (ni siquiera en un análisis orientado a la reubicación del yo, porque el yo queda estructurado para siempre con esta falla temporal, precisamente porque se constituye por identificación).</p>	<p>A antecipação imaginária é a totalidade, a unidade que alguém é capaz de ver no corpo do outro, mas que ainda não é , como tal, uma unidade real no corpo próprio (e é por isso que a imagem do outro é sedutora, cativante). É uma antecipação que nunca vai poder ser retificada (nem sequer em uma análise orientada à relocalização do eu, porque o eu fica estruturado para sempre com esta falha temporal, precisamente porque se constitui por identificação).</p>
<p>Aquí, en cambio, se trata de que así como el último término, entendido como punto, como punto de capitón, tiene la virtud de detener la significación, el primer término tiene el poder de incidir sobre los que vendrán.</p>	<p>Aqui, em troca, se trata de que assim como o último termo, entendido como ponto, como ponto de basta, tem a virtude de deter a significação, o primeiro termo tem o poder de incidir sobre os que virão.</p>
<p>(Ustedes pueden ir anudando esto al S como significante amo: una vez que es elegido el significante uno, ya no puede venir cualquier cosa).</p>	<p>(Vocês podem ir amarrando isto ao S como significante amo: uma vez que é eleito o significante um, já não pode vir qualquer coisa).</p>
<p>Para esta relación anticipación-retroacción, que indica que nunca se puede dar cuenta categóricamente del presente, Lacan propone una interacción “sellada”. Y no pierdan de vista que si bien “sellar” implica cerrar (el deseo es finito, está fundamentalmente cerrado), también significa dejar una marca, un sello. No</p>	<p>Para esta relação antecipação-retroação, que indica que nunca se pode dar conta categoricamente do presente, Lacan propõe uma interação "selada". E não percam de vista que se bem "selar" implica fechar (o desejo é finito, está fundamentalmente fechado), também significa deixar uma marca, um selo. Não</p>

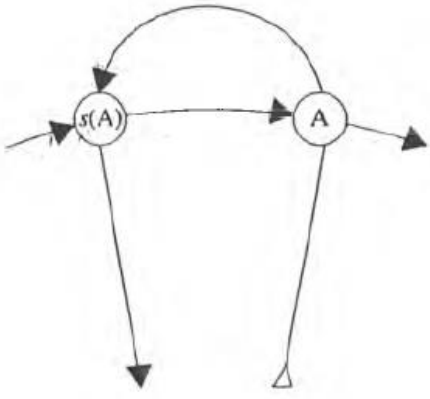
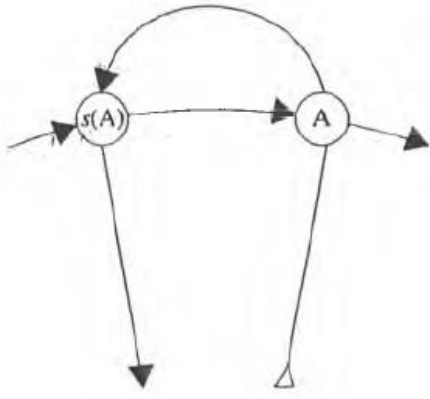
solamente “se cierra”, entonces, sino que también queda la “marca”. La marca que deja la demanda del Otro sobre el deseo del sujeto, tal que éste queda articulado a esas marcas.	somente "se fecha", então, mas que também fica a "marca". A marca que deixa a demanda do Outro sobre o desejo do sujeito, tal que este fica articulado a essas marcas.
Pasemos ahora a la dimensión sincrónica.	Pasemos agora à dimensão sincrônica.
Pero la estructura sincrónica está más escondida, y es ella la que nos lleva al origen. Es la metáfora en cuanto que ahí se constituye la atribución primera, la que promulga “el perro hacer miau, el gato hacer guau guau”, con lo cual el niño, de un solo golpe, desconectando a la cosa de su grito, eleva el signo a la función de significante, y la realidad a la sofística de la significación, y, por medio del desprecio de la verosimilitud, abre la diversidad de objetivaciones a verificar de la misma cosa (pág. 785).	Mas a estrutura sincrônica está mais escondida e é ela a que nos leva a origem. É a metáfora em quanto que aí se constitui a atribuição primeira, a que promulga "o cachorro fazer miau, o gato fazer au au', com o qual o menino, de um só golpe, desconectando a coisa de seu grito, eleva o signo à função de significante, e a realidade à sofística da significação, y, por meio do desprezo da verossimilitude, abre a diversidade de objetivções a verificar da mesma coisa (pág. 785).
La estructura sincrónica es, sin duda, más oscura. Es la del tiempo sin tiempo (sin-cronos o sin-crónico), y Lacan dice que es la que nos lleva al origen; más aún, que es la metáfora del origen, la metáfora primera, la atribución primera. No olvidemos que el juicio de atribución es lógicamente primero respecto del juicio de existencia.	...A estrutura sincrônica é, sem dúvida, mais escura. É a do tempo sem tempo (sem-cronos ou sem-crônico), e Lacan fala que é a que nos leva à origem, mais ainda, que é metáfora da origem, a metáfora primeira, a atribuição primeira. Não esqueçamos que o juízo de atribuição é logicamente primeiro sobre o juízo de existência.
Aquí aparece el ejemplo de Lacan que yo creo que tiene casi tanta fuerza como el <i>fort-da</i> de Freud. Es el siguiente: el perro hacer miau, el gato hacer guau guau. Entre el perro y el “guau guau” hay una relación	Aquí aparece o exemplo de Lacan que eu creio que tem quase tanta força como o <i>fort-da</i> de Freud. É o seguinte: o cachorro fazer miau, o gato fazer au-au. Entre o cachorro e o "au au" tem uma relação que

<p>que puede ser la relación entre la cosa y su grito. El grito, entonces, puede ser considerado como el signo de la cosa. En el mundo animal hay signos; el asunto es poder determinar qué significa que un niño diga “el perro hace miau, el gato hace guau guau”. Lacan sostiene que al separar así la cosa del signo y ponerla en relación con el signo de otra cosa, lo primero que se produce es la destitución del signo como tal, que pasa a ser significante. Automáticamente, por esta misma sustitución metafórica, cuando nos enfrentamos con alguien, entonces, que es capaz de decir “el perro hacer miau”, ya nunca más podremos saber qué dice cuando habla, puesto que ya no se trata ni de signos ni de cosas.</p>	<p>pode ser a relação entre coisa e seu grito. O grito, então, pode ser considerado como o signo da coisa. No mundo animal existem signos; o assunto é poder determinar o que significa que um menino diga "o cachorro faz miau, o gato faz au-au". Lacan sustenta que ao separar assim a coisa do signo e coloca-la em relação com, o primeiro que se produz é a destituição do signo como tal, que passa a ser significante. Automaticamente, por esta mesma substituição metafórica, quando nos enfrentamos com alguém, então, que é capaz de dizer "o cachorro fazer miau", já nunca mais poderemos saber o que diz quando fala, posto que já não se trata nem de signos nem de coisas.</p>
<p>El signo se hace significante; pero el problema es qué sucede con la cosa. Es que cuando nos afirmamos al nivel en que el signo se ha vuelto significante, se produce un efecto sobre la cosa: que la realidad de las cosas -digamos- se convierte, en la sofística de la significación.</p>	<p>O signo se faz significante; mas o problema é o que sucede com a coisa. É que quando nos afirmamos ao nível em que o signo se volta significante, se produz um efeito sobre a coisa: que a realidade das coisas - digamos - se converte, na sofística da significação.</p>
<p>¿Qué es la sofística? Ni más ni menos que el uso de sofismas; y “sofisma” quiere decir argumento, razonamiento que cabalga entre lo falso y lo verdadero.</p>	<p>O Que é a sofística? Nem mais nem menos que o uso de sofismas; e "sofisma" quer dizer argumento, raciocínio que cavalga entre o falso e o verdadeiro.</p>
<p>Entonces, cuando uno ya no tiene más signos de la cosa, el problema que se plantea es que la verdad cobra estructura</p>	<p>Então, quando um já não tem mais signo da coisa, o problema que se coloca é que a verdade cobra estrutura de sofisma, torna-</p>

<p>de sofisma, se vuelve un argumento; la verdad adquiere estructura de ficción. Dora, por ejemplo, era víctima (seguro que era víctima) pero también era cómplice; es decir, la verdad de Dora tiene estructura de sofisma, es una verdad que oculta una falsedad. O si lo queremos pensar al revés, es lo mismo: es una falsedad que oculta una verdad. Algo similar en el caso del Hombre de las Ratas respecto de la interpretación de Freud referida al padre del paciente como obstáculo a su elección matrimonial, siendo que había sido la madre la que había pactado el “matrimonio conveniente”, cuando el padre ya había muerto hacía tiempo. Era “verdad” que el obstáculo era el padre, pero era inexacto.</p>	<p>se um argumento; a verdade adquire estrutura de ficção. Dora, por exemplo, era vítima (seguro que era vítima), mas também era cúmplice; ou seja, a verdade de Dora tem estrutura de sofisma, é uma verdade que oculta uma falsidade. Ou se o queremos pensar ao contrário, é o mesmo: é uma falsidade que oculta uma verdade. Algo similar na casa do Homem das Ratas da interpretação de Freud referida ao pai do paciente como obstáculo a sua eleição matrimonial, sendo que havia sido a mãe a que havia pactado o "matrimonio conveniente", quando o pai já havia morrido faz tempo. Era "verdade" que o obstáculo era o pai, mas era inexacto.</p>
<p>En el campo de la lógica tradicional, el sofisma es un razonamiento conforme a las reglas de la lógica, que termina en una conclusión falsa. Y en el uso coloquial, vulgar, sofisma quiere decir “capcioso” (y esto nos muestra bien cómo la mentira captura); y también quiere decir “chicana”: el sofisma es una chicana.</p>	<p>No campo da lógica tradicional, o sofisma é um racionamento conforme as regras da lógica, que termina em uma conclusão falsa. E no uso coloquial, vulgar, sofisma quer dizer "capcioso" (e isto nos mostra bem como a mentira captura); e também quer dizer "chicana": o sofisma é uma chicana.</p>
<p>Es muy interesante que Lacan escriba “grito” (y no “dicho”, por ejemplo); es lo mismo que sucede con el niño y su propio grito. Cuando para la madre el grito del niño ya no le hace signo, es porque lo toma como signifiante. No entendemos los gritos de los chicos precisamente porque se nos han hecho signifiante.</p>	<p>É muito interessante que Lacan escreva "grito" (e não "dito", por exemplo) é o mesmo que acontece com a criança e seu próprio grito. Quando para a mãe o grito da criança já não lhe faz signo, é porque o toma como signifiante. Não entendemos os gritos das crianças precisamente porque a nos se fizeram signifiante.</p>

<p>El grito ahora, vuelto significativo, es un llamado; y no es lo mismo grito que llamado. Y lo que era cosa se ha vuelto un niño. Todo se ha desnaturalizado, se ha desvitalizado.</p>	<p>O grito agora, virou significativo, é um chamado e não é o mesmo grito que chamado E o que era coisa se tornou uma criança. Tudo se desnaturalizou, se desvitalizou.</p>
<p>Para pensar mejor este problema, que yo creo que es realmente fundamental, vayamos a una cita de Lacan que está en “La metáfora del sujeto” (texto redactado entre 1960 y 1961, <i>Escritos 2</i>, 1987):</p>	<p>Para pensar melhor este problema, que eu creio que é realmente fundamental, vamos a uma citação de Lacan que está em "La metáfora del sujeto" (texto redigido entre 1960 e 1961, <i>Escritos 2</i>, 1987):</p>
<p>La metáfora radical está dada en el acceso de rabia narrado por Freud del niño, aún inerte en groserías, que fue su hombre de las ratas antes de consumarse en neurótico obsesivo, el cual interpela a su padre al ser contrariado por éste (“Tu lámpara, tu servilleta, tu plato... y que más”)...</p>	<p>A metáfora radical está dada no acesso da raiva narrado por Freud da criança, ainda desarmado de grosserias, que foi seu homem dos ratos antes de consumir-se em neurótico obsessivo, o qual interpela a seu pai ao ser contrariado por este ("Tua lâmpada, teu guardanapo, teu prato... e o que mais")...</p>
<p>Y también nosotros entendemos que no se pierde la dimensión de la injuria donde se origina la metáfora. Injuria más grave que la que se imagina reduciéndola a invectiva de guerra, pues de ella procede la injusticia gratuitamente hecha a todo sujeto con un atributo mediante el cual cualquier otro sujeto es animado a atacarlo. “El gato hace guau-guau, el perro hace miau-miau”. He aquí de qué modo deletrea el niño los poderes del discurso e inaugura el pensamiento (pág. 869).</p>	<p>E também, nós entendemos que não se perde a dimensão da injuria onde se origina a metáfora. Injuria mais grave que a que se imagina reduzindo-a a invectiva de guerra, pois dela procede a injustiça gratuitamente feita a todo sujeito com um atributo mediante o qual qualquer outro sujeito é incitado a ataca-lo. "O gato faz au-au, o cachorro faz miau-miau". Aqui esta a forma que a criança soletra os poderes do discurso e inaugura o pensamento (pág. 869).</p>
<p>Lacan afirma que con esa inversión se inaugura el pensamiento, el pensamiento propiamente dicho, el pensamiento</p>	<p>Lacan afirma que com essa inversão se inaugura o pensamento, o pensamento propiamente dito, o pensamento</p>

<p>simbólico. Lacan habla también de una injuria, de un daño absolutamente injusto que nos remite al problema ético: es un daño injustamente producido a todo sujeto. Se lo habrá dañado tan sólo con decir que el niño es tal o cual cosa o que quiere tal o cual objeto, es decir, se lo daña en la misma medida en que se le aplica un atributo; se lo habrá dañado a nivel natural, como cosa. Tendremos que tener en cuenta que todo significativo que se elija para hacer de él un atributo implica la sustitución respecto a todos los otros; ésa es la metáfora que está en juego aquí.</p>	<p>simbólico. Lacan fala também de uma injuria, de um dano absolutamente injusto que nos remete ao problema ético: é um dano injustamente produzido a todo sujeito. Se o terá danificado somente em falar que a criança é esta ou aquela coisa ou que quer este ou aquele objeto, ou seja, se o danifica na mesma medida em que lhe aplica um atributo; o terá danificado a nível natural, como coisa. Teremos que levar em conta que todo significativo que se eleja para fazer dele um atributo implica a substituição a respeito de todos os outros; essa é a metáfora que está em jogo aqui.</p>
<p>Entonces, en la célula elemental ya están en juego ambas; está en juego la diacronía y la sincronía. La diacronía implica anticipación y retroacción, y la sincronía implica atribución (la que, como tal, implica tanto la existencia a nivel de lo simbólico como daño al sujeto).</p>	<p>Então, na célula elementar já estão em jogo ambas; está em jogo a diacronia e a sincronia. A diacronia implica antecipação e retroação, e a sincronia implica atribuição (a que, como tal, implica tanto a existência a nível do simbólico como dano ao sujeito).</p>
<p>He aquí otra cita de Lacan de “Subversión del sujeto...”:</p>	<p>Aqui está outra citação de Lacan de "<i>Subversión del sujeto...</i>”:</p>
<p>Les ahorraremos a ustedes sus etapas dándoles de buenas a primeras la función de los dos puntos de entrecruzamiento en este grafo primario. Uno, connotado A, es el lugar del tesoro del significativo, lo que no quiere decir del código, pues no es que se conserve allí la correspondencia unívoca de un signo a algo, sino que el significativo sólo se constituye de su</p>	<p>Pouparemos a vocês suas etapas, dando-lhes primeiro a função dos dois pontos de entrecruzamento neste grafo primário. Um, conotado A, é o lugar do tesouro do significativo, o que não quer dizer do código, pois não é que se conserve ali a correspondência unívoca de um signo a algo, mas que o significativo só se constitui de sua reunião sincrônica e numerável</p>

<p>reunión sincrónica y numerable donde ninguno se sostiene sino por principio de su; oposición a cada uno de los otros. El otro, connotado $s(A)$, es lo que puede llamarse la puntuación donde la significación se constituye como producto terminado (pág. 785).</p>	<p>onde ninguém se sustenta a não ser por seu princípio; oposição a cada um dos outros. O outro, conotado $s(A)$, é o que pode se chamar a pontuação onde a significação se constitui como produto acabado (pág. 785).</p>
<p>A esta cita le corresponde el siguiente esquema:</p>	<p>A esta citação corresponde o seguinte esquema:</p>
<p><i>Esquema n° 2</i></p>	<p><i>Esquema n° 2</i></p>
	
<p>Al punto de entrecruzamiento de la derecha lo llamamos A. Lacan propone definirlo como “el tesoro del significante” y nos advierte que al tesoro hay que distinguirlo del código. Define código como la relación unívoca entre un signo y una cosa. El tesoro del significante, en cambio, está constituido por significantes que, para constituirse cada uno, requieren de la oposición respecto de todos los otros significantes. Convendría que no perdamos de vista que Lacan dice que la reunión sincrónica es “numerable”; esto quiere decir: para cada caso en el que la práctica nos vincula a él, tenemos que ser</p>	<p>Ao ponto de entrecruzamento da direita o chamamos A. Lacan propõe defini-lo como "o tesouro do significante" e nos adverte que ao tesouro tem que distingui-lo do código. Define código como a relação unívoca entre um signo e uma coisa. O tesouro do significante, em troca, está constituído por significantes que, para constituir-se cada um, requerem da oposição respeito de todos os outros significantes. Seria conveniente não perder de vista que Lacan disse que a reunião sincrônica é "numerável"; isto quer dizer: para cada caso no que a prática nos vincula a ele, teremos que ser capazes de encontrar</p>

<p>capaces de encontrar el número de significantes que están en juego.</p>	<p>o número de significantes que está em jogo.</p>
<p>Si un significante esta sobredeterminado por otros tres, por ejemplo, es imprescindible establecer la función de los cuatro significantes; con tres no sólo no alcanza sino que ni siquiera nos acercamos; ninguno de los hallados termina de cobrar sentido si no están todos los otros. Y no es que se trate de todos en el sentido de la completud; se trata de todos en el sentido de todos los que están en juego. Es lo que sucede en el análisis del Hombre de las Ratas, nada se resuelve hasta que, a pesar de contarse ya con varias articulaciones de “ratas” (heiraten, spielratte, ratten-raten, etcétera), no se llega a la <i>Damisela de las ratas</i> de Ibsen y la esterilidad, castración diríamos, de Gisela, la Dama idealizada por el sujeto.</p>	<p>Se um significante esta sobredeterminado por outros três, por exemplo, é imprescindível estabelecer a função dos quatro significantes; com três não só não alcança como nem sequer nos aproximamos; nenhum dos achados termina de cobrar sentido se não estão todos os outros. E não é que se trate de todos no sentido da completude, se trata de todos no sentido de todos que estão em jogo. É o que acontece na análise do Homem dos Ratos, nada se resolve até que, apesar de já contar com várias articulações de "ratas" (heiraten, spielrate, ratten-raten, etcetera), não chega à <i>Donzela dos ratos</i> de Ibsen e a esterilidade, castração diríamos, de Gisela, a Dama idealizada pelo sujeito.</p>
<p>A este Otro, A, que no es código (y no solo porque no sean todos, sino, fundamentalmente, porque no, hay relación entre signos y cosas), Lacan lo llama “el lugar del tesoro del significante”. La palabra “tesoro” es interesantísima. Indudablemente, por un lado remite al problema del valor, las cosas valdrán o no según lo que sucede en A para cada sujeto; pero también remite a la noción misma de tesoro: lugar donde se guardan los objetos de valor, y más aún, lugar de la caja fuerte, o sea, una referencia directa al lugar. Por</p>	<p>A este Outro, A, que não é código (e não só porque não sejam todos, mas, fundamentalmente, porque não tem relação entre signos e coisas), Lacan o chama "o lugar do tesouro do significante". A palavra "tesouro" é interessantíssima. Incontestavelmente, por um lado remete ao problema do valor, as coisas valerão ou não segundo o que acontece em A para cada sujeito, mas também remeta à mesma noção de tesouro: lugar onde se guardam os objetos de valor, e mais ainda, lugar da caixa forte,</p>

<p>último, también remite a la idea de que el tesoro es lo que es, más allá ,de cuánto contenga. Es decir, el tesoro, sin que le falte nada, no es de la índole de un todo, y el código sí. Todo código es completo, y en él no hay lugar vacío (porque si lo hubiese ya no serviría como código). El código es completo y es un todo; el tesoro del significante es completo pero no es un todo. El tesoro de Estados Unidos, si lo usamos como metáfora de la mayor concentración de oro del mundo, no es por eso todo el oro del mundo, ya que si lo fuese, el oro perdería de inmediato cualquier valor de intercambio, que es el verdadero valor del oro.</p>	<p>ou seja, uma referencia direta ao lugar. Por último, também remete à ideia de que o tesouro é o que é, além, de quanto contenha. Ou seja, o tesouro, sem que lhe falte nada, não é da índole de um todo, e o código sim. Todo código é completo, e nele não tem lugar vazio (porque se já o houvesse não serviria como código). O código é completo e é um todo; o tesouro do significante é completo mas não é um todo. O tesouro dos Estados Unidos, se o utilizamos como metáfora da maior concentração de ouro do mundo, não é por isso todo o ouro do mundo, já que si o fosse, o ouro perderia de imediato qualquer valor de intercambio, que é o verdadeiro valor do ouro.</p>
<p>Del otro lado, tenemos el otro punto de entrecruzamiento, lo llamamos el significado del Otro -s(A). A éste no cabe ninguna duda de que hay que oponerlo a lo que Jakobson llama mensaje. Y el desarrollo que Lacan hace aquí es que el mensaje del sujeto, por estructura, es mensaje del Otro. Ahí tienen una de las inversiones: el mensaje no es más del sujeto, es del Otro. Y previsiblemente, Lacan coloca ahí la función de la puntuación, pero en la lógica del tiempo de la anticipación y la retroacción; observen que Lacan a la función del punto final la coloca a la izquierda, invirtiendo la legalidad propia de nuestra escritura.</p>	<p>Do outro lado, temos o outro ponto de entrecruzamento, o chamamos o significado do Outro -s(A). A este não cabe nenhuma dúvida de que tem que opô-lo ao que Jakobson chama mensagem. E o desenvolvimento que Lacan faz aqui é que a mensagem do sujeito, por estrutura, a mensagem do Outro. Ali tem uma das inversões: a mensagem não é mais do sujeito, é do Outro. E previsivelmente, Lacan coloca ali a função da pontuação, mas na lógica do tempo da antecipação e a retroação; observem que Lacan coloca a função do ponto final à esquerda, invertendo a legalidade própria da nossa escritura.</p>

Si lo representásemos mediante un esquema, sería algo así:	Se o representássemos mediante um esquema, seria algo assim:
“S1 S2 .” en oposición a: “S1 S2”	"S1 S2". em oposição a: ".S1 S2"
donde se ve con claridad que, dado que el punto queda sobre la izquierda de la frase, no es lo mismo el punto como corte que el punto como signo de puntuación de la frase.	onde se vê claramente que, dado que o ponto fica a esquerda da frase, não é o mesmo o ponto como corte que o ponto como signo de pontuação da frase.
Así retomamos lo que les había anticipado: a la función de la puntuación Lacan la concibe como función del Otro (es desde ahí que operamos los psicoanalistas). Si es que los psicoanalistas podemos producir algún efecto, es justamente colocándonos, artificialmente, en ese lugar desde donde ejercemos un poder. Es por eso, precisamente, que Lacan tuvo que escribir “La dirección de la cura y los principios de su poder”: los psicoanalistas ocupamos un lugar de poder (al menos el del poder discrecional del oyente).	Assim retomamos o que lhes havia antecipado: a função da pontuação Lacan a concebe como função do Outro (é a partir daí que operamos os psicanalistas). Se é que os psicanalistas podem produzir algum efeito, é justamente nos colocando, artificialmente, nesse lugar a partir de onde exercemos um poder. É por isso, precisamente , que Lacan teve que escrever "A direção da cura e os princípios de seu poder": Os psicanalistas ocupamos um lugar de poder (ao menos o do poder discricional do ouvinte).
Siguiendo con la cita de “Subversión del sujeto...”:	Seguindo com a citação de " <i>Subversión del sujeto...</i> ”:
Observamos la disimetría del uno que es lugar (sitio más bien que espacio [...]) (pág. 785).	Observamos a dissimetria do um que é lugar (lugar ao invés de espaço [...]) (pág., 785).
A es un lugar simbólico, estrictamente simbólico. Lo que nos quiere decir Lacan con “sitio”, es que A también es un lugar signifiante, el lugar de los significantes es signifiante él mismo, no es un lugar real;	A é um lugar simbólico, estritamente simbólico. O que quer nos dizer Lacan com "lugar", é que A também é um lugar signifiante, o lugar dos significantes é signifiante ele mesmo, não é um lugar

como no es un lugar real, no es mensurable, no tiene medidas; es lugar, entonces, pero no tiene medidas, ni formas. Un lugar en el sentido de la topología.	real; como não é um lugar real, não é mensurável, não tem medidas; é lugar, então, mas não tem medidas nem formas. Um lugar no sentido da topologia.
[...] con respecto al otro que es un momento (escansión, más bien que duración) (pág. 786).	[...] com respeito ao outro que é um momento (escansão, ao invés de duração) (pág. 786).
Cuando se produce el mensaje que viene del Otro, se produce por la puntuación. Y la puntuación -que tiene dimensión temporal- será, como tal, un tiempo de estructura simbólica también; un tiempo de corte, de escansión, y no de duración.	Quando se produz a mensagem que vem do Outro, se produz pela pontuação. E a pontuação - que tem dimensão temporal - será, como tal, um tempo de estrutura simbólica também, um tempo de corte, de escansão, e não de duração.
La pregunta, en rigor, es: .qué estructura tiene este tiempo en cuestión? La respuesta es: un tiempo de escansión; el problema no es “cuánto tiempo hace” sino cómo se produce para alguien el “demasiado antes o demasiado después”. Psicoanalíticamente hablando, la cuestión no es otra que por qué la escansión vino demorada, anticipada o directamente no viene; y ésa no es una dimensión temporal que se pueda medir. El tiempo, aquí, corresponde a una realidad que perdió su connotación real y pasó a tener una connotación simbólica; es un tiempo simbólico en sí mismo. Aquí tenemos concentrada toda la lógica de las sesiones de tiempo variable. Es lo mismo que pasa para el caso del espacio.	A pergunta, em rigor, é: que estrutura tem este tempo em questão? A resposta é: um tempo de escansão; o problema não é "quanto tempo faz" e sim como se produz para alguém o "muito antes ou muito depois". Psicanaliticamente falando, a questão não é outra senão por que a escansão veio demorada, antecipada ou diretamente não veio; e essa não é uma dimensão temporal que se possa medir. O tempo, aqui, corresponde a uma realidade que perdeu sua conotação real e passo a ter uma conotação simbólica, é um tempo simbólico em si mesmo. Aqui temos concentrada toda a lógica das sessões de tempo variável. É o mesmo que passa para o caso do espaço.
Entonces, el espacio se convierte en	Então, o espaço se converte em

localización y el tiempo se convierte en escansión.	localização e o tempo se converte em escansão.
Luego de la cita de la función sincrónica sigue con este párrafo:	Logo da citação da função sincrônica segue com este parágrafo:
¿Exige esa posibilidad la topología de un juego de cuatro esquinas? He aquí el tipo de pregunta que no parece gran cosa y que sin embargo puede dar cierta zozobra si de ella debe depender la construcción subsecuente [la construcción subsecuente del grafo del deseo]? (pág. 785).	Exige essa possibilidade a topologia de um jogo de quatro cantos? Tem aqui o tipo de pergunta que não parece grande coisa e que, contudo, pode dar certa soçobra se dela deve depender a construção subsequente [a construção subsequente do grafo do desejo]? (pág. 785).
¿Alcanza con los dos puntos de entrecruzamiento para dar cuenta de la estructura? ¿Alcanza la organización dual o se necesita una cuatripartita, una topología del cuatro? Este tipo de pregunta, que aunque parece ingenua, es la que sirve, efectivamente, para la construcción subsecuente del grafo completo y de la dirección de la cura.	Alcança com os dois pontos de entrecruzamento para dar conta da estrutura? Alcança a organização dual ou necessita-se um quadripartido, uma topologia do quatro? Este tipo de pergunta, que ainda parece ingênua, é a que serve, efetivamente, para a construção subsequente do grafo completo e da direção da cura.
En esta indicación de Lacan a una relación topológica de cuatro lugares, justificamos la pertinencia del uso del “punto de capitón” como un lazo que une dos con dos, y se recupera para el inconsciente la estructura del lenguaje como cuatripartita. Se concluye que el inconsciente como tal no puede operar en una estructura dual como la del grafo 1. Trabajaremos desde esta perspectiva la oposición neurosis y psicosis en nuestro próximo encuentro.	Nesta indicação de Lacan a uma relação topológica de quatro lugares, justificamos a pertinência do uso do "ponto de basta" como um laço que une dois com dois, e se recupera para o inconsciente a estrutura da linguagem como quadripartida. Conclui-se que o inconsciente como tal não pode operar em uma estrutura dual como a do grafo 1. Trabalharemos a partir desta perspectiva a oposição neurose e psicose em nosso próximo encontro.
No comentamos - lo deje pasar a propósito- el hecho de que Lacan llame a	Não comentamos - ou deixei passar de propósito - o feito de que Lacan chame a

<p>este grafo 1 “célula fundamental del grafo”. Me parece que se tiende a leer “célula fundamental del grafo” como: “unidad fundamental del grafo”; pero Lacan denomina “célula” al grafo 1 por otro motivo.</p>	<p>este grafo 1 "célula fundamental do grafo". Me parece que tende-se a ler "célula fundamental do grafo" como: “unidade fundamental do grafo”; mas Lacan denomina "célula" ao grafo 1 por outro motivo.</p>
<p>El vocablo “célula”, tiene al menos dos acepciones. La primera es la que tiene en biología: aquello que comporta una membrana que aísla el citoplasma y su núcleo, un interior y un exterior. La otra es la que tiene en el campo de la memoria: elemento repetitivo. Me parece que la segunda acepción es la que nos conviene. La primera es especialmente inadecuada para dar cuenta de la relación del Sujeto (S) con el Otro (A), ya que al recibir el sujeto su mensaje desde el Otro, se quiebra la posibilidad de establecer entre ellos Ja oposición interior exterior. Les propongo, entonces, que agreguemos como carácter esencial al circuito del grafo 1, la noción de repetición.</p>	<p>O vocábulo "célula", tem ao menos duas acepções. A primeira é a que tem em biologia: aquele que comporta uma membrana que isola o citoplasma e seu núcleo, um interior e um exterior. A outra é a que tem no campo da memória: elemento repetitivo. Me parece que a segunda aceção é a que nos convém. A primeira é especialmente inadequada para dar conta da relação do Sujeito (S) com o Outro (A), já que ao receber o sujeito sua mensagem a partir do Outro, se quebra a possibilidade de estabelecer entre eles a oposição interior exterior. Lhes proponho, então, que agreguemos como carácter essencial ao circulo do grafo 1, a noção de repetição.</p>
<p>La sumisión del sujeto al significante, que se produce en el circuito que va de $s(A)$ a A, para volver de A a $s(A)$, es propiamente un círculo en la medida en que el aserto que se instaura en él, a falta de cerrarse sobre nada que no sea su propia escansión, dicho de otra manera a falta de un acto en el que encontrase su certidumbre, no remite sino reenvía a su propia anticipación en la composición del</p>	<p>A submissão do sujeito ao significante, que se produz no circulo que vai de $s(A)$ a A, para voltar de A a $s(A)$, é propiamente um círculo na medida em que o assento que se instaura nele, a falta de se fechar sobre nada que não seja sua própria escansão, dito de outra maneira a falta de um ato no que encontrasse sua certeza, não remete e sim reenvia a sua própria antecipação na composição do</p>

significante, en sí misma insignificante (pág. 786).	significante, em si mesma insignificante (pág. 786).
Lacan dice que si la célula quedara encerrada y limitada al circuito dual, resultaría, en sí misma, insignificante -que no vale nada-; aunque ese circuito esté hecho de significantes. Y si se pretende constituir un acto en el que el sujeto encuentre una certeza a partir de este circuito, fracasara, porque este circuito es insignificante. Y lo es, justamente, porque la cosa está perdida y el circuito mismo es sin salida (de A a <i>s(A)</i> y viceversa).	Lacan diz que se a célula ficasse encerrada e limitada ao circuito dual, resultaria, em si mesma, insignificante - que não vale nada -; ainda que esse círculo esteja feito de significantes. E se pretende-se constituir um ato no que o sujeito encontre uma certeza a partir deste circuito, fracassará, porque este circuito é insignificante. E o é, justamente, porque a coisa está perdida e o circuito mesmo é sem saída (de A a <i>s</i> e vice-versa).
A este circuito les propongo nombrarlo mediante una designación lacaniana: "círculo infernal de la demanda". Con esto, él juega en varias articulaciones. Primero, nos indica el horror, el infierno, que este funcionamiento produce. Y segundo, nos remite al Infierno tal como fuera concebido especialmente por Dante en <i>La divina comedia</i> : con estructura de círculo. Son círculos concéntricos que Dante recorre desde el exterior hacia el interior, por ejemplo en el Canto III dice, textualmente:	A este circuito lhes proponho nomeá-lo mediante uma designação lacaniana: "círculo infernal da demanda". Com isto, ele joga em várias articulações. Primeiro, nos indica o horror, o inferno que este funcionamento produz. E segundo, nos remete ao Inferno tal como fosse concebido especialmente por Dante em <i>A divina comedia</i> : com estrutura de círculo. São círculos concêntricos que Dante recorre desde o exterior até o interior, por exemplo no Canto III fala, textualmente:
Y después de haber puesto su mano en la mía con rostro alegre, me introdujo en medio de las cosas secretas. Allí, bajo un cielo sin estrellas, resonaban suspiros, quejas y profundos gemidos, de suerte que al escucharlos empecé a llorar. Diversas lenguas, horribles blasfemias, palabras de	E depois de ter posto sua mão na minha com rosto alegre, me introduziu em meio das coisas secretas. Ali, embaixo de um céu sem estrelas, ressoavam suspiros, queixas e profundos gemidos, de sorte que ao escuta-los comecei a chorar. Diversas línguas, horríveis blasfêmias, palavras de

<p>dolor, acentos de iras, voces altas y roncadas acompañadas de palmadas producía un tumulto que va rodando siempre por aquel espacio eternamente oscuro como la arena impelida por un torbellino.</p>	<p>dor, acentos de iras, vozes altas e rocas acompanhadas de palmadas produzia um tumulto que vai rodando sempre por aquele espaço eternamente escuro como a arena impelida por um redemoinho.</p>
<p>Noten que Dante nos está indicando, justamente, que los que están en el Infierno están atrapados en un círculo infernal de la demanda. Los que están castigados en el Infierno se quejan, gimen y se lamentan; formas que adquiere la demanda; y que no los llevan a nada, su castigo es eterno. Es eso lo que es circular. La demanda, como tal, es una circularidad que no implica la forma de la salida.</p>	<p>Notem que Dante está nos indicando, justamente, que os que estão no Inferno estão presos em um círculo infernal da demanda. Os que estão castigados no Inferno se queixam, gemem e se lamentam; formas que adquiere a demanda; e que não os levam a nada, seu castigo é eterno. É isso o que é circular. A demanda, como tal, é uma circularidade que não implica a forma da saída.</p>
<p>Lacan nos dice que la única salida es un acto que daría la posibilidad de certeza. Pero la lógica de ese acto es de un más allá de la demanda, más allá que ya conocemos como deseo. Lo que puede romper el círculo infernal de la demanda es, entonces, el acto correspondiente al deseo. Habiendo llegado así a la dialéctica del deseo, debemos hacer primero una distinción clínica, de máxima importancia. Partamos de esta cita:</p>	<p>Lacan nos diz que a única saída é um ato que daria a possibilidade de certeza. Mas a lógica deste ato é de um além da demanda, além que já conhecemos como desejo. O que pode romper o círculo infernal da demanda é, então, o ato correspondente ao desejo. Tendo chegando assim à dialética do desejo, devemos fazer primeiro uma distinção clínica, de máxima importância. Partamos desta citação:</p>
<p>Mensajes de código y códigos de mensaje se distinguirán en formas puras en el sujeto de la psicosis; aquel que se contenta de este Otro previo (pág. 786).</p>	<p>Mensagem de código e códigos de mensagem se distinguiram em formas puras no sujeito da psicose; aquele que se contenta deste Outro prévio (pág. 786).</p>
<p>Vale decir, para el sujeto psicótico opera la demanda. De ahí podemos sostener que hay sujeto en la psicosis, y también que</p>	<p>Vale dizer, para o sujeito psicótico opera a demanda. Daí podemos sustentar que tem sujeito na psicose, e também que tem</p>

<p>hay Otro en la psicosis; y este Otro -no cabe la menor duda- tiene estructura de lenguaje, esto es: opera la división entre código y mensaje, y tiene, consecuentemente, los casos de circularidad y los casos de <i>overlapping</i>.</p>	<p>Outro na psicose; e este Outro - não cabe a menor dúvida - tem estrutura de linguagem, isto é: opera a divisão entre código e mensagem, e tem consecuentemente, os casos de circularidade e os casos de <i>overlapping</i>.</p>
<p>Sujeto del lenguaje es aquella consideración del ser humano como estrictamente distinto de todo ser dado natural implica, tal como el grafo 1 lo hace, no el encuentro con <i>el</i> significante, sino con al menos dos. En términos del grafo 1 con al menos dos puntos de entrecruzamiento, que se deben considerar significantes en sí mismos. Así el sujeto del lenguaje, atravesado por el lenguaje, el S, es el producto del encuentro con al menos dos significantes articulados. En el grafo 1 (esquema nº 3).</p>	<p>Sujeito da linguagem é aquela consideração do ser humano como estritamente distinto de todo ser dado natural implica, tal como o grafo 1 o faz, não o encontro com <i>o</i> significante, mas com ao menos dois. Em termos do grafo 1 com ao menos dois pontos de entrecruzamento, que devem-se considerar significantes em si mesmos. Assim o sujeito da linguagem, atravessado pela linguagem, o S, é o produto do encontro com ao menos dois significantes articulados. No grafo 1 (esquema nº 3).</p>
<p>El Sujeto del lenguaje es planteado como el efecto del encuentro con la función de la demanda, o sea, con el Otro (A), con al menos dos significantes articulados. Así podemos decir que no es <i>el</i> significante el que mata la cosa, sino la articulación entre significantes lo que introduce “la falta en ser en la relación de objeto”. En esto tanto el psicótico como el neurótico son sujetos del lenguaje de pleno derecho; lo que en esta argumentación produce la distinción es si opera o no la función de más allá de la demanda, que proximately definiremos como el “entre líneas”.</p>	<p>O Sujeito da linguagem é colocado como o efeito do encontro com a função <i>da demanda, ou seja, com o Outro (A), com ao menos dois significantes articulados. Assim podemos dizer que não é o significante o que mata a coisa e sim a articulação entre significantes o que introduz "a falta em ser na relação de objeto". Nisto tanto o psicótico como o neurótico são sujeitos da linguagem de pleno direito; o que nesta argumentação produz a distinção é se opera ou não a função de além da demanda, que aproximadamente definiremos como o</i></p>

	"entre linhas".
<i>Esquema n° 3</i>	<i>Esquema n° 3</i>
El problema en el campo de las psicosis es que el psicótico queda encerrado en el circuito de la demanda; para él no habrá un más allá de la demanda, y recuerden que el más allá de la demanda es precisamente el deseo.	O problema no campo das psicose é que o psicótico fica fechado no circuito da demanda, para ele não haverá um além da demanda, e lembrem que o além da demanda é precisamente o desejo.
La última cita que preparé es de “Subversión del sujeto...”; para pensar estos problemas, dice:	A última citação que preparei é de "Subversión del sujeto..."; para pensar estes problemas, diz:
A lo que hay que atenerse, es a que el goce está interdicto a aquel que habla como tal, o también que no puede decirse sino entre líneas para quienquiera que sea sujeto de la Ley, puesto que la Ley se funda en esa interdicción misma [sustituí “prohibición” por “interdicción”, más próximo al texto de Lacan] (pág. 801).	O que tem que se atentar, é que o gozo está interdito àquele que fala como tal, ou também que não pode se dizer e sim entre linhas para quem quer que seja sujeito da Lei, posto que a Lei se fundamentasse nessa mesma interdição [substituí "proibição" por "interdição", mais próximo ao texto de Lacan] (pág.801).
“Interdicción” en este contexto, no quiere decir esencialmente prohibición, sino que plantea el entre. O sea, tan sólo para el sujeto humano -dada la estructura de interdicción- el goce puede ser dicho entre	"Interdição" neste contexto, não quer dizer essencialmente proibição, mas que coloca no entre. Ou seja, tão somente para o sujeito humano - dada a estrutura de interdição - o gozo pode ser dito entre

<p>líneas. Y les advierto: este "entre líneas" no es que esté fundado por la Ley, sino .que es la Ley la que se funda en el entre líneas. Esto invierte la relación que solemos plantear para la estructura de la función del padre en la neurosis y en la psicosis. Acá empieza a esbozarse toda la cuestión de una clínica orientada más allá del padre.</p>	<p>linhas. E lhes advirto: este "entre linhas" não é que esteja fundamentado pela Lei, e sim que é a Lei a que se funda no entre linhas. Isto inverte a relação que costumamos colocar para a estrutura da função do pai na neurose e na psicose. Aqui começaremos a esboçar toda a questão de uma clínica orientada além do pai.</p>
<p>El problema del círculo infernal de la demanda es que, como círculo que es, no da cuenta del entre. Entonces, el acto que logre quitar al sujeto de esta circularidad infernal debe apuntar el más allá de La demanda, vale decir, al deseo; debe ser un acto que saque del circuito infernal de la demanda (en el que el psicótico, estructuralmente hablando, está atrapado). Se necesita, en suma, un juego topológico de cuatro esquinas.</p>	<p>O problema do círculo infernal da demanda é que, como círculo que é, não da conta do entre. Então, o ato que logre tirar o sujeito desta circularidade infernal deve apontar o além da demanda, vale dizer, ao desejo; deve ser um ato que tire do circuito infernal da demanda (no que o psicótico, estruturalmente falando, está colocado). Se necessita, em suma, um jogo topológico de quatro cantos.</p>

CAPÍTULO 04

Critérios para construção da memória

Os critérios para a elaboração da memória do livro “Grafo do Desejo” partiram da análise exaustiva de uma série de fatores, a localização desses elementos textuais foi surgindo à medida que íamos trabalhando. Em princípio, não se fez registro sistemático. Posteriormente, a partir da análise textual de Christiane Nord (2005), foi realizada a análise e comparação dos fatores intratextuais e extratextuais que são apresentados a seguir.

Emissor

O emissor, à primeira vista, tem uma aparência individual por se tratar de um autor com grande conhecimento na área, porém Alfredo Eidelsztein não é a única pessoa presente em sua obra, várias foram as interferências (participantes e discursividades) que tornaram “*El Grafo del Deseo*” um coletivo em sua produção, com revisores e editores que moldaram uma série de aulas ditadas e as adaptaram para a mídia textual e que, notoriamente, se esforçaram para manter a oralidade de suas aulas com a inserção de aspas, parênteses, colchetes.

Destaco a oralidade como sendo uma problemática da obra para o processo tradutório, ao mesmo tempo em que a enriqueceu, fazendo o leitor do texto fonte se sentir quase como um dos participantes que estavam presentes assistindo as aulas ministradas por Eidelsztein. Fato esse que nos fez levar em consideração o esforço de transmitir essa oralidade ao novo público, me senti na obrigação de levar o leitor brasileiro a também se sentir inserido nas palestras, sendo mais um ouvinte.

A linguagem do autor é voltada para o público, ele utiliza pronomes de tratamento em primeira e segunda pessoa (quem fala e para quem se fala), utilizando a terceira pessoa simplesmente nas citações para se referir aos pensadores. Eidelsztein faz perguntas retóricas para estimular o pensamento do público, como se quisesse cobrar deles um pensamento voltado para a aula, não os permitindo desviar suas atenções. Entendo isso como sendo uma estratégia didática utilizada pelo professor para manter o foco sempre voltado para o assunto.

Para terminar les propongo que pensemos a la relación necesidad-demanda-deseo como una estructura de banda de Möbius - que es equivalente al ocho interior que yo proponía como la estructura fundamental del grafo.	Para terminar proponho a vocês que pensemos na relação necessidade-demanda-desejo como uma estrutura de banda de Möbius - que é equivalente ao oit ^o interior que eu propunha como a estrutura fundamental do grafo.
Lo que estoy tratando de mostrarles es que el grafo del deseo es del deseo, justamente, porque se funda en la oposición necesidad-demanda-deseo. Decir "estructura del sujeto <u>intervalar</u> " es lo mismo que decir "sujeto del deseo".	O que estou tratando de mostrar a vocês é que o grafo do desejo é do desejo, justamente, porque se fundamenta na oposição necessidade-demanda-desejo. Dizer "estrutura do sujeito intervalar" é o mesmo que dizer "sujeto do desejo".
Vamos a plantear mediante secciones del	Vamos colocar mediante secções do grafo,

Figura 3 – Traços de oralidade e presença do autor.

Aquí me parece que conviene plantear las cosas de este modo: el deseo está articulado en el discurso del Otro (que es lo que aparece en el Seminario 9. "La	Aquí me parece que convém colocar as coisas deste modo: o desejo está articulado no discurso do Outro (que é o que aparece no Seminário 9. "A identificação", onde
---	--

Figura 4 – Outros traços de oralidade mostrando como o autor se apropria do texto.

Logo, observa-se a mudança do emissor que deixa de ser o autor principal da obra, juntamente com seus demais elementos definidores, e passa a ser um tradutor leigo na ciência psicanalítica, com uma carga pessoal de conhecimentos de outra sociedade e com outra cultura, acompanhado de uma equipe de tradutores e revisores cada um com suas respectivas e particulares impressões e conhecimentos, cada um com um interesse diferenciado para com a obra, todos tentando alinhá-la a uma finalidade específica, procurando manter o texto o mais próximo da mensagem original do autor, porém para um novo público.

Receptor

Inicialmente, o público do texto meta foi os alunos que assistiram ao seminário realizado na *Facultad de Psicología de la Universidad de Buenos Aires*, no evento "Programa de actualización en psicoanálisis lacaniano", em 1993. Portanto, eram pessoas qualificadas, com conhecimento prévio no assunto núcleo das palestras, e que davam ao locutor a liberdade de tocar em abordagens complexas (ora as menciona, ora as comenta de

forma exaustiva), bem como trazer citações de conteúdos e autores que conversam com as ideias do autor e que não deixariam os seus ouvintes desorientados.

<p>Hay dos afirmaciones categóricas de Lacan sobre las que voy a hacer girar el trabajo de hoy; nos servirán como progreso respecto del lugar donde quedamos con la vez pasada. La primera cita dice que “el inconsciente está estructurado como un lenguaje” y la segunda, que “El inconsciente, a partir de Freud, es una cadena significantes que en alguna parte (en otro escenario, escribe él) se repite e insiste para interferir en los cortes que le ofrece el discurso efectivo y la cogitación que él informa”.</p>	<p>Existem duas afirmações categóricas de Lacan, sobre as quais irei fazer girar o trabalho de hoje, servirão como continuação de onde paramos da última vez. A primeira citação diz que “o inconsciente está estruturado como uma linguagem” e a segunda, que “O inconsciente, a partir de Freud, é uma cadeia de significantes que em alguma parte (em outra cena, escreve ele) se repete e insiste para interferir nos cortes que o discurso real oferece e a cogitação que ele informa”.</p>
<p>Como sobre estas dos frases se apoya la estructura del “grafo del deseo”, hoy podremos avanzar considerablemente en su indagación. A partir de la próxima clase, comenzaremos con articulaciones clínicas. Todo el trabajo hecho hasta ahora, como el que haremos hoy, es sobre los fundamentos estructurales, lo que nos permitirá que las articulaciones clínicas que prometo sean tales, y no meras</p>	<p>Como sobre essas duas frases se apoia a estrutura do “grafo do desejo”, hoje podemos avançar consideravelmente em sua indagação. A partir da próxima aula, começaremos com articulações clínicas. Todo o trabalho feito até agora, como o que faremos hoje, é sobre os fundamentos estruturais, o que nos permitirá que as articulações clínicas que prometo sejam fato e não meras descrições clínicas.</p>

Figura 5 – Demonstração de conhecimento do público.

Em certos momentos, o autor até mesmo conversa com a turma fazendo algumas perguntas retóricas, estimulando o raciocínio dos alunos.

<p>La unidad que constituyen los dos elementos de la lengua es lo que, según Saussure, constituye la realidad, y la realidad se basa en esas relaciones; cualquier otra nos va a resultar necesariamente por fuera de la realidad. ¿Se dan cuenta de que no es exclusiva de Freud la noción de “realidad psíquica”? No olviden que, para Saussure, la unión del significante y del significado constituye una unidad psíquica. Seguimos con la cita:</p>	<p>A unidade que constitui os dois elementos da língua é o que, segundo Saussure, constitui a realidade, e a realidade se baseia nessas relações, qualquer outra vai resultar necessariamente fora da realidade. Percebem que não é exclusiva de Freud a noção de “realidade psíquica”? Não esqueçam que, para Saussure, a união do significante e do significado constitui uma unidade psíquica. Seguimos com a citação:</p>
--	--

Figura 6 – Interação do autor com o público.

No formato do texto meta, a obra quer interagir com o seu público indiretamente, mas agora com um público que não, necessariamente, conhece ou está a par do assunto do texto, podendo ter diferentes tipos de leitores com propósitos mais distintos ainda, desde uma simples curiosidade quanto ao tema, para conhecê-lo, até mesmo um profissional do ramo psicanalítico que queira se aprofundar em outras visões na psicanálise.

Intenção

O autor, em suas palestras, tem a intenção de explicar “O grafo do desejo” a partir, primordialmente, do texto “*subversión del sujeto*”, de Jacques Lacan.

<p>El tema de hoy será la articulación entre lingüística y psicoanálisis. Para elaborar esa articulación citaré profusamente “Subversión del sujeto y dialéctica del deseo en el inconsciente freudiano”. Este escrito de Lacan será, de aquí en más, nuestro principal texto de referencia.</p>	<p>O assunto de hoje será a articulação entre linguística e psicanálise. Para elaborar essa articulação citarei profusamente “<i>Subversión del sujeto y dialéctica del deseo en el inconsciente freudiano</i>”. Este escrito de Lacan será, daqui para frente, nosso principal texto de referência.</p>
--	--

Figura 7 – Apresentação do autor do foco das aulas.

A tradução de “O Grafo do Desejo” tem o objetivo, de forma geral, de transmitir o conhecimento do autor para o público brasileiro que não domina o idioma castelhano ou para quem mais possa interessar (como nos auxiliou sua versão em inglês) e, de forma mais específica, os capítulos 03 e 04, além de também ter o objetivo geral em si, têm também o objetivo de avaliar o comportamento do *software* Wordfast para a consecução de uma memória eletrônica, bem como ser avaliado academicamente.

Meio

O meio foi o escrito, tanto o do texto fonte quanto o do texto meta, apesar de, na introdução da obra do texto fonte, ser informada a natureza das aulas como expositivas. O objeto trabalhado aqui foi o texto transcrito, assim como sua tradução.

Lugar

O livro “O Grafo do Desejo” foi criado e desenvolvido em Buenos Aires – Argentina, tanto as palestras verbalizadas quanto a obra transcrita. Já sua tradução para o português brasileiro foi feita em Brasília – Brasil.

Tempo

As palestras, que deram origem ao livro, foram ministradas no ano de 1993, já a obra utilizada para a tradução foi publicada em 2005, pela editora “*Letra Viva*” em sua segunda edição. A tradução foi desenvolvida nos anos de 2015 e 2016.

Motivo

Acredito que os motivos são diversos por partir de uma adaptação de uma mídia a outra, pois, inicialmente, eram palestras que atendiam à demanda de um curso de pós-graduação e que, posteriormente, passaram a aulas transcritas; atendendo, ainda, ao objetivo de registro das exposições. Outro motivo foi difundir um tema no universo psicanalítico, motivo esse que também está sendo transportado para o público brasileiro seja para análise por mera curiosidade ou para aprofundamento no assunto, entre outros.

Tema

O Grafo do Desejo

Conteúdo

São apresentados vários campos para compor a explicação do tema além da psicanálise, a topologia e a linguística são bases predominantes em toda a obra, contando com

citações de pensadores de outras nacionalidades, logo, temos inscrições em francês, alemão, inglês, além do castelhano da obra original e do português da obra traduzida.

“ <i>Overlapping</i> ” se traduce como “traslapar” o “solapar”, que son sinónimos. Ambas palabras provienen del <u>termino</u> latín que indica el piso e implica	“ <i>Overlapping</i> ” é traduzido no castelhano como “ <i>traslapar</i> ” ou “ <i>solapar</i> ”, que são sinónimos. Ambas as palavras provêm do termo em latim que indica o chão e
---	---

Figura 8 – Inglês

Lo que así se encuentra alienado (lo que deja de ser del sujeto y pasa a ser del Otro), constituye una “ <i>Urverdrangung</i> ”	Assim se torna alienado (deixa de ser do sujeito e passa a ser do Outro), constitui uma “ <i>Urverdrangung</i> ” [recalque
---	--

Figura 9 – Alemão

Un ejemplo es: “ <i>Il craint que je ne sois trop jeune</i> ”, quiere decir: “Él teme que yo sea demasiado joven”. Ahí está el <u>ne</u> expletivo funcionando. Se trata de una categoría gramatical cuya definición es:	Exemplo: “ <i>Il craint que je ne sois trop jeune</i> ”, quer dizer: “ <u>Él</u> teme que yo sea demasiado joven” em castelhano e “Ele teme que eu seja muito jovem” em português. Ai está o <u>ne</u> expletivo
--	--

Figura 10 – Francês

Consequentemente, essa composição textual deixou o processo de tradução mais complexo e trabalhoso, pois era complicado consultar outros códigos e extrair a informação correta que o autor gostaria de utilizar em sua composição, a procura da carga semântica para esses termos e frases por vezes se tornava exaustiva, pois tínhamos que fazer novas pesquisas em materiais que tinham que ser concernentes com o tema. Muitas vezes, procuramos versões em português das citações para cotejar possibilidades de traduções.

No entanto, o processo nos possibilitou interagir com outras áreas do conhecimento e ter acesso a outros materiais que coadunavam com o livro “O Grafo do Desejo”. Até mesmo a exploração de sua versão em inglês foi utilizada como material de apoio e pesquisa para ajudar a aclarar dúvidas como a inserção de notas explicativas por páginas, conforme fossem surgindo a necessidade de implementá-las ou ao final fazendo um título com todas as notas.

Pressuposições

A primeira pressuposição é de que o leitor está a par da psicanálise, das obras mencionadas e dos ensinamentos de Jacques Lacan. Outra pressuposição é de que o receptor

está familiarizado com o idioma castelhano e não com o francês, pois algumas vezes o autor explica as distinções entre segmentos franceses no castelhano.

No texto traduzido, foram mantidas as explicações do genitivo em francês e em castelhano e adicionadas as informações explicativas também em português.

<p>En francés la negación tiene estructura doble, por ejemplo "<u>ne pas</u>", "<u>ne guere</u>", "<u>ne rien</u>". La partícula negativa - a diferencia de lo que creería un hablante del castellano- no es el "<u>ne</u>", tan próximo al "no", sino la segunda: <u>pas</u>, <u>guere</u>, <u>rien</u>. Existe toda una serie de expresiones que, conteniendo el "<u>ne</u>", son afirmativas; es el caso que nos interesa. Para decir correctamente algunas frases afirmativas en francés se debe introducir en ella el "<u>ne</u>". Un ejemplo es: "<u>Il craint que je ne sois trop jeune</u>", quiere decir: "Él teme</p>	<p>Em francês a negação tem estrutura dupla, por exemplo, "<u>ne pas</u>", "<u>ne guere</u>", "<u>ne rien</u>". A partícula negativa - diferentemente do que acredita um falante do castelhano e do português - não é o "<u>ne</u>", tão próximo ao "no" em castelhano ou "não" em português, mas a segunda: <u>pas</u>, <u>guere</u>, <u>rien</u>. Existe toda uma série de expressões contendo o "<u>ne</u>" que são afirmativas, é o caso que nos interessa. Para dizer corretamente algumas frases afirmativas em francês deve-se introduzir nela o "<u>ne</u>". Exemplo: "<u>Il craint que je ne</u></p>
---	---

Figura 11 – Estratégia utilizada na tradução para esclarecer para o público brasileiro as explicações em castelhano do autor.

Composição textual

A obra completa é composta de 15 capítulos iniciados por um título e acompanhados de um número. O desenvolvimento dos capítulos é feito em parágrafos e citações alimentadas pelo autor e colocadas em margens distintas. No momento da tradução pelo *software*, as diferentes marcações de parágrafos e citações eram percebidas com a leitura atenta do texto, pois haviam parágrafos que eram dotados de construções complexas com frases simples. O programa possui *tags* que pontuavam marcações no texto para saber que ali havia uma particularidade do texto de partida, que seriam automaticamente transferidas para o texto traduzido caso o tradutor não interferisse.

Elementos não verbais

O texto fonte possui vários gráficos para ilustrar as aulas do autor, esses gráficos foram objeto de debate para decidir a sua inclusão ou não na tradução final do livro, porém,

optou-se pela não obrigatoriedade da colocação da imagem no arquivo traduzido. Algumas imagens eram dotadas de textos que necessitariam de sua tradução, optei por traduzir também os textos dos gráficos para ajudar a identificação das explicações nos gráficos, para isso, utilizei o auxílio do *MS-Paint* para editá-los e introduzi-los ao texto meta.

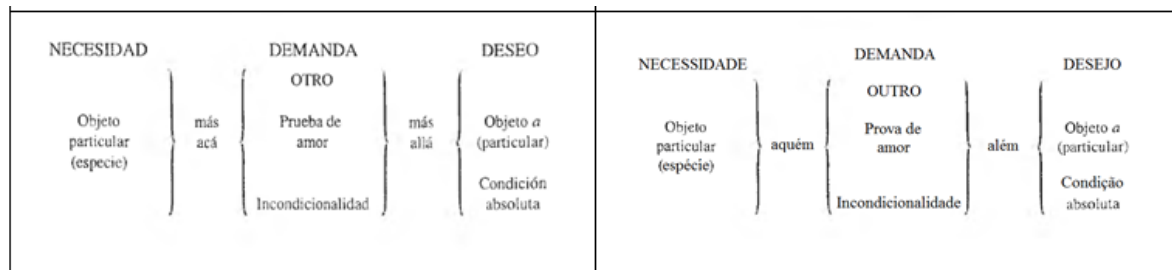


Figura 12 – Tradução de gráfico.

Léxico

Algumas áreas do conhecimento compõem a obra dando a ela um léxico específico e diversificado (topologia, linguística, psicanálise), bem como palavras de uso comum que, em alguns casos, se misturam com o léxico da especialidade. A natureza oral do texto contribui para o surgimento dessas palavras do uso cotidiano.

Por vezes, algumas dessas palavras exigiam uma análise mais detalhada para preservar ao máximo as intenções do autor, destaco a palavra “*retoño*” como marco da problemática do texto que despertou uma análise mais minuciosa, pois, pela sua peculiaridade, chamou a atenção no momento em que foi vista, sendo objeto de debate entre tradutores e revisores em reuniões formais e informais.

O dicionário da *Real Academia Española – RAE* define *retoño* como:

retoño

1. m. Vástago o tallo que echa de nuevo la planta.
2. m. coloq. Hijo de una persona, y especialmente el de corta edad.

Em uma pesquisa, o termo apareceu várias vezes na tradução de José Luis Etcheverry das Obras completas de Freud, como observado no fragmento a seguir: “*Los demonios son para nosotros deseos, malos, desestimados, retoños de mociones pulsionales rechazadas, reprimidas.*”.

Nas primeiras pesquisas, cheguei a algumas possíveis sugestões para a tradução deste termo (origem, rebento e ramificações), propondo como opção o termo *reberto* que tem como definição em alguns dicionários *online*:

Dicionário *online* Priberam,

re·ben·to

substantivo masculino

1. Início do desenvolvimento de planta, ramo, folha ou flor. = BOTÃO, BROTO, GEMA, RE NOVO
2. [Figurado] Filho.
3. Produto; fruto.

Dicionário *online* Michaelis,

reberto

re·ben·to

sm

- 1 BOT .V. broto, acepção 5.
 - 2 Resultado de um processo, de um trabalho ou de uma atividade; fruto, produto.
 - 3 Aquele que descende de outro; filho, herdeiro.
- ETIMOLOGIA *der regr* de *rebentar*.

Dicionário *online* Dicio,

reberto

Significado de Reberto

s.m. Pequeno broto de uma planta; renovo, vergôntea, gomo, botão. Germinação de uma semente, o desabrochar de um botão.

[Figurado] Fruto, produto: este livro é o mais novo rebento de seu espírito criador.

[Figurado] Filho.

Logo, o termo foi cotejado pela equipe nas revisões e, após deliberações, chegamos à conclusão de que o termo *ramificação* seria a opção mais satisfatória. Não consultamos outras traduções brasileiras das obras de Freud pela dificuldade que seria cotejar o uso dessas palavras em volumes tão grandes e em grandes quantidades. Contudo, consultamos a tradução

brasileira do livro “A significação do Falo”, de Diana Rabinovich, que possui uma descrição da mesma citação do livro “Escrito”, de Lacan, utilizada por Eidelsztein, que faz um comentário a respeito e esclarece que ‘rebento’ é o “termo que Freud usa em relação ao retorno do recaldo”.

Em seguida, fomos para o fragmento da tradução brasileira de “Escritos”, que apresentava a seguinte transcrição: “O que é assim alienado das necessidades constitui uma *Urverdrängung*, por não poder, hipoteticamente, articular-se na demanda, aparecendo, porém, num **rebento**, que é aquilo que se apresenta no homem como desejo (...)”.

Após essa sequência de operações, chegamos ao resultado “rebento” para o termo *retoño*, pois resgata “algo” que Freud usava e que é retomado por Lacan e comentado por Eidelsztein.

<p>Lo que así se encuentra alienado (lo que deja de ser del sujeto y pasa a ser del Otro), constituye una “<i>Urverdrängung</i>” [represión originaria] por no poder, por hipótesis, articularse en la demanda; pero que reaparece, en retoño, en lo que en el hombre se presenta como deseo (pág. 670).</p>	<p>O que assim se torna alienado [o que deixa de ser do sujeito e passa a ser do Outro], constitui uma “<i>Urverdrängung</i>” [recalque originário] por não poder, hipoteticamente, articular-se na demanda, mas que reaparece, num rebento, no que no homem se apresenta como desejo (pág. 670).</p>
<p>Ya iremos viendo que Lacan localiza en varios lugares distintos a la noción freudiana de represión originaria; éste es uno de esos lugares, pero no es el único.</p>	<p>Vamos ver que Lacan localiza em vários lugares diferentes a noção freudiana de recalque originário, esse é um desses lugares, mas não é o único.</p>
<p>La represión originaria es la forma psicoanalítica de hablar de una pérdida sin retorno; en este caso una pura pérdida que se <u>coherentiza</u> con un retoño de deseo. Si fuese “represión propiamente dicha” el retorno de la falta en la necesidad, retornaría como otra necesidad. Aquí no retorna, sino que tiene un retoño: el deseo.</p>	<p>O recalque originário é a forma psicanalítica de falar de uma perda sem retorno, nesse caso uma perda que se torna coerente com um rebento do desejo. Se fosse “recalque propiamente dito” o retorno da falta na necessidade, retornaria como outra necessidade. Aqui não retorna e sim tem um rebento: o desejo.</p>

Figura 13 – Ocorrências da problematização *Retoño*.

Estrutura da oração

No texto, predomina a oralidade que é apresentada de forma intercalada por orações simples e complexas para discorrer sobre o assunto. As orações simples são para fazer o preenchimento do texto e suas ligações de coesão, enquanto que as orações complexas são próprias do discurso núcleo e suas abordagens. O coloquialismo, as paráfrases, as enumerações e as reiterações são artifícios didáticos utilizados pelo autor e que procuramos manter na tradução.

Marcas suprasegmentais

Aspas, itálicos, negritos e parênteses são artifícios linguísticos utilizados para tornar o texto fluido, mantendo o ritmo, a pausa e a entonação, próprias de um texto coloquial.

A análise feita a partir do modelo de Nord permitiu visualizar de forma ampla a complexidade da obra e a presença das soluções adotadas, garantindo que todas as escolhas e as maneiras como elas foram feitas puderam constar no *software* para análises e ponderações.

Por fim, acredito que o Wordfast se mostrou eficiente em construir uma memória para esta obra de natureza psicanalítica, servindo, principalmente, de um atalho para resgatar soluções previamente inseridas em TMs podendo analisá-las na própria plataforma do programa, de forma que seja possível ver as informações motivadoras para cada solução e, até mesmo, acompanhar suas evoluções caso sejam alteradas em algum momento sem precisar ficar acessando outras mídias ou arquivos.

Essas características tornam o *software* uma escolha que economizará tempo em médio prazo para um usuário iniciante, e, após o domínio de suas ferramentas e a constituição de uma memória já iniciada, o processo tradutório será mais autônomo, apesar de sempre precisar (o que ficou comprovado na tradução de textos psicanalíticos) da constante interferência do tradutor para fazer pesquisas específicas externas e tomadas de decisões pontuais para transmitir a clareza necessária do texto e evitar a tradução palavra por palavra que, possivelmente, deixaria a tradução sem sentido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos deste trabalho foram conhecer o que são as ferramentas de auxílio à tradução, as *Cat tools*, em especial o Wordfast; saber se é possível montar uma memória de tradução para textos da psicanálise lacaniana, assim como, mostrar o porquê seria um problema montar uma memória eletrônica para uma área do conhecimento tão complexa. A experiência foi um verdadeiro desafio, pois não conhecia a psicanálise e apenas contava com um superficial conhecimento do *software*.

As impressões do Wordfast foram positivas, o *software* ajudou a evidenciar a necessidade do conhecimento linguístico e cultural para realizar a tradução de textos da psicanálise lacaniana. Também serviu de alerta para saber que o mercado de trabalho exige cada vez mais competência tecnológica para otimizar a tarefa do tradutor.

As expectativas sustentadas para o desenvolvimento de uma determinada tarefa em um tempo específico determinam a tecnologia a ser empregada, sobretudo de forma a reduzir o esforço exigido para a consecução de um trabalho especializado, como a tradução. (STUPIELLO p.303 – 304).

A construção da memória de tradução para a psicanálise lacaniana é possível, porém, requer do tradutor constante acompanhamento e monitoramento, utilizando a ferramenta como mais um recurso e não dando-lhe total autonomia.

REFERÊNCIAS

ALVES, Fábio.; MAGALHÃES, Célia.; PAGANO, Adriana. **Traduzir com autonomia.** Estratégias para o tradutor em formação. São Paulo: Contexto, 2013.

AMORIM, Lauro Maia.; RODRIGUES, Cristina Carneiro.; STUPIELLO, Érika Nogueira de Andrade (Org.). **Tradução & Perspectivas teóricas e práticas.** Editora: Unesp, 2015.

BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo.** Editora: NUPLITT/LETRAS, 2007.

CHAMPOLLION, Yves. **Wordfast.** Manual do usuário. Versão 5, 1999-2008.

EIDELSZTEIN, Alfredo. **El grafo del deseo.** 2ª ed. Buenos Aires: Letras Viva, 2005.

ESCALANTE, Alba. **Semejantes extraños:** tradução comentada de O sujeito e seu texto, de Teresa Palazzo Nazar. Orientador, Walter Carlos Costa; coorientador, Pedro Heliodoro Tavares. Florianópolis, SC, 2015.

FREUD, Sigmund. [1900 (1899)] La interpretación de los sueños. Trad. José Luis Etcheverry. In: _____. **Obras Completas.** IV – V. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1993.

FREUD, Sigmund. [1923] **El yo y el ello y otras obras.** In: _____. **Obras Completas.** Volumen XIX. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1993.

FREUD, Sigmund. [1926] ¿Pueden los legos ejercer el análisis? Diálogos con un juez imparcial. Trad. José Luis Etcheverry. In: _____. **Obras Completas.** XX. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1993.

GOOGLE Tradutor. Disponível em: <<https://translate.google.com.br/?hl=pt-BR/>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

LACAN, Jacques. **Escritos.** Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

NASIO, J. D. **Introdução à topologia de Lacan**. Trad. Claudia Berliner. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

NORD, Christiane. **Text analysis in translation: theory, methodology and didactic application of a model for translation-oriented text analysis**. Second Edition. Amsterdam-New York. Editions Rodopi B. V., 2005. 274 p.

PRIBERAM. **Dicionário de Língua Portuguesa**. Disponível em: <www.priberam.pt/>. Acesso em: 10 abr. 2016.

REAL Academia Española y Asociación de Academias de la Lengua Española. 1.^a edición. Madrid: Espasa Calpe, 2006. Edición en cartón.

TAVARES, Pedro Heliodoro. **Versões de Freud**. Breve panorama crítico das traduções de sua obra. Rio de Janeiro: 7letras, 2011.